

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE DE GOIÁS (PUC - GOIÁS)  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA  
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

SILVANA CUSTÓDIO PINHEIRO

**MEMÓRIAS RELIGIOSAS DA INFÂNCIA E PRÁTICAS EDUCATIVAS:  
O CASO DOS EGRESSOS DO EDUCANDÁRIO  
NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO**

GOIÂNIA

2015

SILVANA CUSTÓDIO PINHEIRO

**MEMÓRIAS RELIGIOSAS DA INFÂNCIA E PRÁTICAS EDUCATIVAS:  
O CASO DOS EGRESSOS DO EDUCANDÁRIO  
NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO**

Dissertação desenvolvida para a obtenção do título  
de Mestre em Ciência da Religião da PUC – Goiás.

Professora Orientadora: Dra. Carolina Teles  
Lemos.

GOIÂNIA  
2015

Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)  
(Sistema de Bibliotecas PUC Goiás)

P654m Pinheiro, Silvana Custódio.  
Memórias religiosas da infância e práticas educativas  
[manuscrito] : o caso dos egressos do Educandário Nossa  
Senhora do Rosário / Silvana Custódio Pinheiro – Goiânia,  
2015.

109 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica  
de Goiás, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em  
Ciências da Religião, 2015.

“Orientadora: Profa. Dra. Carolina Teles Lemos”.

Bibliografia.

1. Educação. 2. Religião. 3. Família. 4. Memória. I. Título.

CDU 2(043)



## FOLHA DE APROVAÇÃO

SILVANA CUSTÓDIO PINHEIRO

Memórias Religiosas da Infância e Práticas Educativas:

O Caso dos Egressos do Educandário

Nossa Senhora do Rosário

Dissertação desenvolvida para a obtenção do título  
de Mestre em Ciência da Religião na PUC – Goiás.

### BANCA EXAMINADORA

1. Profa. Dra. Carolina Teles Lemos – PUC Goiás (Presidente) \_\_\_\_\_
2. Prof. Dr. Valmor da Silva – PUC Goiás (Membro) \_\_\_\_\_
3. Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marlene Barbosa de Freitas Reis – UEG (Membro) \_\_\_\_\_
4. Prof. Dr. Alberto da Silva Moreira – PUC Goiás (Suplente) \_\_\_\_\_

Dedico este trabalho a meus pais, irmãos,  
marido, filhos e sobrinhos por fazerem parte  
da minha trajetória, contribuindo para que eu  
seja uma pessoa melhor a cada dia.

## AGRADECIMENTOS

A Deus pela saúde e persistência na busca dos meus projetos.  
A família pela compreensão na ausência, força no fraquejar.  
A Silvia Pinheiro pelo fomento financeiro, moral e afetivo.  
A Lindalva Pessoni e Marlene Cintra pelo incentivo.  
A professora Carolina pela disposição e paciência.  
Aos colegas de trabalho pela compreensão.  
Eni Praxedes e Divina Luciane, Obrigada!  
A PUC-Goiás pela oportunidade.

“É preciso sentir a necessidade da experiência, da observação, ou seja, a necessidade de sair de nós próprios para aceder à escola das coisas, se as queremos conhecer e compreender.”

*Émile Durkheim*



## RESUMO

PINHEIRO, Silvana Custódio. *Memórias religiosas da infância e práticas educativas: o caso dos egressos do Educandário Nossa Senhora do Rosário*. Mestrado em Ciências da Religião. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia: PUC Goiás, 2015.

Este estudo possui como tema o papel de uma escola confessional (O Educandário Nossa Senhora do Rosário) sob a perspectiva de alunos egressos. O problema de pesquisa foi entender quais aspectos da oferta religiosa feita através da instituição de ensino são percebidos na relação com a família e a comunidade pelos alunos egressos do ano de 1990. A escolha desse objeto de pesquisa se deu a partir da curiosidade em relação a uma escola confessional que traz em sua prática pedagógica princípios religiosos que, no período analisado, subsidiava as ações pedagógicas da escola. O objetivo geral foi analisar a partir da memória dos alunos egressos do Educandário Nossa Senhora do Rosário, ano 1990, as aproximações e os distanciamentos entre os objetivos propostos pelos conteúdos religiosos sobre família e comunidade conforme o programa da escola e a realidade cotidiana dos sujeitos, conforme percebida por eles. Os objetivos específicos foram: descrever a concepção de escola confessional por parte dos alunos egressos do Educandário Nossa Senhora do Rosário; identificar quais os objetivos e conteúdos religiosos em relação à família e comunidade são desenvolvidos na instituição de ensino; identificar, do ponto de vista dos alunos egressos, o diferencial na formação educacional religiosa quando na inserção do educando nas demais dimensões da sociedade. Para realizar esta pesquisa foi utilizada a abordagem qualitativa, tendo em vista a pesquisa bibliográfica aliada à pesquisa de campo. Como instrumentos de coleta de dados, foram utilizadas a observação, entrevistas semiestruturadas, análise documental e aplicação de questionários. Os teóricos que fundamentaram este estudo foram: Durkheim (1996); Brandão; Bosi (1994); Bourdieu (1998); Carvalho (1995); Laraia (2001); Martins (1989); entre outros. Foi apresentada a trajetória da pedagogia da alternância desde o surgimento na França à implantação de escolas fundamentadas nesta proposta no Brasil e, mais especificamente, no Estado de Goiás. O estudo revela que, para os alunos egressos, as ações pedagógicas da escola contribuíram para a formação deles na vida e adulta, bem como para a manutenção e construção de valores familiares.

**Palavras-chave:** Escola confessional, religião, família, memória.

## ABSTRACT

PINHEIRO, Silvana Custódio. Childhood's Religious Memories and Educational Practices: the case of the egresses from Educandário Nossa Senhora do Rosário. Science of Religion Master's Degree, Schedule of Post Graduation in Science of Religion Strict Sensu from Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia: PUC Goiás, 2015.

This study has as theme the role of one denominational school (Educandário Nossa Senhora do Rosário), under the egressed student's perspectives. The problem of this reaserch was to understand in which aspects of religious's offer done through the teaching institution are perceived in the family relationship and with the community by the egressed students in the year of 1990. The choice of that reaserch object was given from the curiosity in relation to one denomination school that brings in its teaching practice religious rules, that, in the analized period, subsidized such as teaching actions of the school. The aiming was to analize from religious's memories of the egressed students from Educandário Nossa Senhora do Rosário, year 1990, the aproachings and the detachments among the objectives suggested by the religious subject about family and community accordingly to the school's schedule and the routine reality of the subjects how is perceived by them. The specific aims were: to describe the conception of denominational school by the egressed student's part from Educandário Nossa Senhora do Rosário; to identify which of the objectives and religious subjects in relation to the family and community are developed in the teaching institution; to identify the point of view of the egressed students, the differential knowledge in religious education when in the insertion of the learner in other dimensions of society. In order to fulfil this reaserch was taken the qualitative approach, having as a view a bibliographic survey allied area survey. As tool of data collecting, was taken some observation, semistructured interviews, documentary analizes and applied questionnaires. The theorist who found this study were: Durkheim (1996); Brandão; Bosi (1994); Bourdieu (1998); Carvalho (1995); Laraia (2001); Martins (1989); and others. It was presented the track of teaching's alternation since the beggining in France until the insertion in schools based in this purpose in Brazil, more specifically, in Goiás state. The study shows that, to the egressed students, the teaching actions of the school added to their formation in the fully developed life, such as to the maintenance and building of family worths.

**Keywords:** Confessional school, religion, family, memory.

## LISTA DE APÊNDICE

APENDICE 1 - Questionário.....	111
--------------------------------	-----

## LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1-	Fachada antiga da escola.....	113
ANEXO 2-	Emblema da escola.....	114
ANEXO 3-	Fachada atual.....	115

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CEE – Conselho Estadual de Educação

CF – Constituição Federal

CIERGO – Comissão Interconfessional do Ensino Religioso de Goiás

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

EF – Ensino Fundamental

EI – Educação Infantil

ENSR – Educandário Nossa Senhora do Rosário

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PCN – Parâmetro Curricular Nacional

SEE – Secretaria de Estado da Educação

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	13
<b>1 EDUCANDÁRIO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO: UM OLHAR SOB A PERSPECTIVA HISTÓRICA E A CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO</b>	19
1.1 Os caminhos da escola confessional no Brasil e no Estado de Goiás ...	19
1.2 A Escola Confessional e a Legalidade .....	24
1.3 Escola confessional: educação, cultura e religião .....	32
1.4 A educação no Educandário Nossa Senhora do Rosário: Por que uma escola confessional? .....	38
1.5 Os Sujeitos da pesquisa: um olhar sob os aspectos metodológicos que subsidiaram o estudo .....	44
<b>2 O EDUCANDÁRIO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO SOB O OLHAR DOS SUJEITOS: MEMÓRIA, VIDA COTIDIANA, RELIGIÃO E FAMÍLIA</b>	51
2.1 Memória individual e coletiva: itinerantes das ações educativas do Educandário Nossa Senhora do Rosário pelo olhar de ex-alunos .....	52
2.2 Relevância de ter estudado em escola confessional .....	65
2.3 Quando escola, família e religião falam a mesma língua .....	69
2.3.1 Tipos de família .....	70
2.3.2 Função social da família .....	75
2.4 Integração entre a Família e a Escola .....	79
2.5 Relações, construções, conteúdos e modos de ver a vida .....	85
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	93
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	97
<b>APÊNDICE</b> .....	105
<b>ANEXOS</b> .....	107

## INTRODUÇÃO

Entendendo a religião como intenção primeira de educar para interação em comunidade, seja ela de qual abrangência for, despertou-nos a curiosidade para o fato de existirem escolas confessionais e convencionais distribuídas em todas as localidades do nosso país.

A existência dos dois tipos de escola possibilita à comunidade, escolher o modelo de escola em que pretendem matricular seus filhos e, para que isso seja possível, é necessário compreender as diferenças entre os dois tipos de instituição de ensino. Cabe-nos elucidar, neste momento, que a escola convencional trabalha os conteúdos do currículo, tendo com base os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN); enquanto a escola confessional trabalha os mesmos conteúdos, porém suas ações educativas, bem como as práticas pedagógicas são pautadas em métodos e posturas próprias da concepção religiosa a que pertencem.

Desta forma, acreditamos que a opção pelo modelo de escola é feita pelas famílias e, a permanência dos filhos nela vão ao encontro da proposta oferecida pela escola e as concepções de educação da própria família. Conforme pontuamos, nos dois modelos de escola, são desenvolvidos conteúdos do currículo comum determinado pelas instâncias governamentais educativas cabíveis em cada região e território. No entanto, consideramos, enquanto pesquisadora, que a escola confessional oferece o que aqui chamaremos de “algo mais” para a formação dos cidadãos que pode ser o fator decisivo para diferenciação de tais instituições.

É exatamente aqui que repousa a curiosidade que fomenta esta pesquisa. Em nossa pesquisa buscamos compreender o que é esse “algo mais” que é oferecido na escola confessional e de qual forma ele interfere na formação das pessoas que fazem parte de grupos sociais como a família e a comunidade.

Sendo assim, nosso objeto de Estudo, o Educandário Nossa Senhora do Rosário (ENSR), instalado no município de Inhumas, trata-se de escola confessional fundada por irmãs dominicanas e trabalha sob a perspectiva da Igreja Católica.

Apresentamos como problema de pesquisa, quais aspectos da oferta religiosa feita através da instituição de ensino são percebidos na relação com a família e a comunidade pelos alunos egressos do ano de 1990.

Educadora há alguns anos e aluna primária da instituição de ensino em questão, cresce o desejo de investigar como as ações educativas presentes na

proposta pedagógica do ENSR contribuíram para a formação dos alunos; bem como perceber se os conteúdos religiosos ali trabalhados possuem relação com as outras dimensões da cultura e da sociedade.

Nesse sentido, nosso objetivo geral, nesta pesquisa foi analisar a partir da memória dos alunos egressos do Educandário Nossa Senhora do Rosário, ano 1990, as aproximações e os distanciamentos entre os objetivos propostos pelos conteúdos religiosos sobre família e comunidade conforme o programa da Escola e a realidade cotidiana dos sujeitos, conforme percebida por eles.

Como objetivos específicos de nossa pesquisa, pretendemos descrever a concepção de escola confessional por parte dos alunos egressos do Educandário Nossa Senhora do Rosário; identificar quais os objetivos e conteúdos religiosos em relação à família e comunidade são desenvolvidos na instituição de ensino; identificar, do ponto de vista dos alunos egressos, o diferencial na formação educacional religiosa quando na inserção do educando nas demais dimensões da sociedade.

Buscamos compreender os fatores relevantes que podem contribuir para a manutenção da ordem social, visto que ela vem sendo ameaçada pelas transformações que os valores sofrem no mundo moderno. Acreditamos que o domínio de conteúdos religiosos pode agir de forma eficaz para as ações que serão desenvolvidas pelas pessoas durante toda a vida sejam elementos de coesão e manutenção da sociedade.

Valendo-nos de Berger (1985, p.28), afirmamos que “a sociedade funciona agora como a ação formativa da consciência individual”, pois o indivíduo é formado no decorrer do tempo em um contexto onde é participante com seus vários papéis e identidades apropriadas dependendo do tipo de relação que se estabeleça. Desta forma:

[...] o indivíduo como pessoa, com uma identidade objetiva e subjetivamente reconhecível, ele deve continuar a participar da conversação que o sustenta como pessoa na sua biografia em marcha. Isto é, o indivíduo continua a ser um coprodutor do mundo social, e assim de si mesmo (BERGER, 1985, p.31).

A proposta para a formação do indivíduo, sua manutenção e o resultado deste processo é evidenciado pelo sociólogo e teólogo acima citado.

Outro fator que merece atenção é o entendimento que se tem do conceito de comunidade, uma das instâncias da sociedade enquanto coesão dos indivíduos.



Segundo Lemos (2012), mesmo vivendo em grandes centros urbanos, com a presença dos avanços tecnológicos, com a busca da garantia do direito à individualidade, as pessoas estão buscando inserir-se em alguma forma de comunidade.

A religião busca a integração dos indivíduos com as comunidades e também das comunidades com a igreja em seu âmbito tanto informal como doutrinário. Desta forma, alguns estudiosos, filósofos e teólogos defendem sua crença na possibilidade de mudança do mundo. Seja qual for o credo, é unânime afirmar que todas as pessoas esperam alcançar a felicidade e a tranquilidade. Esta questão, geralmente, apresenta-se acompanhada de esforços para compreender de quais formas os problemas surgem na sociedade e nas comunidades, estas compreendidas e vivenciadas na forma de coesão de indivíduos que pensam da mesma maneira, que procuram a convivência harmoniosa e convergem para o caminho da busca de entendimento e soluções, de compreensões e raciocínios.

Entendendo essa forma controversa de individualidade e de interação em comunidade, é coerente afirmar que o estudo e a pesquisa neste veio da ciência ainda têm muito a se desenvolver.

A escola confessional é uma instituição educacional que visa formar seus alunos para autonomia de pensamento e de ações coerentes com o bem comum na sociedade em que vivemos.

Embora com uma descrição peculiar dos pesquisadores da religião e da educação, a religião é tema de estudos e pesquisas em nossa sociedade há muito tempo. Da mesma forma, a educação, tida como meio dos indivíduos conquistarem um “lugar ao sol” numa sociedade cada vez mais competitiva e capitalista. Neste contexto, a religião, seja qual credo for, tem o objetivo de oferecer subsídios espirituais que confortem as pessoas e os alimente em seus anseios para uma vida tranquila e longa.

Em se tratando da proposta educativa das escolas confessionais, mais especificamente do ENSR, acreditamos que, religião e educação se entrelaçam na busca por formar um cidadão integral. Importante destacar que existem diferenças marcantes na forma da oferta religiosa no país, bem como na oferta educacional em termos de política e ideologia educacional.

Temos no Brasil as escolas públicas, privadas e conveniadas. As públicas são mantidas por órgãos do governo nas esferas federal, estadual e municipal. As

privadas são mantidas por recursos próprios das famílias ou por empresas também privadas. Já as escolas conveniadas utilizam de ambas as fontes em algum sentido. Entre as privadas e conveniadas temos mais uma diferença: as confessionais e as laicas.

As escolas confessionais e tudo que a ela se refere será detalhado no 1º capítulo em um item específico.

É aos pais que cabe a decisão de matricular os filhos numa escola. A lei proíbe apenas o proselitismo (empenho em converter uma ou várias pessoas a uma determinada causa, ideia ou religião). Atividades culturais e tradições seguidas por escolas confessionais e muitas vezes, diferentes do universo familiar de alguns alunos, podem fazer parte da rotina escolar, mas a participação é facultativa.

Schunemann (2009) contribui com seu estudo e afirma que as escolas confessionais exerceram forte influência na educação brasileira. Isso se deu desde a época da colonização do Brasil pelos portugueses que, com a vinda dos padres jesuítas iniciou o processo de educação formal em todo território colonizado.

Esse quadro só foi alterado com a universalização do Ensino Fundamental, no final do século XX. Pequenos progressos nesse sentido foram garantidos pelo governo de Getúlio Vargas quando ações efetivas e aumento sistemático da oferta do ensino público garantiam oportunidade para uma quantidade maior de crianças e jovens frequentarem as salas de aula. Estudos revelam que em 2009, apenas cerca 10% da população escolar brasileira frequentava escolas particulares.

Portanto, uma parte das grandes redes de ensino hoje no país não estão vinculadas às igrejas. Contudo, a parcela mais privilegiada economicamente do país tem acesso a escolas particulares e por isso podemos concluir que uma parte da elite do país é formada nas escolas confessionais. Assim, elas mantêm um papel importante na formação da mentalidade brasileira.

Desta forma, nesta pesquisa, além de um breve relato acerca do percurso histórico que possibilitou a existência de escolas confessionais; apresentamos reflexões sobre as ações educativas das escolas confessionais, mais especificamente do ENSR. Para isso, utilizamos em nosso arcabouço teórico, as contribuições de Bourdieu (1998); Brandão (1995); Geertz (1989); Laraia (2001); Bosi (1994 e 2003); dentre outros para definição de conceitos básicos para este estudo como cultura, religião, memória e educação.

Por meio deste estudo, fizemos uma pesquisa de caráter bibliográfico e empírico no sentido de averiguar e tecer análise a respeito dos aspectos da oferta religiosa em uma instituição de ensino confessional e sua relação com a família e a comunidade de acordo com a compreensão que os alunos egressos do ano de 1990 tiveram.

Para tanto, realizamos uma revisão bibliográfica das obras de teóricos de áreas afins, bem como de pesquisadores contemporâneos. A análise documental foi realizada por meio da consulta nos livros de Ata da instituição que ora se dispôs a colaborar (ENSR), diários de professores, planos de aula e projeto pedagógico do período compreendido entre os anos de 1985 e 1990 localizados nos arquivos da instituição.

Este período foi priorizado com a intenção de compreender o espaço de tempo em que os alunos egressos que se formaram na então 4ª série do 1º grau em 1990 estiveram matriculados na escola e frequentaram as aulas, sendo, portanto ouvintes e participantes no desenvolvimento das aulas quando os objetivos e os conteúdos propostos foram ou não alcançados.

Acreditamos que o ano de 1990 é relevante para a pesquisa por ser o período que sucede à permanência da pesquisadora na instituição de ensino, a fim de não transferir juízo de valor aos dados colhidos e também por facilitar a localização dos alunos egressos, por existir a possibilidade de serem pessoas conhecidas socialmente, sem vínculo de amizade e familiar, da pesquisadora.

No sentido de garantir veracidade à pesquisa foram entrevistados 40% dos alunos egressos da Turma de 1990, constituindo-se em uma amostra de 15 participantes.

Os registros de matrícula dos alunos foram averiguados na secretaria da escola para definir uma forma de contato com esses alunos que hoje já estão na vida adulta e que, por ventura, continuem residindo no município de Inhumas. Os endereços, pontos de referência, possíveis números de telefone, nome dos pais, auxiliaram na localização desses ex-alunos, já que se trata de uma cidade do interior do estado de Goiás, localizada a 35 km a sudoeste da capital, Goiânia, e que na maioria das vezes as pessoas se conhecem, assim como as famílias e seus membros.

De acordo com Barros e Lehfeld (2012), o questionário é um instrumento muito utilizado na coleta de dados para pesquisa científica de áreas diversas do

conhecimento. O formulário também, mas se diferenciam pela forma de aplicação. O questionário é preenchido pelo próprio entrevistado, e o formulário é preenchido indiretamente, isto, é pelo entrevistador.

O trabalho foi dividido em dois capítulos.

No primeiro, apresentamos um breve histórico da educação brasileira, identificando a participação da Igreja Católica neste processo. Desta forma, buscamos identificar nosso objeto de estudo, situando-o quanto à concepção de educação e cultura das escolas confessionais.

Ainda no capítulo I, apresentamos a metodologia de que nos utilizamos para realizar esta pesquisa, descrevendo os instrumentos de coletas de dados utilizados, bem como explicitando a forma como os sujeitos contribuíram para a realização da mesma.

No segundo capítulo, buscamos averiguar se os ensinamentos e vivências obtidas no Educandário Nossa Senhora do Rosário (ENSR), em Inhumas – GO foram relevantes para a formação e atuação do adulto que temos hoje, levando em consideração a exploração de questionários aplicados a 15 alunos egressos da escola, que estudaram na mesma durante a década de 1990.

Desta forma, apresentamos algumas reflexões sobre memória, vida cotidiana, religião e família a partir das análises dos questionários feitos com os alunos egressos do ENSR, turma que concluiu seus estudos na escola no ano de 1990.

Após identificar as questões teórico-metodológicas que subsidiaram a implantação e permanência da escola confessional, ENSR, partimos para a busca das memórias dos egressos. O que fizemos foi apoiar-nos nos depoimentos desses ex-alunos. Testemunhos que foram interpretados por nós, enquanto pesquisadora, ao longo do capítulo 2.

# **CAPÍTULO I**

## **EDUCANDÁRIO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO: UM OLHAR SOB A PERSPECTIVA HISTÓRICA E A CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO**

Neste capítulo, apresentamos um breve histórico da educação brasileira, identificando a participação da Igreja Católica neste processo. Desta forma, buscamos identificar nosso objeto de estudo, situando-o quanto à concepção de educação e cultura das escolas confessionais.

Faremos ainda uma apresentação da metodologia de que nos utilizamos para realizar esta pesquisa, descrevendo os instrumentos de coletas de dados utilizados, bem como explicitando a forma como os sujeitos contribuíram para a realização da mesma.

Buscamos averiguar se os ensinamentos e vivências obtidas no Educandário Nossa Senhora do Rosário (ENSR), em Inhumas – GO foram relevantes para a formação e atuação do adulto que temos hoje, levando em consideração a exploração de questionários aplicados a 11 alunos egressos da escola, que estudaram na mesma durante a década de 1990.

### **1.1- Os caminhos da escola confessional no Brasil e no Estado de Goiás**

Para compreendermos a implantação e funcionamento de uma escola confessional no interior do país, é preciso buscar na história da educação do Brasil as origens desse modelo de escola

De acordo com os autores Marcondes, Menslin, Ribeiro e Junqueira (2007, p. 619):

A educação confessional pressupõe um credo e uma religião. Uma instituição confessional é aquela que adota uma confissão explícita no desempenho de suas atividades. De certa forma, toda instituição de ensino, pública ou particular, é confessional. Por trás disso, e influenciando cada escolha que se faz, está uma concepção de vida, de mundo, de sociedade, do ser humano, que por fim irá determinar o método. O que são essas coisas senão um tipo de confissão? Portanto, mesmo instituições educacionais públicas têm seu credo. Como seguem modelos científicos mais aceitos, poucos estranham ou contestam tais crenças. O humanismo, por exemplo, tem seu credo e sua confissão. A diferença, no caso de entidades confessionais religiosas, é que este credo é explícito e objetivamente assumido no campo da espiritualidade. Logo, quando se fala em escola confessional imediatamente se pensa em escola ligada a uma religião.

De acordo com as considerações desses autores, a educação confessional diz respeito à questão da adoção de um credo e uma religião, estando ligada a uma concepção de vida, de escolha do indivíduo. Desta forma, ressaltamos que o ENSR trata-se de uma escola particular fundamentada sob a perspectiva da Igreja Católica sobre a qual falaremos mais adiante. Antes, é necessário situar nosso objeto de estudo no contexto histórico em que se insere, tendo em vista a totalidade do processo. É preciso compreender o papel da Igreja no processo educativo, para que possamos entender a perspectiva de trabalho do ENSR.

No Brasil a educação apresenta, a princípio, uma profunda ligação com a Igreja Católica. De acordo com Giles (1987, p. 285) “o processo educativo no Brasil deve suas origens e estrutura fundamental à obra da Companhia de Jesus, aos jesuítas”. Este autor mostra que no ano de 1548 houve uma solicitação da corte portuguesa para que enviassem a Companhia de Jesus para a “nova colônia” para que os mesmos pudessem catequizar os brasileiros. Esta proposta de ação jesuítica pressupunha não apenas ensinar uma religião; era necessário, sobretudo, ensinar uma nova língua, uma nova cultura, enfatizando os padrões europeus na nova colônia.

Neste período, segundo este autor, D. João elegeu como primeiro secretário da Educação, o padre Manuel da Nóbrega, que apresentou um sistema de ensino pautado numa formação humanista. Segundo Giles (1987, p. 285) o humanismo “trata-se de um programa de estudos que corresponde ao ideal do homem culto, o homem erudito nas letras, tão honrado em Portugal como também, em geral, na Europa”.

Assim a formação do aluno visava não à qualificação profissional, mas a formação de uma elite letrada e caracterizada de acordo com os princípios de cultura europeia. O autor ressalta ainda que naquele período, além de escolas destinadas a catequizar os índios, foram fundados seminários para a formação de futuros sacerdotes e escolas para meninas. As escolas para meninas destinavam-se a prepará-las para uma vida de integridade moral preconizadas pela Igreja Católica. Nesse sentido, as escolas buscavam ou formá-las para a vida cristã (freiras) ou prepará-las para a vida doméstica e, mais tarde, por meio das escolas normais, formá-las professoras.

Segundo Giles (1987, p. 185 e 286):

Aqueles alunos que se destinam para a vida eclesiástica dirigem-se para a Europa. Em termos de estrutura, este é esquema que será implantado e virá atravessar todo o período colonial e imperial, para atingir o período republicano. Este padrão se torna ideal e símbolo do homem bem-sucedido e, portanto, será o objetivo almejado por todos aqueles que procuram promoção social

De acordo com a descrição deste autor acerca da educação no Brasil, a permanência dos jesuítas no Brasil, bem como a forma de educação por eles implantada durou até o ano de 1759, quando os mesmos foram expulsos deste país. Segundo Giles (1987, p. 286) “nesta ocasião, quando os jesuítas foram presos e enviados para Portugal, já havia sob sua direção vinte colégios, doze seminários, além de um colégio e um internato para meninas”.

A decisão de expulsar os jesuítas, segundo este autor, foi decisivo para o processo educativo do Brasil; entretanto, como os substitutos dos jesuítas tinham sido por ele formados, “o objetivo do ensino continua a ser a formação religiosa-humanista, seguindo os métodos utilizados pelos mestres jesuítas” (Giles, 1987, p. 286).

É preciso, pois, considerar que o modelo de educação proposto e organizado pelos jesuítas serviu-nos de único modelo e, portanto, foi cuidadosamente seguido durante muitos séculos pelos brasileiros. Desta forma, percebemos que a educação brasileira, desde o princípio, esteve relacionada à Igreja Católica, tendo-a como a principal responsável pela formação inicial de crianças e jovens brasileiros no período até aqui exposto.

As considerações Giles (1987) apontam para uma elitização da educação, que era prioridade para aqueles que poderiam pagar por ela, uma vez que as instituições eram de origem católica e privada. Este quadro sofreu transformações, porém, continuou sendo determinado sob a perspectiva de escolas particulares, confessionais e católicas durante longos anos da história da educação brasileira.

Assim, é necessário ressaltar que, as escolas confessionais, sejam elas seminários ou colégios, disseminaram-se pelo Brasil mesmo após a expulsão dos jesuítas.

No Estado de Goiás, a educação confessional chegou por meio da Congregação das irmãs dominicanas. Segundo Gonçalves (2014, p. 47):

As irmãs Dominicanas chegaram ao nosso país em 1885, na cidade de Uberaba, no estado de Minas Gerais. O objetivo principal da congregação das Dominicanas de Nossa Senhora do Santíssimo Rosário de Monteils era o ensino, mas se dedicaram também ao atendimento de outras



necessidades da comunidade, buscando transmitir de princípios elementares de higiene a educação moral e espiritual. Seu carisma é: “orai e ide”. A competência profissional das irmãs Dominicanas fez com que prefeitos de várias cidades, párocos e a população em geral apelassem para que fundações dessa congregação se multiplicassem pelo país.

A presença das irmãs Dominicanas na região de Minas Gerais durou pouco tempo. Entre 1885 e 1889, as irmãs fundaram em Uberaba, o Colégio Nossa Senhora das Dores.

De acordo com Gonçalves (2014, p. 50) “em Goiás, a história das irmãs dominicanas teve início no ano da proclamação da República”. Segundo as considerações desta autora, elas chegaram à antiga capital<sup>1</sup> em setembro de 1889. Lá elas fundaram o Colégio Sant’Ana, que seria destinado a funcionar em regime de internato e seria apenas para a educação feminina.

Segundo Gonçalves (2014, p. 50):

O Colégio Sant’Ana foi sendo ampliado aos poucos assim como o trabalho desenvolvido pelas dominicanas, de modo que além da instrução passaram a se dedicar ao asilo, ao orfanato e ao hospital de caridade. Concomitantemente, o alcance de sua obra educativa também foi se expandindo: em Bela Vista, foi fundado o Colégio Santa Catarina e em Porto Nacional, o Colégio Sagrado Coração de Jesus.

Desta forma, a educação confessional foi instalada no Estado de Goiás sob a orientação e coordenação das irmãs dominicanas, que, em 1960, estariam também ligadas à instalação do ENSR no município de Inhumas.

É importante ressaltar que, em nível nacional, partir do século XIX, segundo Giles (1987), houve uma demanda para que o Estado erradicasse o analfabetismo. Em seguida, já em 1924 iniciou-se um processo de discussão na intenção de modificar o processo educativo. De acordo com Giles (1987, p. 291):

Em 1924, cria-se a Associação Brasileira de Educação com a finalidade de tornar o público, as autoridades e os próprios educadores conscientes dos problemas com que o processo educativo se defronta, a fim de buscar soluções adequadas para os mesmos. Este movimento leva ao *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nacional*, que será lançado em 1932. Este centrar-se-á nas candentes questões sobre a gratuidade do ensino, a obrigatoriedade da frequência escolar, a laicidade do ensino, a igualdade de acesso à instrução independentes do sexo e, enfim, a elaboração de um planejamento do processo educativo em âmbito nacional.

Conforme os apontamentos deste autor, havia uma reação dos intelectuais da época para que houvesse uma mudança significativa na questão do

---

<sup>1</sup> Atualmente: Cidade de Goiás.



ensino no país. Nesse sentido, vê-se como uma das preocupações a laicidade do ensino, haja vista que até então, este tivera sido conduzido pela Igreja Católica.

Na contramão da demanda nacional em busca da gratuidade e laicidade do ensino, a Igreja Católica continuou o processo de ampliação e implantação de escolas confessionais no Estado de Goiás. Segundo o Projeto Político Pedagógico (2015) do Educandário Nossa Senhora do Rosário:

O Educandário Nossa Senhora do Rosário foi fundado em cinco de março de 1960, pelas Irmãs Dominicanas do Santíssimo Rosário. Vendo a necessidade de uma escola católica em Inhumas, o Senhor Prefeito e o Reverendíssimo Padre José Milanez, fizeram o pedido a Madre Órsola Parozzi, vigária da Congregação, de uma comunidade de irmãs para a cidade de Inhumas e que tivessem como prioridade a Pastoral Educacional (PPP, 2015, p. 4).

Ainda de acordo com este documento, o ENSR “propõe-se a uma educação libertadora-transformadora inspirando-se no lema da Congregação “Educar e Instruir com amor” (PPP, 2015, p. 25). Desta forma, observamos que a escola apresenta as concepções da escola confessional voltadas para a formação humana integral, para que possam formar indivíduos solidários e justos.

Nesse sentido, todas as ações e símbolos do ENSR estão pautados nesta perspectiva de trabalho educativo que são próprios das escolas confessionais. Como exemplo, além das questões observadas no PPP (2015) da escola, observamos que o emblema desta apresenta significados relacionados à prática. De acordo com o PPP (2015), o preto simboliza a penitência e o branco a pureza, símbolos da Ordem Dominicana, da qual as irmãs que dirigem a escola fazem parte (Anexo 2).

O ENSR possui, ainda, um hino. Maria Tereza de Moraes Soares, nascida em 05 de abril de 1953 na cidade de Ceres – GO é a autora deste. Segundo esta mulher<sup>2</sup>, o objetivo de escrevê-lo foi de prestar uma homenagem à Congregação, escolhendo como melodia o hino Pontífice de Roma e a letra dedicada à missionária como molde italiano mostrando toda a coragem e grande apreço que ela sente pela comunidade.

Durante a realização de nossa pesquisa, e, analisando os documentos que em que constam os nomes das pessoas que atuaram e atuam na mesma, notamos que há uma preocupação da escola em relação à escolha da diretora. De

---

<sup>2</sup> Entrevista semiestruturada realizada pela pesquisadora em 23/0001/2015

acordo com os relatos obtidos durante a pesquisa todas as diretoras, desde a fundação da escola, eram freiras.

Assim sendo, cabe-nos observar que a escola busca manter o padrão de confessionalidade, mantendo-se voltada não apenas para uma formação humanista, mas para uma atuação pautada nas práticas religiosas.

Portanto, é necessário compreender as questões legais que permeiam o funcionamento deste modelo de escola num país que preconiza a laicidade do ensino. Nesse sentido, no próximo item, buscamos a partir das leis que regem o ensino no Brasil, questões que levem à questão da legalidade das escolas confessionais e/ou do Ensino Religioso, uma vez que a proposta de educação deste modelo de escola enfatiza uma educação pautada na religiosidade.

## **1.2 A Escola Confessional e a Legalidade**

Partindo do princípio da laicidade<sup>3</sup> do ensino, pressupõe-se que a existência de escolas confessionais parte de uma questão não apenas histórica, mas de uma legalidade necessária ao funcionamento destas. Nesse sentido, na intenção de traçar um paralelo referente ao funcionamento do ENSR na década de 1980 e a atualidade, buscamos nas leis e resoluções relativas à questão das religiosidades nas escolas, tendo em vista, a melhor entendimento sobre o funcionamento da escola pesquisada.

Conforme pudemos observar, segundo Marcondes, Menslin, Ribeiro e Junqueira (2007), o termo educação confessional refere-se à escola vinculada ou pertencente a igrejas ou confissões religiosas que baseia seus princípios, objetivos e forma de atuação numa religião específica, diferenciando-se, portanto, das escolas laicas que não tem interferência de ideais religiosos. Para esse tipo de escola o desenvolvimento da concepção religiosa e moral nos alunos é o objetivo primeiro do trabalho educacional. Dessa forma, se por um lado a escola laica constrói sua proposta baseada em correntes pedagógicas, por outro lado, a confessional procura ter também um embasamento filosófico teológico.

Segundo Meneses (2002, p 27):

---

<sup>3</sup> Laicidade é um substantivo feminino que designa a qualidade de algo ou de alguém que é laico. A laicidade corresponde a uma doutrina ou um sistema político que defende a exclusão da influência da religião no estado, na cultura e na educação. A laicidade é uma característica da grande maioria dos países (Dicionário online de Português, 2015).

As escolas confessionais ficaram caracterizadas no passado por atuar com uma educação programática. Ou seja, o importante era que o professor passasse todo o programa da disciplina e se o aluno, que ouvia calado, não aprendesse, era porque não se esforçava o suficiente. Atualmente, muitas escolas confessionais separam o conteúdo laico do religioso, colocando, por exemplo, o ensino religioso como uma disciplina da grade curricular.

É importante compreendermos que as escolas confessionais são instituições privadas ou mesmo ou mesmo conveniadas, tendo em vista que a de acordo com a Constituição Brasileira, a educação oferecida pelo Estado deve ser, obrigatoriamente, laica.

Assim, a existência de escolas confessionais está fundamentada também na Constituição Federal (CF) (2012), no que se refere ao direito de se exercer a liberdade de crença religiosa. Segundo este documento:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

§ 1 - homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição;

§ VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e as suas liturgias;

§ VIII - ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei [...] (BRASIL, 2012, p. 13)

No que se refere à existência de uma disciplina que se destina, especificamente, a ensinar uma religião, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/96) define que:

O ensino religioso, de matrícula facultativa, constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de Ensino Fundamental, sendo oferecido, sem ônus para os cofres públicos, de acordo com as preferências manifestadas pelos alunos ou por seus responsáveis, em caráter:

I - confessional, **de acordo com a opção religiosa do aluno ou do seu responsável** ministrada por professores ou orientadores religiosos preparados e credenciados pelas respectivas igrejas ou entidades religiosas; ou

II - interconfessional, resultante de acordo entre as diversas entidades religiosas, que se responsabilizarão pela elaboração do respectivo programa. (grifo nosso)

No que diz respeito à confessionalidade da disciplina de Ensino Religioso, vale ressaltar que o mesmo princípio deste artigo é válido também para a escola como um todo, quando ressalta a opção religiosa do aluno e da família para que seja ministrada a disciplina e para que haja a participação nas aulas. No caso específico

desta pesquisa, para que o aluno frequente a escola e participe das atividades religiosas lá desenvolvidas pelos profissionais da instituição.

Em julho de 1997, passou a vigorar uma nova redação do artigo 33 da LDB 9394/96 (Lei n.º 9.475):

O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo.

§ 1º Os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos do ensino religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão dos professores.

§ 2º Os sistemas de ensino ouvirão entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas, para a definição dos conteúdos do ensino religioso.

Neste sentido, a lei destina-se a orientar a respeito da condução e concepção da disciplina de “Ensino Religioso”, não contemplando a questão da existência de escolas confessionais de caráter especificamente religioso.

Observando esta lei, acreditamos que, quando a lei veda qualquer forma de proselitismo<sup>4</sup>, entende-se que o Estado, na forma da Lei, proíbe a atividade caracterizada pelas tentativas de converter as pessoas a uma determinada crença em detrimento de outra. Ressaltamos, no entanto, que as leis supracitadas não subsidiam a escola confessional, tendo em vista que a característica principal deste modelo de escola é trabalhar em uma crença religiosa específica, conforme sua orientação.

Assim sendo, é preciso buscar nas raízes históricas destas escolas, seus fundamentos e princípios, para que possamos compreender os preceitos por meio dos quais ela fundamenta seu trabalho hoje e, assim, entender melhor os fundamentos de nosso objeto de pesquisa, o ENSR.

Durante mais de um século, a partir de quando os jesuítas fundaram a primeira escola no Brasil, a Igreja foi responsável pela educação brasileira. Inicialmente, com o objetivo de catequizar os índios, em seguida, como escolas confessionais privadas destinadas a formar a elite intelectual do país.

De acordo com Souza (2012), a religião católica foi deliberada com religião oficial do Brasil:

A Constituição Imperial de 1824, estabelecia que o catolicismo era a religião oficial do Brasil. Isso durou até 1891, quando foi promulgada a primeira constituição republicana brasileira. De lá pra cá, até a última, de 05 de

---

<sup>4</sup> s.m. Ação ou empenho para se fazer prosélitos; catequese, apostolado ou doutrinação: proselitismo ideológico, religioso, político etc (Dicionário Online de Português, 2015).

Outubro de 1988, todas as cartas magnas do país, preceituam o Brasil como um Estado laico. (SOUZA, 2012)

A partir de 1891 Estado e Igreja deram início a um processo de separação, que só ocorreu de forma ampla em 1988 a partir da Constituição Federal Brasileira promulgada naquele ano.

O Conselho Estadual de Educação (CEE), que legisla sobre a Educação nas esferas de sua competência, aborda a questão da escola confessional da mesma forma como a LDB, enfocando o trabalho com o Ensino Religioso em todas as instituições de ensino sob sua jurisdição, com a Resolução N°285, de 09 de dezembro de 2005, que determina da seguinte forma:

**Art. 1º** - O Ensino Religioso, de matrícula facultativa, parte integrante da formação básica do cidadão, constitui disciplina de oferta obrigatória, nos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental e médio, inclusive de educação de jovens e adultos assegurado o respeito à diversidade religiosa e cultural do Brasil e a todas as crenças individuais.

**Art. 2º** - O Ensino Religioso é área de conhecimento integrante da base nacional comum e visa a subsidiar o aluno na compreensão do fenômeno religioso, presente nas diversas culturas e sistematizado por todas as tradições religiosas, deve ter tratamento igual dado a outras disciplinas da educação básica, no que couber.

**Art. 3º** - Se maior, o aluno que optar pela disciplina Ensino Religioso deve se manifestar por escrito no início do ano letivo, perante a direção da unidade escolar, se menor, a manifestação deve ser formalizada por pais ou responsáveis.

**§ 1º** - A escola deve apresentar ao aluno, no ato da manifestação, a proposta pedagógica de Ensino Religioso para referenciar a sua opção ou não.

**§2º** - Os estabelecimentos de ensino devem oferecer aos alunos que não optarem pelo Ensino Religioso, no mesmo horário, outros conteúdos de formação geral.

Após verificar as questões legais que permeiam a educação religiosa no Brasil, verificamos que o ENSR, escola pesquisada, está atuando de acordo com as resoluções citadas. Para que pudéssemos observar esta questão, analisamos as fichas de matrículas dos alunos<sup>5</sup> na secretaria da escola. Nesta ocasião, vimos que existem declarações a partir das quais os pais dos alunos identificam a que tipo de religião a família do aluno pertence, na intenção de autorizar ou não a participação da criança nas atividades específicas da religião católica. Como exemplo das atividades próprias da religião católica, observamos que a escola realiza as seguintes atividades: a oração matinal com o uso do terço, a referência que é feita aos anjos e santos, como no caso de Nossa Senhora do Rosário, sobre as quais falaremos com mais detalhes no capítulo 2.

---

<sup>5</sup> Observação realizada pela pesquisadora no dia 09/04/2013.

Ainda sobre a análise de documentos realizada na secretaria da escola, ao observamos o livro de registro de matrícula nº 04, páginas 65-71. Nesta ocasião, notamos que nas fichas dos alunos matriculados no ENSR entre os anos de 1985 e 1990, não havia nenhum tipo de declaração em relação à religiosidade dos alunos matriculados.

Seguindo com a análise da Resolução N° 285/2005/LDB, observamos que, mesmo a escola desenvolvendo suas atividades com crianças da Educação Infantil (EI) e Primeira Fase do Ensino Fundamental, ela obedece ao que rege a legislação e faz as adaptações necessárias para alcançar o entendimento dos alunos nas diversas faixas etárias em relação aos conteúdos. Assim, alguns conteúdos são incorporados ao currículo escolar do ENSR, tendo em vista a realização da proposta de trabalho da escola. Vejamos quais são elas observando a Resolução N° 285, DE 09/12/2005, do Conselho Estadual de Educação/Go:

**Art. 5º** - Os conteúdos programático da disciplina Ensino Religioso devem ser organizados dentro dos seguintes eixos:

I - **Antropologia das Religiões**: o fenômeno religioso é entendido como construção cultural da humanidade, manifestada por meio de crenças e religiões, que interagem com o cotidiano por ela vivido e produzido.

II - **Sociologia das Religiões**: o fenômeno religioso é estudado do ponto de vista dos aportes e conflitos civilizatórios, criados por sociedades humanas, formados por experiências de diferentes crenças.

III - **Filosofia das Religiões**: O fenômeno religioso é tratado como manifestação ética da humanidade e como forma de compreensão do vivido, assim como da destinação humana, por meio das divindades, dos textos sagrados, das espiritualidades.

IV - **Literatura sagrada e símbolos religiosos**: refere-se aos livros sagrados das religiões monoteístas e também orais, culturais e simbólicas, dos cultos afro-brasileiros de matriz africana e dos indígenas brasileiros.

**Art. 6º** - Os conteúdos do Ensino Religioso serão ministrados como disciplina a partir do 6º ano do ensino fundamental, se este for de 9 (nove) anos, e, a partir da 5ª série, se a duração deste nível da educação básica ainda for de 8 (oito) anos, e, também, nos 3 (três) anos do ensino médio.

Diante desta proposta curricular notamos que, em situações diferentes e com adaptações pertinentes ao nível de ensino, é possível desenvolver atividades sobre os mais variados conteúdos preestabelecidos ou menos necessários conforme a necessidade e interesse da turma.

Dando seguimento, o Parágrafo único da referida lei, trata especificamente da faixa etária a aqui abordada e nos tranquiliza no aspecto do entendimento que deve ser proporcionado às crianças, bem como da forma de trabalho melhorada, deixando oportunidades para se diversificar as metodologias neste período empregadas.



**Parágrafo único** - Nos 5 (cinco) primeiros anos do ensino fundamental de 9 (nove) anos, será trabalhado como **tema transversal** de acordo com os princípios desta Resolução, devendo proceder-se da mesma forma nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, ainda de 8 (oito) anos (grifo nosso).

No que se refere à questão dos conteúdos a serem trabalhados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) definem da seguinte forma:

Os temas transversais são constituídos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) e compreendem seis áreas: *Ética (Respeito Mútuo, Justiça, Diálogo, Solidariedade)*, Orientação Sexual (Corpo: Matriz da sexualidade, relações de gênero, prevenções das doenças sexualmente Transmissíveis), Meio Ambiente (Os ciclos da natureza, sociedade e meio ambiente, manejo e conservação ambiental), Saúde (autocuidado, vida coletiva), Pluralidade Cultural (Pluralidade Cultural e a Vida das Crianças no Brasil, constituição da pluralidade cultural no Brasil, o Ser Humano como agente social e produtor de cultura, Pluralidade Cultural e Cidadania) e Trabalho e Consumo (Relações de Trabalho; Trabalho, Consumo, Meio Ambiente e Saúde; Consumo, Meios de Comunicação de Massas, Publicidade e Vendas; Direitos Humanos, Cidadania). Podemos também trabalhar temas locais como: Trabalho, Orientação para o Trânsito, etc. (Grifo nosso)

De todas as formas das quais se busca compreender a confessionalidade das escolas, vamos de encontro à *Ética (Respeito Mútuo, Justiça, Diálogo, Solidariedade)* que foi grifada na citação acima como forma de evidenciar diante de todo o exposto que a presença constante da preocupação com a formação voltada para o bem viver em comunidade são presenças fortes em nossa sociedade.

Toda a intenção voltada para o trabalho com os PCN's é válida no sentido do aproveitamento do tempo com o aluno para que sejam trabalhados temas e/ou conteúdos de uma forma tranquila que, às vezes, não perceptível pela informalidade e assim mais interessante para os alunos por não se configurar em atividade escolar a ser tabulada em notas e conceitos formais. Pelo seu caráter subjetivo, o aspecto cognitivo tende a ser mais bem explorado.

Os temas transversais expressam conceitos e valores básicos à democracia e à cidadania e obedecem a questões importantes e urgentes para a sociedade contemporânea. A ética, o meio ambiente, a saúde, o trabalho e o consumo, a orientação sexual e a pluralidade cultural não são disciplinas autônomas, mas temas que permeiam todas as áreas do conhecimento estão sendo intensamente vividos pela sociedade, pelas comunidades, pelas famílias, pelos alunos e educadores em seu cotidiano. Caracterizam-se por um conjunto de assuntos que aparecem transversalizados em áreas determinadas do currículo, que se constituem na necessidade de um trabalho mais significativo e expressivo de temáticas sociais na escola. Alguns critérios utilizados para a sua constituição se relacionam à urgência social, a abrangência nacional, à possibilidade de ensino e aprendizagem na Educação Básica e no favorecimento à compreensão do ensino/aprendizagem, assim como da realidade e da participação social. São temas que envolvem um aprender sobre a realidade, na realidade e da

realidade, preocupando-se também em interferir na realidade para transformá-la.

Eles atuam como eixo unificador, em torno do qual se organizam as disciplinas, devendo ser trabalhados de modo coordenado e não como um assunto descontextualizado nas aulas. O que importa é que os alunos possam construir significados e conferir sentido àquilo que aprendem. [...] O papel da escola ao trabalhar Temas Transversais é facilitar, fomentar e integrar as ações de modo contextualizado, através da interdisciplinaridade e transversalidade, buscando não fragmentar em blocos rígidos os conhecimentos, para que a Educação realmente constitua o meio de transformação social (HAMZE, 2015).

As considerações deste autor mostram que os temas transversais envolvem um aprender sobre a realidade preocupando-se também em interferir na realidade para transformá-la. Nesta perspectiva, as observações realizadas, mostram a escola confessional, ENSR, tem a intenção, por meio dos conteúdos e formas de se trabalhar os mesmos, de interferir na realidade do educando, transformando sua realidade.

De acordo com o PPP (2015, p. 10) o objetivo geral da escola é:

Preparar um cidadão competente para atuar de forma crítica e responsável na construção de uma sociedade justa, democrática e desenvolvida que contribuirá na qualificação e desenvolvimento das inteligências cognitiva, emocional e afetiva na plena inserção social e no mundo do trabalho, assegurando-lhes uma formação ética e solidária.

Desta forma, a partir das observações feitas durante nossa pesquisa, notamos que a utilização dos temas transversais, considerando-se as questões religiosas que permeiam o ensino, são uma dessas formas de se trabalhar os conteúdos com vistas à formação ética e solidária.

Neste enfoque consideramos que a confessionalidade pode ser largamente explorada e sustentada conforme orientações da legislação vigente e da existência deste caminho transversal. Considerando-se ainda, que existem mecanismos do Estado para averiguar as formas de trabalho desenvolvido por todas as escolas da localidade sob sua jurisdição.

É interessante ressaltar que no Estado de Goiás existe uma comissão Interconfessional subordinada ao Conselho Estadual de Educação, constante na Constituição Estadual que discute e despacha a respeito do Ensino Religioso e formas de trabalho confessionais em todo o Estado. Assim, elas atuam em atribuições específicas e as escolas confessionais a ela se vinculam.

Também é constante do Decreto nº 285/2005/ LDB:

**Art. 11** - A Comissão Interconfessional do Ensino Religioso de Goiás - CIERGO, criada pelo Art. 162, da Constituição do Estado de Goiás,



regulamentada por Decreto, compõe-se de entidades religiosas, desde que devidamente organizadas no âmbito do Estado de Goiás, especialmente as de caráter regional.

**Art. 12** - São atribuições da CIERGO - Comissão Interconfessional de Ensino Religioso de Goiás:

- a) Assessorar a SEE - Secretaria de Estado da Educação nas questões relativas ao Ensino Religioso;
- b) Fixar conteúdos mínimos a serem aprovados pelo Conselho Estadual de Educação, para o Ensino Religioso do ensino fundamental e do ensino médio;
- c) Cadastrar os professores de ensino religioso que estejam na regência, obedecido ao princípio da investidura em cargo público;
- d) Propor projetos de cursos de formação para o ensino religioso para serem submetidos à apreciação do Conselho Estadual de Educação.

**Art. 13** - Cabe à Secretaria de Estado da Educação - SEE contribuir para o funcionamento da CIERGO.

A legislação, deste modo, aborda as escolas confessionais em relação ao seu funcionamento, submissão à legislação vigente, forma de trabalho em relação aos conteúdos religiosos e da opção da família, como vemos no Decreto:

**Art. 14** - Às escolas particulares, confessionais, comunitárias e filantrópicas do Sistema Educativo de Goiás, aplicam-se integralmente os princípios gerais estabelecidos nesta Resolução.

**Art. 15** - As escolas confessionais do Sistema Educativo de Goiás ao requererem autorização, reconhecimento e renovação de reconhecimento devem estabelecer o seu caráter confessional em todos os seus documentos.

§ 1º - A opção da mantenedora de escola particular por uma confissão religiosa não pode discriminar alunos, pais, responsáveis e professores;

§ 2º - A opção da mantenedora de escola particular por uma confissão religiosa não a desobriga de respeitar as crenças individuais de professores, alunos, pais e de todos quantos com ela se relacione.

**Art. 16** - Fica resguardado o direito de continuarem ministrando a disciplina Ensino Religioso àqueles que se capacitaram para tanto, com carga horária menor do que a prevista no inciso I, Art. 10, desta Resolução, devendo a estes ser oferecidas condições adequadas para que completem a referida carga horária.

**Art. 17** - Os casos omissos nesta Resolução serão dirimidos pelo Conselho Estadual de Educação.

**Art. 18** - Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação, revogando-se as disposições em contrário.

Durante nossas observações, tivemos a oportunidade de analisar os documentos que subsidiam o funcionamento do ENSR. Assim, pudemos perceber que há uma preocupação em se manter legal e burocraticamente organizada, mantendo o Reconhecimento e Autorização de Funcionamento regularizada e documentada pelo Conselho Estadual de Educação - CEE. Isso pôde ser constatado, averiguando-se os Livros de Ata do arquivo da escola (Livro de Ata nº 6. Reunião de Professores - Assuntos Diversos), nos quais estão registradas as reuniões da equipe escolar para comunicar sobre o período da renovação de

Reconhecimento e Autorização, quando na maioria era solicitado algum tipo de documentação dos professores para montagem da nominata (coletânea de documentos dos professores comprobatórios na área civil e profissional que o apresenta como apto à função a ser por ele desempenhada) e juntados aos demais documentos exigidos.

Geralmente o Reconhecimento tem validade de 02 a 03 anos conforme determinação do CEE que vem explicitada em despacho próprio, datado e assinado pelo presidente do conselho. Toda documentação atual da escola segue com o seguinte dizer: “Credenciamento e Renovação da Autorização de Funcionamento – Educação Infantil e Ensino Fundamental – 1º ao 5º ano: Res. CEE 598/12 – Vigência (2013 a 2015)”. Porém os Livros de Ata pesquisados não constava o número deste reconhecimento, apenas o assunto era pauta das reuniões. Os despachos são arquivados em pasta própria para este fim depois de passada sua vigência. Estando em vigor, ele permanece na secretaria para qualquer consulta ou averiguação imediata.

Desta forma a instituição caminha procurando mostrar lisura nos processos tanto burocráticos quanto pedagógicos, a fim de mostrar à comunidade seu compromisso no âmbito legal e cognitivo.

Os documentos que supracitados apontam para a legalidade do funcionamento do ENSR. No entanto, além das questões legais que subsidiam a escola, entendemos que é necessário compreender a concepção de educação, cultura e religião desse modelo de escola. Assim nos próximos itens a serem trabalhados nesta pesquisa, buscamos esclarecer acerca desses conceitos na intenção de situar o ENSR no contexto educacional, cultural e religioso que subsidiam esta proposta.

### **1.3 Escola confessional: educação, cultura e religião**

A educação é para nós, seres humanos, uma forma de perpetuação da espécie. Por meio dela, as crianças aprendem a viver e conviver em sociedade se mantendo como parte de um todo complexo.

Para conceituar educação, Brandão (1995, p. 9), parte do termo educações (plural) e explicita que “não há uma forma única nem um único modelo

de educação”. Segundo este autor, ela existe em cada categoria de sujeitos, de povos e, parte das vivências das famílias, das práticas sociais vivenciadas.

De acordo com Brandão (1995, p. 10):

A educação pode existir livre e, entre todos, pode ser uma das maneiras que as pessoas criam para tornar *comum*, como saber, como ideia, como crença, aquilo que é *comunitário* como bem, como trabalho ou como vida. Ela pode existir imposta por um sistema centralizado de poder, que usa o saber e o controle sobre o saber como armas que reforçam a desigualdade entre os homens (...). A educação é, como outras, uma fração do *modo de vida* dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade.

Diante dos apontamentos deste autor, notamos que a educação parte do princípio vital de práticas sociais. Somos seres sociais, vivemos em comunidades e, esta comunidade compartilha conhecimentos acerca dessas práticas. Esta troca, esse aprender a viver segundo as normas sociais vigentes dá-se o nome de educação.

Segundo Brandão (1995, p.12), não existe fórmula única e nem modelo para a educação, “a escola não é o único lugar, nem talvez, o melhor: o ensino escolar não é sua prática e o professor não é o único praticamente.” A educação é variada e existe em toda relação entre as pessoas. E então ele define que a educação é uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade. Existe no imaginário das pessoas e na ideologia dos outros grupos. Aproxima-se da definição que Rosa (2012, p. 145) apresenta.

A educação é o processo de humanização que acontece no encontro face a face. O ato de educar constitui o processo que faz cada pessoa ser mais humana. É mediante a educação que a humanidade configura o mundo circundante.

O conceito de educação apresentado em um dicionário de língua portuguesa traz um alinhamento entre a parte física e a espiritual da formação do indivíduo, abrindo a possibilidade para o envolvimento direto entre religião e educação: “Educação é o conjunto de normas pedagógicas tendentes ao desenvolvimento geral do corpo e do espírito; ação de educar; cortesia; polidez” (Amora, 2009, p. 241).

O conceito supracitado, embora coloque as normas pedagógicas como eixo norteador deste processo, aponta para a educação como algo que contribui para o desenvolvimento do corpo e do espírito, o que, nesta pesquisa, pode ser

apontada como a conceituação que se aproxima da educação oferecida na escola pesquisada.

Para Queiroz (2008, p. 96) educação é:

É a ação exercida por meio de métodos particulares, com o objetivo de desenvolvimento ou preparação social, intelectual, moral, física e afetiva de uma criança ou jovem. A transmissão da cultura de uma geração para a outra

As considerações de Queiroz (2008) também apontam para a questão do desenvolvimento geral do indivíduo, enfocando a preparação social do mesmo para a vida cultural na qual se insere.

Sob a perspectiva de Freire (1997, p.132), a educação traz consigo um coeficiente muito grande de esperança, podendo mudar muito a realidade, dependendo de como a aplicamos e da maneira que a concebemos. Para este autor, nem tudo está perdido “(...) basta o trabalho educacional e teremos o que queremos. Uma educação verdadeira que dê conta da mudança da realidade”.

Desse modo, Freire (1997) apresenta uma concepção de educação que reflete sobre a necessidade de mudança, de transformação social e, para ele, a educação é o caminho para tais transformações.

Segundo Freire (1997, p. 36), além da educação ser embasada em uma esperança, é necessário:

[...] que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos (...) abertura à justiça, não é possível a prática pedagógica-progressista, que não se faz apenas com ciência e técnica.

As concepções de educação apresentadas por Queiroz (2008) e Brandão (1995) apresentam a educação como formas de desenvolvimento do ser social e cultural, enfocando questões relativas à vida social. Para os autores, a educação viabiliza o desenvolvimento das práticas sociais por meio das mais diversas maneiras que o pluralismo de significados da educação apresenta-nos.

Os autores Amora (2009) e Freire (1997) concordam em relação à questão da relevância do aspecto físico e espiritual do indivíduo, pois realçam virtudes que fazem parte da espiritualidade das pessoas, como amorosidade,

respeito, tolerância, humildade. Itens estes que compõe o *Ethos*<sup>6</sup>, aspectos morais éticos da sociedade como elementos valorativos.

A Educação, para Freire (1997) é uma devolução dos conteúdos coletados na própria sociedade, que depois de sistematizados e organizados, são devolvidos aos indivíduos na busca de uma construção de consciências críticas frente ao mundo. Para este autor, é preciso fundamentar o processo educativo na conscientização do educando, na união entre a educação e o processo de mudança social.

Para Durkheim (2007, p. 14):

A educação é uma coisa eminentemente social. (...) Cada sociedade possui um determinado ideal de homem. É este ideal – que é o polo da educação-. Para cada sociedade, a educação é- o meio pelo qual prepara no coração das crianças as condições essenciais para a sua própria existência -. Assim, - cada tipo de povo tem a sua educação que lhe é própria e que pode servir para definir a mesma forma que a sua organização moral, política e religiosa-.

As concepções de educação apresentadas pelos dois autores consideram a educação como algo fundamental na formação social do homem. Nesse sentido, há que perceber que se para Durkheim (2007) a educação auxilia a definir a forma organização social, política e religiosa de uma sociedade; para Freire (1997) ela é o processo por meio do qual alcança-se a mudança social necessária.

Desta forma, nosso estudo corrobora das considerações de Durkheim (2007), uma vez que a educação confessional a que se propõe nosso objeto de pesquisa, o ENSR, visa formar indivíduos a partir de educação de caráter religioso. Assim sendo, a proposta de educação desta instituição, embora esteja inserida em uma sociedade, é a de formar “um determinado ideal de homem”, conforme as considerações de Durkheim (2007).

Assim, para ampliarmos o entendimento de educação e a função social da mesma, buscaremos nas concepções de Bourdieu (1998) as contribuições necessárias para uma investigação sociológica do conhecimento sobre educação, na qual o autor detectou um jogo de dominação e reprodução de valores.

É comum observarmos autores mostrarem as desigualdades sociais sendo reproduzidas nas salas de aula. Bourdieu (1998) apresenta a sociedade como

---

<sup>6</sup> **Ethos** é uma palavra com origem grega, que significa "caráter moral". É usada para descrever o conjunto de hábitos ou crenças que definem uma comunidade ou nação. No âmbito da sociologia e antropologia, o **ethos** são os costumes e os traços comportamentais que distinguem um povo (Dicionário on-line de Português).

pivô desse impasse quando mantém a dominação e a manutenção das hierarquias sociais que produzem tanto as exclusões como as prerrogativas de poder.

Andrade (2011, p. 85) contribui com seu estudo sobre a obra *Os Herdeiros*, de Bourdieu:

Se ele direciona a abordagem científica para o funcionamento do sistema de ensino, para as formas de classificação utilizadas pelos professores em seus juízos avaliativos ou para os modos como a escola está implicada na transmissão da **herança cultural**, é porque está interessado em descobrir como os instrumentos de conhecimento e de comunicação cumprem a função política de legitimação da dominação. (...) O que atrai sua atenção é o poder capaz de construir a realidade e de estabelecê-la como ordem no plano simbólico e, igualmente, de contribuir para a dominação de uma classe social sobre outra. Para ele, descobrir como a escola e o sistema de ensino estão implicados nas formas mais sutis de **dominação simbólica** é não apenas acumular o nosso estoque de saberes sobre o mundo social, como também de possibilitar a produção de mecanismos corretivos próprios a atenuar os efeitos decorrentes da “violência inerte” das estruturas sociais. Esta é a aposta embutida no uso “clínico” dos conhecimentos fornecidos pela sociologia da educação tal como Bourdieu a concebe (Grifo nosso).

A forma como esta autora analisa as concepções de Bourdieu, aponta para a escola como sendo o *locus* efetivo da educação para este estudo. A herança cultural e a dominação simbólica vêm de encontro dos argumentos que mais adiante serão apresentados como para compreendermos a formação do indivíduo na escola confessional em que realizamos nossa pesquisa.

As reflexões sobre educação apresentadas pelos diferentes autores nesta pesquisa levam-nos à compreensão de educação por diferentes perspectivas. Assim, vemos tanto a questão da formação moral do indivíduo, o que podemos trazer para a realidade da escola confessional levando em consideração que a religião busca tratar de questões relacionadas à moral; quanto questões culturais de formação geral do indivíduo para práticas sociais.

Os apontamentos de Andrade (2011) acerca da herança cultural e dominações simbólicas de Bourdieu servirão como subsídios para analisar as impressões dos egressos do ENSR em relação à formação que receberam por meio do processo educativo oferecido pela escola que, a nosso ver, busca aliar cultura e religião numa perspectiva de educação geral do indivíduo.

Conforme Laraia (2001), a primeira definição de cultura formulada, do ponto de vista antropológico, pertence a Edward Tylor que definiu cultura como sendo todo o comportamento aprendido, tudo aquilo que independe de uma transmissão genética, como diríamos hoje.

Santos (1996) contribui dizendo que desde o século XIX havia a preocupação sistemática de se discutir e estudar as culturas humanas. A intensificação desse estudo se deu pelo crescimento do contato entre os povos e nações que poderiam ser pacíficos ou não. Desta forma, a cultura era percebida pela associação ao estudo, educação, formação escolar. Ou unicamente se refere às manifestações artísticas, como a pintura, teatro, música, escultura; e, até mesmo, cerimônias tradicionais, lendas, festas e crenças de um povo, modo de se vestir, comida, idioma.

Para Santos (1996, p. 24-5):

A primeira dessas concepções preocupa-se com todos os aspectos de uma realidade social. Assim, cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação, ou então de grupos no interior de uma sociedade. [...] a segunda estamos nos referindo mais especificamente ao conhecimento, às ideias e crenças, assim como às maneiras como eles existem na vida social.

Assim sendo, partimos do pressuposto de que a cultura possui um sentido amplo, dada à questão da diversidade de aspectos abarcados por ela. Desta forma, ressaltamos que a diversidade da vida social pode abrir margem para uma multiplicidade de manifestações da cultura como de grupos, categorias de pessoas.

Segundo Geertz (1989, p. 103) cultura é:

[...] um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolve seu conhecimento e suas atividades em relação á vida.

Existe uma dificuldade natural em estabelecer universais culturais que sejam substanciais para a vida dos povos. Contudo fundamentar esses universais em processos particulares biológicos, psicológicos ou sociológicos pode ser uma alternativa bastante viável para a questão que não se esgota tão facilmente.

Com esse propósito, Geertz (1989) entende a religião como um sistema cultural pelas suas características de pertencimento de significados transmitidos historicamente e por existir nela uma quantidade ainda imensurável de símbolos que atuam para satisfazer as necessidades dos indivíduos. Desta forma, o autor define:

[...] religião é um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções como tal aura de fatalidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas (GEERTZ, 1989, p.105).



O desenvolvimento das cidades, assim como as transformações tecnológicas, econômicas, sociais e a divisão do trabalho acabam encaminhando a constituição um campo religioso que seja autônomo em que há a necessidade de moralização e de sistematização das crenças e práticas religiosas. Sobre esta questão, Bourdieu (1998, p. 48) considera que:

Se a religião cumpre funções sociais, (...) tal se deve ao fato de que os leigos não esperam da religião apenas justificações de existir capazes de livrá-los da angústia existencial da contingência e da solidão, da miséria biológica, da doença, do sofrimento ou morte. Contam com ela para que lhes forneça justificações de existir em uma posição social determinada, em suma, de existir como de fato existem, sou seja, com todas as propriedades que lhes são socialmente inerentes.

A defesa da religião como suporte para a continuidade do pertencimento social traz o símbolo como eixo central, assim como toda a carga de significados que lhe é embutida. A forma como a religião se apresenta vai dar suporte para as instituições intimamente ligadas a ela, como as igrejas e, mais adiante, às escolas como forma de coesão social e autoafirmação.

Buscamos a partir das concepções de educação, cultura e religião ora apresentados, compreender a proposta de educação do ENSR. Nesse sentido, após compreender os pressupostos que fundamentam e subsidiam a educação neste espaço, pretendemos visualizar a situação de egressos desta escola, identificando como e em quê a educação confessional recebida contribuiu para a formação social desses indivíduos.

#### **1.4 A educação no Educandário Nossa Senhora do Rosário: Por que uma escola confessional?**

Nesta pesquisa apresentamos a relação entre a concepção de educação utilizada pela escola confessional, cultura e religião, acreditando que são elas que dão corpo à bagagem de experiências vividas no ENSR. Acreditamos que este conjunto (educação, religião e cultura) tem a propriedade de viabilizar aprendizados formalmente institucionalizados e também aprendizados morais e éticos que poderão ser decisivos para o adulto contemporâneo em várias dimensões da vida em sociedade.

Assim, ressaltamos que nossa pesquisa partiu dos conceitos teóricos ora apresentados para entrevistas realizadas com os egressos do ENSR da década de



1990. Essas entrevistas foram realizadas por meio de um questionário aplicado em locais e situações diversas<sup>7</sup>.

Nesse sentido, é importante compreender que algumas questões relativas à disciplina e à indisciplina foram levantadas durante as entrevistas e, desta forma, passaram a fazer parte do arcabouço de nossas observações acerca da educação oferecida pelo ENSR.

O relato do entrevistado A6 nos revela isso de uma forma peculiar: “Porque lá não tinha bagunça e a gente aprendia de verdade”.

Tais questões foram observadas ao longo de nossas entrevistas, o que nos levou a trazer esta reflexão acerca do que é considerado indisciplina no ambiente educacional.

Segundo o dicionário de Língua Portuguesa, Aurélio (2001) indisciplina é procedimento ou ato contrário à disciplina. Portanto, cabe-nos apresentar o dois sentidos para que possamos trazer as reflexões necessárias para a compreensão das ações do ENSR em relação às crianças.

Para Abbagano (2007) disciplina significa:

2. Função negativa ou coercitiva de uma regra ou de um conjunto de regras, que impede a transgressão à regra. Foi assim que Kant a entendeu ao defini-la como "a coerção graças à qual a tendência constante a transgredir certas regras é limitada e, por fim, destruída". (ABBAGANO, 2007, p. 300).

Desta forma, fundamentando-se a partir dos pressupostos de Kant acerca deste assunto, Abbagano (2007) traz um conceito que mostra a disciplina como algo negativo, uma força coercitiva que modela as ações dos indivíduos. Relaciona-se diretamente com as regras do ambiente em que se insere o indivíduo.

Por outro lado, Parrat-Dyan (2008, p. 8) enfatiza que:

A disciplina não é um conceito negativo; ela permite, autoriza, facilita, possibilita. A disciplina permite entrar na cultura da responsabilidade e compreender que as nossas ações tem conseqüências. Quem olha para a disciplina como algo negativo não entende o que é.

Desta forma, há que se considerar que as ações educativas disciplinares do ENSR são pautadas em regras, previamente determinadas por um documento: o Regimento Escolar. Este documento, segundo as entrevistas realizadas, é elaborado

---

<sup>7</sup> Na ocasião da aplicação dos questionários, a pesquisadora, após identificar alunos egressos do período pesquisado, telefonava para esses sujeitos e marcava uma ocasião em que pudessem atendê-la.

pela equipe escolar e aprovada pela Subsecretaria Regional de Educação do Estado, e sofre alterações de acordo com as necessidades da escola a cada início de ano.

De acordo com as entrevistas realizadas durante a pesquisa de campo, no ENSR não existem relatos de casos graves de indisciplina. Mesmo assim, desde a implantação da escola no município, o Regimento interno traz medidas protetivas e punitivas caso haja necessidade de a escola agir em situações que envolvam ações e atos de indisciplina de seus alunos.

Analisando os documentos da escola, constatamos no arquivo Livro de Ata nº 6. Reunião de Professores - Assuntos Diversos, pp. 75-8, que no ano de 1989, uma família foi convidada a participar de uma reunião para ser comunicada de uma briga causada por seu filho no horário do recreio por causa uma corda de pular. De acordo com este documento, foi relatado à família o acontecido, a conversa que tiveram com o aluno logo após o acontecido e os relatos do aluno sobre sua vivência familiar, formas de como os assuntos eram resolvidos em casa, etc. Segundo informações deste documento, a família não se manifestou contrária à atitude do filho e por isso a escola sugeriu que o aluno fosse transferido, pois já havia situações anteriores de desrespeito aos funcionários da escola. No relato consta que diversas advertências já tinham sido encaminhadas aos pais e nenhuma dessas medidas tinham surtido o efeito esperado, que seria de que o aluno conseguisse seguir as normas de convivência estabelecidas pelo Regimento escolar. A família concordou, a contra gosto, e pediu a documentação do filho para que ele possa ser conduzido à outra escola da preferência dos pais.

Este relato nos mostra como a escola buscava resolver as questões de indisciplina que fugiam ao padrão estabelecido pelas normas da escola. Notamos que, a o ENSR preza pela manutenção da ordem no ambiente escolar, convidando alunos que não conseguem seguir este padrão a buscarem outro espaço educativo.

É importante ressaltar que em boa parte das entrevistas realizadas durante a pesquisa, os egressos afirmam que os colegas eram educados, sendo enfatizada esta questão como fator enriquecedor de sua estada na escola. Assim afirma a entrevistada M1: “As crianças eram mais educadas”.

A questão da educação dos alunos, enfatizado pelos entrevistados, para nós, apresenta-se imbricados à questão do público a que se destina, bem como das ações educativas pautadas na disciplina. Desta forma, para compreendermos e

compararmos a realidade vivenciada no ENSR, apresentamos uma pesquisa na qual a autora direciona o olhar à manutenção da disciplina em uma escola confessional católica de Santa Catarina. Para isso, concentra as pesquisas sobre os anos compreendidos entre 1917 a 1945, mostrando-nos a contextualização histórica da implantação da mesma e as reflexões sobre a educação neste período. Em suas considerações, a autora diz que:

O Colégio Santos Anjos, na cidade de Porto União (Santa Catarina), foi fundado em 15 de abril de 1917 por três religiosas da Congregação Servas Missionárias do Espírito Santo com origem na Holanda (1889). Funcionou como colégio interno para as moças até o ano de 1967. Com o passar do tempo foi adquirindo novas instalações. Em 1929 foi criado o Curso Normal e Intermediário equiparados às escolas do Estado de Santa Catarina. Em 1935 passou a ter cinco cursos: Jardim de Infância, Curso Primário, Curso Normal Primário, Curso Normal Secundário e Curso Normal Vocacional. No ano de 1942 o estabelecimento matriculou meninos de 1ª a 4ª série. Em 1943 foi criado o Ginásio. Em 1973 volta a atender alunos de ambos os sexos.

A criação da Escola Normal do Colégio Santos Anjos teve grande importância no planalto norte catarinense, recebeu o apoio do governador do Estado e foi motivo de orgulho para a elite, favorecendo a educação de suas filhas segundo um modelo de escola fundamentada nos valores cristãos. A criação do Ginásio também foi ponto de destaque, pois o mesmo se equiparava aos modelos do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro [...] (KLEIN, s/d, p.1-2).

As descrições desta autora mostram que há diferenças no que se refere à atuação do ENSR e a escola descrita, a começar pela questão do atendimento específico a mulheres. É importante, observarmos que, no final do século XIX e início do século XX, segundo as considerações de Gonçalves (2014) as escolas confessionais criadas por irmãs, eram realmente criadas para atender moças, e que, a partir do final da década de 1960 passou a atender ambos os sexos. Sendo assim, há que se considerar o período de implantação do ENSR como um período em que as escolas confessionais já apresentavam um formato diferente.

Nesse sentido, cabe-nos ressaltar que as entrevistas realizadas foram feitas com homens e mulheres que estudaram na escola na década de 1990. Assim, entrevistamos 11 mulheres e 04 homens.

Já no que se refere ao apoio da comunidade local, orgulho para os moradores e favorecimento para os filhos da elite, corroboramos das considerações desta autora, uma vez que a iniciativa da vinda do ENSR para Inhumas foi do prefeito da época, senhor Joaquim Alves de Azevedo com o apoio do senhor Otaviano Ribeiro do Nascimento, grande empresário local do ramo da alfaiataria,

que matricularam seus filhos tão logo a escola começou a funcionar, conforme relatos pessoais e das matrículas efetivadas e registradas do Livro de Registro de Matrícula nº 01 constante no arquivo da escola.

Segue a análise histórica da pesquisa anterior para servir de base de comparação da realidade aqui encontrada no passado:

[...] A alfabetização do povo brasileiro aconteceria somente em língua pátria. Encontram-se algumas campanhas de intelectuais brasileiros, entre eles Olavo Bilac que representa esta fase inicial, sugerindo a criação da Liga de Defesa Nacional destinada a congregar os sentimentos patrióticos dos brasileiros de todas as classes com os seguintes objetivos: manter a idéia de coesão e integridade nacional; defender o trabalho nacional; difundir a instrução militar nas diversas instituições; desenvolver o civismo e o culto ao heroísmo; fundar associações de escoteiros, linhas de tiro, batalhões patrióticos; avivar o estudo da história do Brasil e das tradições brasileiras; promover o ensino da língua pátria nas escolas estrangeiras existentes no país; propagar a educação popular e profissional; difundir nas escolas o amor à justiça e o culto do patriotismo; combater o analfabetismo; aperfeiçoar o serviço militar para fazer frente ao perigo externo; difundir um conjunto de idéias para mostrar a inexistência de “povos irremediavelmente fracos”; manter a disciplina e o respeito às leis e à autoridade; lutar pela federação e unidade, pela defesa nacional, pela efetivação do voto, pelo desenvolvimento da educação cívica, da educação primária, secundária e profissional; manter o amor à Pátria e as tradições nacionais; ensinar à educação física, o escotismo, as linhas de tiro e o preparo militar; combater o analfabetismo a fim de combater a abstenção eleitoral, “a abstenção eleitoral é uma covardia política” (BILAC apud NAGLE, 1974, p.49); incluir na lei a obrigatoriedade da inscrição eleitoral como um novo ideário nacionalista; valorizar tudo o que é brasileiro. (NAGLE, 1974, p. 45-49).[...] O grupo católico também traçava alguns objetivos referentes à necessidade de um nacionalismo tendo por lema: Pela Brasilidade e pelo Catolicismo, cujo objetivo era “defender a religião católica e inscrever o nome de Deus na Constituição” (DELAMARE apud NAGLE, 1974, p. 51). Estas críticas do grupo católico estão presentes na educação brasileira a partir da década de 30 quando ocorre um movimento em favor da Escola Nova que visa implantar no país a educação laica, tendo por modelo as escolas norte americanas. Este modelo apresenta novos valores e princípios, novos modos de relacionamento entre professor e alunos, novo significado das matérias ou disciplinas, novos métodos, tendo em vista a difusão de novas ciências: Biologia Educacional, a História da Educação, a Psicologia, a Pedagogia Experimental, a Sociologia Educacional, a Psicologia do Desenvolvimento entre outras. “É neste contexto que o movimento reformista vai aos poucos derivando para um movimento também remodelador, isto é, quando o entusiasmo pela educação dá origem ao otimismo pedagógico” (FAUSTO, 1997, p. 284). Desta forma, a reforma não é apenas de métodos, mas existe toda uma transformação social que aponta e exige mudanças no sistema educacional. O fundamento desta concepção é de que a educação deve ser para todos, obrigatória, gratuita e conseqüentemente laica (KLEIN, s/d, p.1-2).

A fé católica difundida em todo país até a década de 30, deixa transparecer que até mesmo os governantes apoiavam e tinham como correta essa forma de trabalho educativo, alicerçado na religião. Sendo assim, a fundação do ENSR no município de Inhumas, na década de 1960, a educação legitimamente era

laica. No entanto, acreditamos que devido ao fato da cidade ainda estar dando seus primeiros passos no desenvolvimento urbano, social, político e econômico, foi conveniente à sociedade naquele período, convidar as religiosas católicas para aqui se instalarem.

Segundo Azzi (AZZI apud DALLABRIDA, 2005, p. 79):

O episcopado brasileiro investiu as suas melhores energias institucionais no estabelecimento de uma rede de escolas católicas no território nacional. Atuaram várias ordens e congregações católicas. Algumas congregações imigraram com o intuito de atender espiritualmente colônias de europeus. A entrada de ordens e congregações católicas intensificou-se após a promulgação da Constituição de 1891 que contornou o anticlericalismo radical dos primeiros meses do Regime Republicano, permitindo maior liberdade à igreja católica. Estas congregações católicas tiveram problemas com os governos europeus e se deslocaram para outros países como a Espanha e o Brasil.

Portanto, a argumentação dos católicos brasileiros era cristianizar as inteligências brasileiras, formando um grupo de intelectuais. Para que isso pudesse acontecer, a formação de professores que partilhavam desse mesmo interesse era primordial e dentro das instituições a disciplina tinha que reinar absoluta, tanto para formação de professores, como no caso acima citado do Colégio Santos Anjos, de Santa Catarina, quanto para formação de crianças e jovem no contexto da escola regular de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio, foco da maioria das escolas confessionais católicas.

Na pesquisa apresentada há um vínculo muito forte com departamentos outros de inspeção que são vinculados à esfera federal. Tudo o que era feito na escola era periodicamente inspecionado e relatado em livros de ata que seguiam com observações e sugestões para que houvesse um aprimoramento das práticas principalmente as relativas à indisciplina.

Nos estudos feitos por Foucault (2008) o autor parte da questão da docilização dos corpos para compreender a questão da disciplina. Para autor, há uma busca pela perfeição disciplinar. Sobre esta questão, o autor ressalta que:

[...] buscam a perfeição disciplinar. Esse novo objeto é o corpo natural, portador de forças e sede de algo durável; é o corpo suscetível de operações especificadas, que tem sua ordem, seu tempo, suas condições internas, seus elementos constituintes. O corpo tornando-se alvo dos novos mecanismos do poder, oferece-se a novas formas de saber. Corpo do exercício mais que da física especulativa; corpo manipulado pela autoridade mais que atravessado pelos espíritos animais; corpo do treinamento útil e não da mecânica racional, mas no qual por essa mesma razão se anunciará um certo número de exigências de natureza e de limitações funcionais (FOUCAULT, 2008, p. 132).

As considerações de Foucault (2008) acerca dos corpos dóceis, mostram como a questão disciplinar apresenta-se como uma forma de coerção social sobre os corpos, instrumento de poder. Assim, cabe-nos observar que as ações educativas do ENSR acontecem pautadas num rigoroso cuidado com as questões relativas à disciplina dos alunos.

Nossas observações e as entrevistas realizadas mostram como os sujeitos envolvidos nesta proposta educativa valorizam a disciplina como algo que contribui para que haja aprendizagem dos alunos. Percebemos, que o ENSR ainda se mantém, assim como outras escolas confessionais espalhadas pelo Brasil, tendo como foco, segundo o PPP, zelar pelo bom ensino, pela manutenção da ordem e da disciplina, pelo desenvolvimento cognitivo dos alunos, pela formação ética e social.

Desta forma, destacamos a importância em descrever a forma como realizamos esta pesquisa. Assim, para finalizar este capítulo, apresentaremos os passos da pesquisa, vislumbrando conhecer melhor os sujeitos envolvidos e, especialmente, mostrando como foram coletados os dados para a realização deste estudo.

### **1.5 Os Sujeitos da pesquisa: um olhar sob os aspectos metodológicos que subsidiaram o estudo**

Para realizar esta pesquisa de caráter qualitativo, utilizamo-nos de ações metodológicas próprias deste modelo de pesquisa, como observação; análise documental; entrevistas semiestruturadas e questionários; tendo como foco o estudo de caso.

Segundo Lüdke e André (1986), a pesquisa qualitativa apresenta algumas características básicas. Em primeiro lugar, as autoras mostram que este modelo de pesquisa tem o pesquisador como seu principal instrumento e supõe um contato direto e prolongado do mesmo como ambiente pesquisado; segundo, que os dados são predominantemente descritivos e inclui transcrições de entrevistas e de depoimentos, fotografias ou extratos de vários documentos.

Seguindo esses pressupostos, para realização desta pesquisa, desenvolvemos um ano de estudos pautados em observações, entrevistas semiestruturadas e aplicação de questionários, sobre os quais falaremos mais adiante.

Lüdke e André (1986) consideram ainda que a pesquisa qualitativa tem como fundamento, captar a perspectiva dos participantes, considerando os diferentes pontos de vista dos sujeitos pesquisados. Sobre este pressuposto, verificamos e analisamos os pontos de vista expostos pelos alunos egressos, bem como dos atores atuais da escola, tendo em vista que nossas observações ocorreram durante parte do ano de 2013 e 2014.

Nossa pesquisa apresenta ainda um caráter de estudo de caso, tendo em vista a delimitação a que nos propomos: verificar como as ações de uma escola confessional do município de Inhumas (o ENSR) contribuíram para a formação social de 15 alunos egressos, que estudaram na escola durante a década de 1990.

A respeito do estudo de caso, Lüdke e André (1986, p. 17) afirmam que:

O estudo de caso é o estudo de *um caso* (...). O caso é sempre bem delimitado, devendo ter seus contornos claramente definidos no desenrolar do estudo. O caso pode ser similar a outros, mas é ao mesmo tempo distinto, pois tem um interesse próprio e singular (grifos das autotas).

Desta forma, consideramos a delimitação do caso que apresentamos nesta pesquisa, como a escolha da escola, do período e da turma. Ressaltamos que a escolha dos sujeitos a serem entrevistados deu-se em função do tempo: esses egressos fizeram parte da mesma turma de alunos que estudaram no ENSR na década de 1990, e, nos dias de hoje já formaram suas próprias famílias.

Lüdke e André (1986) consideram que o estudo de caso possui algumas características específicas que devem ser levadas em consideração pelo pesquisador:

1. Os estudos visam à descoberta (...) o quadro teórico inicial servirá assim de esqueleto, de estrutura básica a partir do qual novos aspectos poderão ser detectados;
2. enfatizam a “interpretação do contexto”;
3. buscam retratar a realidade de forma completa e profunda. O pesquisador procura revelar a multiplicidade de dimensões presentes numa determinada situação;
4. usam uma variedade de fontes de informação;
5. revelam experiência vicária e permitem generalizações naturalísticas. O pesquisador procura relatar as suas experiências durante o estudo de modo que o leitor ou usuário possa fazer suas generalizações;
6. Procuram representar os diferentes e às vezes conflitantes pontos de vista presentes numa situação social;
7. Utilizam uma linguagem e uma forma mais acessível do que os outros relatos de pesquisa (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 19 e 20)



Os apontamentos dessas autoras estão em consonância com as ações metodológicas de que nos utilizamos ao longo desta pesquisa, uma vez que buscamos interpretar o contexto, trazendo o arcabouço teórico utilizado para fundamentar nossas interpretações. Ressaltamos ainda, que buscamos diversas fontes de informações para que pudéssemos, realmente, compreender a perspectiva das ações educativas desta escola confessional. Outra questão importante a ser observada, é a questão da linguagem e da forma utilizada para relatar nossa pesquisa: buscamos realizar de forma simples e clara, na intenção de que o leitor possa compreender não apenas os passos da pesquisa, como também a interpretação dos dados coletados à luz da teoria apresentada por nós.

Como métodos de coleta de dados, utilizamos, conforme já o dissemos, a observação; a entrevista e a análise documental; instrumentos que são fundamentais para a realização da pesquisa qualitativa.

Para Lüdke e André (1986, p. 26):

[...] a observação ocupa um lugar privilegiado nas novas abordagens de pesquisa educacional. Usada como o principal método de investigação ou associada a outras técnicas de coleta, a observação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, o que apresenta uma série de vantagens. Em primeiro lugar, a experiência direta é, sem dúvida o melhor teste de verificação da ocorrência de um determinado fenômeno.

Assim, para que pudéssemos trazer uma comparação (que apresentaremos no próximo capítulo) entre o ENSR da década de 1990 sob a perspectiva dos sujeitos entrevistados, bem como dos documentos analisados, e a atualidade desta escola, foi necessário que fizéssemos observações. Essas observações ocorreram durante 6 meses. Neste período, comparecíamos à escola uma vez por semana e lá permanecíamos por cerca de 2 horas. Este tempo era dividido entre observação (cerca de 1 hora) e leitura dos documentos da escola (1 hora).

As informações coletadas eram registradas em um diário de bordo que organizamos para que pudéssemos relatar os dados coletados e apresentá-los de acordo com a seleção daquilo que seria importante para nossos estudos.

A respeito da análise documental, Lüdke e André (1986, p. 38), afirmam que esta “pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados



qualitativos”. Para as autoras, a análise dos documentos pode contribuir para a compreensão de diversos dados colhidos por meio de outros instrumentos de pesquisa.

Assim sendo, ressaltamos que este procedimento foi fundamental que para que pudéssemos reconstruir a história do ENSR, bem como perceber o contexto em que esta foi implantada no município de Inhumas. Analisamos documentos como: o PPP, o Regimento escolar, os Livros de Atas, entre outros. Por meio deles, foi possível fazer comparações, perceber as entrelinhas do processo educativo.

Foi analisando os documentos e interpretando as entrevistas que pudemos, por exemplo, perceber o valor que os sujeitos da pesquisa deram à questão da disciplina para o processo de ensino e aprendizagem.

Sobre as entrevistas, Lüdke e André (1986, p. 34) afirmam que:

A grande vantagem da entrevista sobre as outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada (...). Uma entrevista bem feita pode permitir o tratamento de assuntos de natureza estritamente pessoal e íntima, assim como temas de natureza complexa e de escolhas nitidamente individuais (...) a entrevista permite correções, esclarecimentos e adaptações que a tornam sobremaneira eficaz na obtenção das informações desejadas.

Dentro desta perspectiva, cabe-nos esclarecer que as entrevistas realizadas foram feitas de duas maneiras: semiestruturadas e questionários estruturados.

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas na escola com pessoas ligadas ao funcionamento da escola: professores, coordenadores, pais, gestores. Tivemos a intenção, não apenas de perceber o atual funcionamento da escola, como também de ter acesso aos documentos que seriam fundamentais neste processo. Desta forma, consideramos que a entrevista semiestruturada foi importante para que pudéssemos estabelecer o vínculo necessário e fazer nossas análises.

Elaboramos o questionário com a intenção de captar as percepções de 11 egressos do ENSR a respeito da educação que lá receberam, bem como em que e como esta influenciou na formação do cidadão em que estes sujeitos se tornaram.

Sendo assim, passaremos a conhecer de forma cartesiana os sujeitos que ofereceram informações e opiniões sobre a vivência que tiveram no ENSR na década de 1990.

Assim sendo, esclarecemos que as tabelas informativas/resumo apresentadas a seguir, trazem informações que serão fundamentais para a realização das análises que apresentaremos no próximo capítulo.

As dezesseis tabelas informativas que se seguem trazem de forma numérica e resumida as características dos sujeitos pesquisados para que se tenha o entendimento dos caminhos que seguiram e as demais respostas que ilustram a pesquisa e dão o direcionamento da investigação.

Tabela 1. Sexo

Feminino	Masculino	Total
11	4	15

Tabela 2. Idade em anos

33	34	35	37	38	41	Total
1	7	4	1	1	1	15

Tabela 3. Estado Civil

Solteiro	Casado	Total
2	13	15

Tabela 4. Quantidade de filhos

Não tem filhos	01 filho	02 filhos	03 filhos	Total
3	8	3	1	15

Tabela 5. Profissão

Administrador	1
Advogado	3
Artesão	1
Assistente social	1
Biomédico	1
Enfermeiro	1
Farmacêutico	2
Fonoaudiólogo	1
Médico	1
Professor	3
<b>Total</b>	<b>15</b>

Tabela 6. Grau de escolaridade

Ensino médio	Graduação	Especialização	Doutorado	<b>Total</b>
1	8	5	1	<b>15</b>

Tabela 7. Local de residência

Goiânia – GO	5
Gurupi – TO	1
Inhumas – GO	7
São Luís dos Montes Belos – GO	1
São Paulo - SP	1
<b>Total</b>	<b>15</b>

Tabela 8. Morava com a família quando estudava no Educandário

Com os pais	Com outras pessoas da família	<b>Total</b>
15	-	<b>15</b>

Tabela 9. Quantos anos estudou na escola confessional

05 anos	06 anos	08 anos	<b>Total</b>
4	10	1	<b>15</b>

Tabela 10. Qual religião frequentava na época

Católica	Outras	<b>Total</b>
15	-	<b>15</b>

Tabela 11. Tema visto na escola que considera mais relevante

Ajuda ao próximo	1
Família	9
Maria	1
Respeito com o próximo	1
Não se lembra	3
<b>Total</b>	<b>15</b>

Tabela 12. Considera-se religioso até nos dias atuais

Sim	Não	Mais ou menos	<b>Total</b>
10	1	4	<b>15</b>

Tabela 13. A escola confessional é uma opção de educação para as crianças da família

Sim	Não	Não opinou	<b>Total</b>
11	2	2	<b>15</b>

Tabela 14. Participaram de evento religioso interno

Sim	Não	Não se lembra	Total
15	-	-	<b>15</b>

Tabela 15. Lembram-se dos temas abordados durante as aulas

Sim	Não se lembra	Total
12	03	<b>15</b>

Tabela 16. Existe relação em ter estudado no Educandário e a forma de ver a vida hoje

Sim	Não	Não opinou	Total
14	01	-	<b>15</b>

Esta exposição nos remete aos sujeitos (alunos egressos) como um retrato de impressões, de perfil, vida que em muito satisfaz os anseios desta pesquisa.

Porém, para que se tenha entendimento de como essas informações se processam nas mentes humanas, passaremos a estudar a memória, a religião e a família no que se refere à formação das pessoas com as contribuições das instituições as quais estabeleçam relações de pertencimento.

Assim, o capítulo 2 apresenta como princípio norteador, as análises das respostas dos egressos ao questionário aplicado.

## CAPÍTULO II

### O EDUCANDÁRIO NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO SOB O OLHAR DOS SUJEITOS: MEMÓRIA, VIDA COTIDIANA, RELIGIÃO E FAMÍLIA

*Fala-se tanto em memória porque ela não existe mais.  
Pierre Nora*

Neste capítulo apresentamos algumas reflexões sobre memória, vida cotidiana, religião e família a partir das análises dos questionários feitos com os alunos egressos do ENSR, turma que concluiu seus estudos na escola no ano de 1990.

Assim, recorreremos àquilo que Halbwachs (2006) chama de testemunhos, para construir, legitimar, ou mesmo completar algo que já estamos informados de alguma forma. Para o autor:

Fazemos apelo aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para completar, o que sabemos de um evento do qual já estamos informados de alguma forma, embora muitas circunstâncias nos permaneçam obscuras. Ora, a primeira testemunha, à qual podemos sempre apelar, é a nós próprios. Quando uma pessoa diz: "eu não creio em meus olhos", ela sente que há nela dois seres: um, o ser sensível, é como uma testemunha que vem depor sobre aquilo que viu, diante do "eu" que não viu atualmente, mas que talvez tenha visto no passado e, talvez, tenha feito uma opinião apoiando-se nos depoimentos dos outros. Assim, quando retornamos a uma cidade onde estivemos anteriormente, aquilo que percebemos nos ajuda a reconstituir um quadro em que muitas partes estavam esquecidas. Se o que vemos hoje tivesse que tomar lugar dentro do quadro de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptariam ao conjunto de nossas percepções atuais. Tudo se passa como se confrontássemos vários depoimentos. É porque concordam no essencial, apesar de algumas divergências, que podemos reconstruir um conjunto de lembranças de modo a reconhecê-lo (HALBWACHS, 2006, p. 16).

Desta forma, após identificar as questões teórico-metodológicas que subsidiaram a implantação e permanência da escola confessional, ENSR, partimos para a busca das memórias dos egressos. O que fizemos foi apoiar-nos nos depoimentos desses ex-alunos. Testemunhos que foram interpretados por nós, enquanto pesquisadora, ao longo deste capítulo.

Para melhor entendimento das reflexões contidas neste capítulo, esclarecemos que os ex-alunos foram nomeados por letras e números de forma aleatória, (A1; A2, A3; etc. ), apenas para que suas identidades fossem preservadas.

Os questionários, conforme descrevemos no capítulo anterior, foram respondidos por eles em momentos diversificados e, momento algum, eles se encontraram para refletir ou relembrar juntos.

## **2.1 Memória individual e coletiva: itinerantes das ações educativas do Educandário Nossa Senhora do Rosário pelo olhar de ex-alunos**

Os questionários foram aplicados a 15 alunos egressos do ENSR que fizeram parte da mesma turma. Assim, as repostas obtidas, foram analisadas por nós, na intenção de compreender em que medida as ações educativas da escola contribuíram para a formação dos adultos em que se tornaram.

Sendo assim, cabe-nos, inicialmente, trazer os conceitos de memória individual e de memória coletiva, uma vez que para responder ao questionário, esses egressos tiveram que recorrer à memória, reconstruindo-as em forma de repostas.

Leal (2015, p. 1), em seus estudos sobre memória, constata que:

A Memória pode-se traduzir como as reminiscências do passado, que afloram no pensamento de cada um, no momento presente; ou ainda, como a capacidade de armazenar dados ou informações referentes a fatos vividos no passado. Partindo dessas definições cotidianas para um termo que perpassa por áreas como Psicologia, Filosofia e Sociologia e que já foi estudado igualmente por pesquisadores dessas mesmas áreas, cabe classificá-lo então, como multimodal, multidisciplinar e multidimensional.

O conceito apresentado mostra que a memória diz respeito a lembranças, ao armazenamento de dados ou informações vivenciados em momentos passados.

A memória (do latim *memoria*) é a faculdade psíquica por meio da qual se consegue reter e (re) lembrar o passado. A palavra também permite referir-se à lembrança/recordação que se tem de algo que já tenha ocorrido, e à exposição de fatos, dados ou motivos que dizem respeito a um determinado assunto.

Numa perspectiva literal, Amora (2009, p. 456), define memória como sendo a “faculdade de reter as ideias adquiridas anteriormente, de conservar a lembrança do passado ou da coisa ausente”. Queiroz (2008) completa o conceito afirmando que memória é:

Capacidade de adquirir e conservar idéias e imagens. Funções psíquicas que permitem fixar e lembrar conteúdos, sensações, recordações e estados de consciência percebidos no passado e ao mesmo tempo representá-los, situá-los no tempo e acessá-los no presente (QUEIROZ, 2008, p. 173).

A memória está diretamente ligada às lembranças do que aconteceu no passado, seja ele distante ou recente. As lembranças se formam por meio de imagens que vem à tona e são impregnados de significados, sentimentos positivos e negativos, vozes, ruídos, sons, aromas e sabores que despertam nos sujeito, hoje, ações e representações distintas de um dado momento.

Em seus estudos sobre a memória, Halbwachs (2006), considera diversas maneiras de compreender a memória. No entanto, nesta pesquisa, vamos nos ater ao entendimento do autor acerca da memória individual e memória coletiva.

Memória coletiva é o processo social de reconstrução do passado vivido e experimentado por um determinado grupo, comunidade ou sociedade. Este passado vivido é distinto da história, qual se refere mais a fatos e eventos registrados, como dados e feitos, independentemente destes terem sido sentidos e experimentados por Alguém (HALBWACHS, 2006, p. 103).

As considerações deste autor sobre a memória coletiva auxiliam-nos na sustentação da idéia de que as entrevistas realizadas foram fundamentais para o entendimento desta pesquisa. Acreditamos que, ao recorrer à memória de um grupo acerca de uma determinada situação, e, analisando o conjunto dessas memórias, estaremos descrevendo a partir das memórias deles, algo coletivo; tendo em vista que trata-se de algo vivenciado por um grupo, e não isoladamente.

Por outro lado, os questionários foram respondidos separadamente, sem a interferência de um nas memórias ou respostas do outro. Isso pode ser considerado a busca por meio de memórias individuais. Sobre esta questão, Halbwachs (2006, p. 36) afirma que:

Consideremos agora a memória individual. Ela não está inteiramente isolada e fechada. Um homem, para evocar seu próprio passado, tem freqüentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. Mais ainda, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as idéias, que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio. Não é menos verdade que não nos lembramos senão do que vimos, fizemos, sentimos, pensamos num momento do tempo, isto é, que nossa memória não se confunde com a dos outros. Ela é limitada muito estreitamente no espaço e no tempo (HALBWACHS, 2006, p. 36).

Assim sendo, há que considerar, à medida que formos apresentando os relatos dos egressos do ENSR, estaremos reconstruindo e analisando as ações educativas da escola a partir dessas memórias, considerando os reflexos dessas ações na formação de cada um dos ex-alunos que responderam ao questionário.

Em nossa investigação, percebemos que a memória que se faz presente é a que estabelece uma relação estreita com os valores que regem a vida cotidiana dos sujeitos. Este fator se torna interessante, uma vez que, como afirma Martins (1998, p. 1) “os grandes embates pela redenção do gênero humano de suas limitações e misérias estão sendo readaptados a esse novo território da vida e do viver”. Para o autor (1998, p.1):

[...] a história bloqueada pelo capital e pelo poder fez da vida cotidiana o refúgio para o desencanto de um futuro improvável. A sociedade está sendo reinventada (...). É nesse âmbito que ganha uma nova relevância a mediação do conhecimento do dia-a-dia na construção das relações sociais.

Em nosso ambiente empírico, uma das questões levantadas pelos sujeitos, relativas à memória do período em que estudaram na escola, diz respeito à forma como a questão disciplinar<sup>8</sup> era tratada pelos professores e gestores do ENSR.

Questionados se gostavam da escola e porque gostavam, as respostas obtidas foram muitas, no entanto, é recorrente o testemunho e reflexão a respeito do convívio pautado na disciplina.

Gostava porque era tudo muito certinho, tudo na hora, muito organizado, sem barulheira (A 6).

Lembro como uma época tranquila, agradável, com bastante rigor, mas com atenção, não tinha muitos amigos, mas os que tinha os tenho até hoje (A 6).

Sim, porque lá não tinha bagunça e a gente aprendia de verdade (A 6).

Por meio desses depoimentos, percebemos que a disciplina se apresenta como um valor central, por fornecer às pessoas a sensação de ordem, organização e bem estar considerado por elas como de fundamental.

As considerações supracitadas nos remetem à questão de como os sujeitos conferem valor à organização, à ordem estabelecida. Nesse sentido, tais

---

<sup>8</sup> Disciplina no sentido de conjunto de regras de convivência de determinado grupo.



valores foram interpretados por nós, de conformidade com os apontamentos Heller (1998), quando o autor mostra que a cotidianidade consiste no espaço de satisfação das necessidades essenciais do indivíduo histórico e social. Isso porque, de acordo com as respostas supracitadas, a questão da ordem mostra-se como fundamental para o cotidiano do ambiente escolar.

Para Martins (1998, p. 2):

[...] se a vida de todo o dia se tornou o refúgio dos cétricos, tornou-se igualmente o ponto de referência das novas esperanças da sociedade. O novo herói da vida é o homem comum imerso no cotidiano. É que no pequeno mundo de todos os dias está também o tempo e o lugar da eficácia das vontades individuais, daquilo que faz a força da sociedade civil, dos movimentos sociais.

A importância da disciplina como reguladora e organizadora da vida cotidiana permanece destacada nas memórias de infância de alguns de nossos entrevistados. E assim seguem afirmando:

Acho que a disciplina, a disciplina e a determinação que eu tenho é de lá das irmãs e da minha família (A 6).

Valorização da família, determinação, disciplina com minha filha, deixar a vida dos outros pra cada um cuidar... (A 6).

Que disciplina cabe em qualquer lugar e que as amizades são um presente de Deus (A 6).

Disciplina, determinação, realismo, respeito, responsabilidade, paciência e amor (A6).

A disciplina e outros itens são apontados pelos sujeitos como um ponto relevante a ser observado e é lembrado com facilidade. Isso nos mostra como, acionando a memória, conseguimos reconstruir e captar aquilo que os sujeitos consideram ou consideraram importantes para sua formação; ou mesmo, acionar a memória individual na busca de perceber como esta consegue selecionar de acordo com as construções atuais da vida cotidiana desse sujeitos. Sendo assim, consideramos a memória como uma facilitadora desse processo de reconhecimento.

As análises das respostas mostram ainda que as memórias das ações educativas do ENSR, apontam para um modelo daquilo que esses egressos consideram como modelo ou representações de comportamento mais adequado para as crianças, como afirmam estas entrevistadas:

Precisa determinar mesmo, deixar as crianças escolherem não é certo, porque ainda não tem experiência de vida para decisões acertada. Criar com amor e disciplina para ser adulto responsável (D3).

Sim, as crianças eram mais educadas (M1).

Sim, nunca esquecemos os princípios básicos de uma boa educação (M2).

Sim. Eu acredito que é pela falta do tradicional nas escolas e em casa que a sociedade está como está (M2).

As respostas acima mostram que as memórias acionadas em nossa investigação estão relacionadas à reprodução da vida cotidiana, na forma de educação de seus próprios filhos. Segundo Heller (1998, p. 19), a vida cotidiana é “o conjunto de atividades que caracterizam a reprodução dos seres humanos em particular, os quais, por sua vez, criam a possibilidade da reprodução social”. Ela é inerente à existência de todo e qualquer indivíduo.

Nessa esfera do ser social, o indivíduo apropria-se da linguagem, dos objetos e instrumentos culturais, bem como dos usos e costumes de sua sociedade. Sem a apropriação dessas objetivações seria impossível a sua existência e convivência em qualquer sociedade humana, independentemente do nível de desenvolvimento dessa mesma sociedade, pois segundo Heller (1998, p. 23) “quem vive em uma comunidade restrita, ainda seminatural, ou se apropria de sua vida cotidiana, que se lhe apresenta acabada desde seu nascimento, ou está destinado a morrer”.

As pessoas entrevistadas nesta investigação acionam suas memórias, mas a observam a partir das exigências de seu momento presente, posto que uma das tarefas consiste na educação dos próprios filhos. Sendo assim, elas avaliam como muito positivos os valores e regras aprendidos na escola. Alguns questionários mostram que:

Sim, por oferecer princípios básicos que me auxiliaram na formação e educação das minhas filhas (M 2).

As regras que tínhamos que seguir (F1).

Sim, as crianças eram mais educadas e não brigavam. Era tudo com harmonia (G1).

Ficam na memória as coisas boas e as ruins também. No caso de lá ficaram as boas e foram muitas. Sou disciplinada e muito ligada à família, acredito no casamento e em tudo que é de Deus (L 2).

Desta forma, percebemos nas respostas uma associação entre as repostas dadas (relativas à educação recebida no período de infância dos entrevistados) e aquilo que eles consideram importantes para a vida cotidiana deles e de suas famílias nos dias de hoje. Assim, as lembranças são consideradas como úteis, e aparecem de forma comparativa na maioria das respostas. Uma comparação entre aquilo que foi a educação que eles receberam e aquilo que eles consideram importante, ou que falta para a educação nos dias de hoje.

Bosi (1994, p. 46), valendo das contribuições de Bergson, diz que “lembrar-se”, em francês *souvenir*, significa um movimento de “vir” “de baixo”: *sous-venir*, vir à tona o que estava submerso. “Quase sempre essas lembranças deslocam nossas percepções reais, das quais retemos então apenas algumas indicações, meros signos destinados a evocar antigas imagens”. Atribui-se à memória uma função de peso no processo psicológico. Ela permite a relação do corpo passado com o corpo presente. A memória aparece como força subjetiva, profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora.

Trazer a tona e fazer sentido, ser relevante. Aqui repousa uma ligação sutil entre a lembrança e seu significado. Entre lembrar-se do passado e agir no presente atribuindo uma carga de valorização e “fazer diferença” na vida prática.

Vejamos esse reconhecimento no depoimento de A1 que se segue quando responde sobre suas lembranças na escola no tempo de infância:

Lindas e essenciais para minha formação de caráter. Na escola, os valores ensinados em casa foram reforçados. Aprendi a ser tolerante, a ter compaixão, amor e temor a Deus. Essas coisas não eram ensinadas só nas aulas, mas nas atitudes das pessoas que estavam à minha volta (professoras, freiras, colegas...). Sempre que fazíamos algo errado, éramos convidados a refletir sobre o erro. Isso não se fazia através de ameaças, mas sim através de uma conversa séria com uma das irmãs ou com a professora (A 1).

O realce é dado pelo sujeito, por meio de suas lembranças pessoais ou memória individual, que o significado de suas vivências cotidianas no ENSR foram atribuídas às atitudes e não apenas nas atividades específicas de sala de aula. Enfatiza sua formação de caráter e reforça a importância da família em manter em sintonia com o trabalho realizado na escola, mesmo demonstrando ter consciência disso apenas agora, quando se tem a oportunidade de lembrar-se do passado e perceber tal fato.

Assim, nesta reconstrução dos momentos passados, bem como das reflexões sobre as ações educativas do ENSR, vimos o descortinar dos valores trabalhados pela escola, mesmo que de forma indireta, ser mencionados pelos ex-alunos da escola.

Questionados acerca das lembranças do período escolar, muitas respostas enfatizaram a questão da escola trabalhar valores que eles levariam para a vida deles; falaram sobre uma educação séria e o que chamaram de “uma educação de princípios”. Assim, dentre as respostas obtidas, destacaram:

Sim, porque aprendi valores para a vida, que foram muito além da instrução formal (A 1).

Muito. Porque via a felicidade dos meus pais pelo progresso que eu e meu irmão tínhamos lá na escola, notas boas, aprendendo bastante e relacionando bem com os colegas (S 4).

Amo essa escola até hoje, uma educação de princípios, seriedade, amor, respeito, qualidade (L 4).

Amor ao próximo, se colocar no lugar dos outros e a disciplina em tudo que for fazer (L 4).

As lembranças dos egressos apontam, portanto, para uma questão de valores éticos e morais que, para eles, faziam parte das ações educativas da escola. Assim, cabe-nos apresentar uma reflexão sobre valores.

Para Abbagano (2007), a palavra valor apresenta diversos significados:

Desde a Antigüidade essa palavra foi usada para indicar a utilidade ou o preço dos bens materiais e a dignidade ou o mérito das pessoas. Contudo, esse uso não tem significado filosófico porque não deu origem a problemas filosóficos. O uso filosófico do termo só começa quando seu significado é generalizado para indicar qualquer objeto de preferência ou de escolha, o que acontece pela primeira vez com os estóicos, que introduziram o termo no domínio da ética e chamaram de V. os objetos de escolha moral. Isso porque eles entendiam o bem em sentido subjetivo (v. BEM, 2). podendo assim considerar os bens e suas relações hierárquicas como objetos de preferência ou de escolha. Por V., em geral, entenderam "qualquer contribuição para uma vida segundo a razão" (DIÓG. L-, Vil, 105), ou, como diz Cícero, "o que está em conformidade com a natureza ou é digno de escolha (selectionedignam): (De finibus, III, 6, 20). Por "estar em conformidade com a natureza", entendiam o que deve ser escolhido em todos os casos, ou seja, a virtude; como "digno de escolha", entendiam os bens a que se deve dar preferência, como talento, arte, progresso, entre as coisas do espírito; saúde, força, beleza entre as do corpo; riqueza, fama, nobreza, entre as coisas externas (ABBAGANO, 2007, p. 989).

Partindo das considerações deste autor, notamos que o significado de valor possui um princípio controverso. Desse modo, precisa ser analisado segundo o contexto.

Goergen (2005), na intenção de traçar um histórico da concepção de valores, mostra que este, desde a idade média, vem sendo discutido por filósofos como Platão, Kant, entre outros. Após apresentar os conceitos de diferentes autores e mostrar como o mesmo vem sendo ampliado e reformulado à medida que o mundo se modifica; observamos grupos sociais buscarem em suas memórias aquilo que consideram importantes para sua formação. E, neste compromisso, vemos os sujeitos de nossa pesquisa, falar em valores morais, trabalhados pela escola e enfatizados pela família. Portanto, considerando os conceitos de valor levantados por Goergen (2005):

Este rápido olhar histórico, feito sem pretensão teórica mais aprofundada, nos ajuda a ver que o conceito de valor é cheio de ambigüidades e varia de autor para autor e de época para época. Ainda hoje não encontramos nenhuma unanimidade a respeito de seu sentido. Como, então, falar de valores? *Eu vou usar, no presente texto, o termo valor como princípios consensuados, dignos de servirem de orientação para as decisões e comportamentos éticos das pessoas que buscam uma vida digna, respeitosa e solidária numa sociedade justa e democrática* (GOERGEN, 2005, p. 989 – grifos nossos).

As considerações deste autor sobre valores vão ao encontro daquilo que apreendemos de nossas entrevistas. Notamos que, ao falar de educação de princípios, de respeito; os sujeitos remetiam aos valores éticos das pessoas que buscam vivenciar uma vida digna, respeitosa e solidária. Notamos que, os ex-alunos enfatizam os valores como algo que faz parte da proposta pedagógica do ENSR e, mostram que as famílias também mostrava-se preocupadas com esta formação comportamental dos indivíduos.

Ao analisar as respostas dadas ao questionário, percebemos que as memórias dos alunos egressos fundamentaram-se na relação entre as questões dos valores morais e éticos ensinados pela escola e, enfatizados pela família. Vimos que, boa parte das respostas referiam-se às ações da escola e a preocupação em resolver os problemas pautados em diálogos reflexivos acerca da conduta moral do indivíduo.

Desta forma, os sujeitos fazem questão de frisar que preocupam-se em manter estas relações de valores morais na educação de seus filhos atualmente.

Seria como se o cognitivo de cada indivíduo se valesse da memória para se transformar, para formar hábitos e agir em prol do cotidiano atual. Nesse sentido, em suas respostas enfatizam:

Sim. Devido aos princípios religiosos que sigo e quero que meus filhos também sigam e pela qualidade de ensino que as mesmas fazem questão de manter (L4).

Boas lembranças, amigos que agora quase não mantenho contato, excelentes professoras (G1).

A lembrança de um modelo de educação pautado em princípios de humanidade e respeito (A1).

Gostava porque eu era muito estudiosa e achava lá muito bonito. Tudo era bonito (L2).

Todos os alunos participavam. Uns com mais empolgação, outros menos, mas todos participavam (L2).

Os sujeitos nos mostram que a memória serve para analisar situações cotidianas vividas no passado e também refletem em ações cotidianas atuais.

Para Halbwachs (2006) a memória está diretamente ligada ao presente. Segundo este autor, existem mecanismos biológicos que nos capacita a trazer à tona, na vida atual, acontecimentos guardados na memória por meio da influência que o meio social nos proporcionou e proporciona novamente em forma de lembranças. Para ele, a lembrança é a sobrevivência do passado. Deve ser compreendida como fenômeno coletivo e social. A memória é dependente das ações passadas que tiveram relevância para ser lembrado o suficiente, em grau de importância, às vivências atuais. Ela vem para eleger as prioridades da nossa mente, das nossas lembranças.

Segundo Halbwachs (2006), a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão, enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo.

As memórias escolares dos sujeitos de nossa pesquisa mostram que as lembranças perpassam pelos ambientes físicos, mas que tem forte participação na afetividade e em comportamentos atuais:

Descrevo como prazerosas. As lembranças que tenho são das aulas, dos colegas, dos livros e da parte física da escola: a mangueira, a mesa de pingpong, o parque e das irmãs. (L 2).

Muito. Até hoje guardo ótimas lembranças. Gostava do carinho das freiras, especialmente, da irmã Thomazina e da irmã Eliete, que parecia brava, mas não era. Amava as professoras e os/as colegas. Também gostava de participar, vestida de anjo, da coroação de Nossa Senhora no mês de maio (A 1).

Como disse, eu participava da Coroação de Nossa Senhora. Vestíamos de anjos e íamos para a igreja fazê-la em uma das missas da noite. Eu achava aquilo o máximo e penso que minha caminhada mariana começou naquele tempo (A 1).

Como disse, não me lembro dos temas, mas das atitudes de amor, respeito e carinho (A 1).

Em consonância a Halbwachs (2006) no sentido da individualidade das experiências vividas, a memória se constitui primariamente, segundo Michael Pollack, nos acontecimentos vividos individualmente. Por consequência, já que vivemos em comunidades, socialmente civil e politicamente organizada, são acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade a qual a pessoa se sente pertencente.

Assim os prazeres se justificam como constituintes da memória. Na fala dos sujeitos isso é reforçado e percebemos uma nostalgia afetuosa. Questionados sobre as lembranças do período escolar, algumas respostas foram:

Adorava. As professoras, a piscina, as brincadeiras, os colegas, o jabuti, parquinho, jogar pingpong, era tudo muito bom (S 6).

Sim, algumas missas na capela, não era obrigatório (S 6).

Sim, porque eu gostava da forma do trabalho ali realizado, da dedicação das irmãs e de como éramos tratados (S 4).

Questionados acerca das atividades religiosas das quais deveriam participar no ENSR, algumas respostas foram:

Vários. Coroação de Nossa Senhora. Oração do Rosário. Apresentações nas missas (L 4).

Inesquecíveis. Marcantes. Momentos bons, que fizeram parte da minha vida e me ajudaram a ser a pessoa e profissional que sou hoje. Minha base educacional e de princípios também (L 4).

O carinho das freiras, a oração do Santo Terço. As amigadas (L 4).

Essas lembranças mostram que as atividades religiosas das quais os ex-alunos participaram ficaram guardadas de forma afetuosa. Os sujeitos mencionam e enfatizam que, na opinião deles, tais atividades contribuíram a formação do indivíduo em que se tornaram, levando em consideração que a escola ofereceu-lhes uma base educacional para isso.

Desta forma, cabe-nos observar que as respostas enfatizam a presença de atividades de caráter religioso e consideram a importância das mesmas. No entanto, conforme pontuamos anteriormente, as memórias apresentam uma característica de “ir e vir” do passado para o presente. Assim sendo, em uma das respostas, enfatizou-se que hoje não seria possível trabalhar a religião católica nas escolas. A mesma resposta deixa implícito que não havia naquele período (da infância) necessidade de se trabalhar os conceitos católicos na escola:

Família, solidariedade, honestidade, bíblia (A 6).

Não claramente, mas se falava da vida de Jesus (D 2).

Uma observação: só acho que naquela época era voltado muito para a religião católica, acho que hoje isso não seria mais possível, acho importante ter educação religiosa na escola, mas não voltada tanto para a religião católica (M 1).

Clamar por Nossa Senhora, principalmente nos momentos difíceis (M2).

Os sujeitos colocam os conteúdos e as impressões que tiveram fazendo analogia com as percepções atuais com vistas nos aprendizados recentes, comparados aos anteriores.

Questionamos sobre opção de matricular os filhos em escolas confessionais, se haveria a possibilidade, e, se sim, quais os motivos da escolha por este modelo de escola. Sobre este assunto, algumas das respostas foram:

Seria uma opção, porém esta escola deverá respeitar a opção religiosa de todos que nela estudam (F 1).

Manutenção da família, solidariedade, bíblia (G 2).

Alguns como: família, amizade, solidariedade (L 2).

Nada, nada. Tudo ótimo enquanto estive lá. Agora que sou evangélica, creio que seria diferente da visão que eu tinha de lá e da participação nas festas também, porque todas elas envolviam a religião católica (L 2).



Acho que a atitude mais lembrada por mim é a de respeito ao próximo, principalmente ao próximo oprimido (A 1).

Família, Deus, amor ao próximo (S 6).

Eram muito boas, pois aprendemos o verdadeiro valor da vida e das pessoas (R 3).

Quando Bosi (1994) se refere a velhos, se reporta diretamente aos sujeitos de sua pesquisa. Aqui nos reportamos aos adultos (egressos do ENSR) como sujeitos e atribuímos a eles e suas respostas, as impressões que Bosi (1994) teve e analisou na sua realidade de pesquisa.

Esta autora faz ainda uma análise de como as memórias dos velhos aparecem como fundamentais e fundantes nas sociedades ao longo dos tempos e das civilizações. Segundo Bosi (1994), em todas as comunidades antigas, nas tribos indígenas antigas e atuais, tanto aqui no Brasil como nos demais países, tribos africanas, comunidades distantes, os povos isolados das mais diferentes localidades; todos estes citados têm como referência de experiência vivida, de conhecimento a ser passado, de atitudes a serem tomadas, de aconselhamento, um velho.

As memórias dos adultos de hoje que eram crianças em 1990 são valiosas e fundamentais para esta pesquisa, assim como todos os documentos que a nós foram disponibilizados no ENSR. É na memória de um tempo vivido por eles e que são vistos hoje com reconhecimento de tal importância pessoal e social. Os sujeitos contribuem mostrando isso de forma espontânea e clara.

Assim, algumas das respostas para uma pergunta relacionada sobre as lembranças dos temas trabalhados nas aulas:

Alguns como: família, valor ao próximo (R3).

Muito. Porque desde criança aprende a adorar a Deus e tudo que ele criou (R3).

Amor ao próximo. Passagens da bíblia. Ambiente familiar e em grupo (L4).

Família, Deus, amor ao próximo (W1).

Sendo assim, a carga valorativa que os conteúdos desenvolvidos no ENSR objetivavam são hoje percebidos pelos sujeitos que ora os reconhece mesmo que de forma um tanto mecânica, sem fazerem uma ligação direta do que esses

conteúdos trazem de significado embutidos por meio da escuta, observação e vivência.

As análises das respostas aqui selecionadas mostram que há uma presença forte, na memória dos egressos, das questões relativas à formação moral e ética dos indivíduos. Desta forma, destacamos que os sujeitos enfatizam a presença da religião como algo que contribuiu para esta formação ética. Assim sendo, recorreremos às reflexões de Goergen (2005) sobre a questão de aliar educação e valores, entendendo que este foi um dos focos das respostas obtidas:

Dessa concepção de moral decorre um modelo de educação que consiste na transmissão de valores fixos e inapeláveis de geração em geração. As crianças e jovens são levados a reconhecer a autoridade e seguir seus mandamentos. Durante muito tempo, este tipo de educação ficou a cargo da religião. Com o descrédito da autoridade religiosa e a crescente racionalização da sociedade ocidental, a solução heterônoma sofreu uma profunda revisão, passando a assumir traços de uma ética laica (GOERGEN, 2005, p. 995)

As considerações deste autor vão ao encontro de nossas pesquisas, uma vez que apresentamos as memórias de alunos egressos para compreender a função da educação religiosa para a formação dos mesmos. Vimos, até agora, por meio dessas memórias, que as ações educativas da escola foram pautadas não apenas em atividades religiosas, mas que a ordem, a disciplina, a “moral e os bons costumes” estiveram sempre presentes nessas ações educativas.

Percebemos que, para os sujeitos entrevistados, há uma grande relevância em ter estudado em uma escola confessional. Para alguns deles, notamos que há até mesmo um certo “saudosismo”, especialmente quanto à questão disciplinar presentes na escola no período em que lá estudaram.

Há que se compreender a relevância para esses egressos em ter estudado em uma escola confessional. Buscamos evidenciar, ou mesmo, identificar por meio dessa pesquisa, se a educação da infância interfere na vida adulta, acreditando que tudo que se aprende e se vive nessa fase da vida pode ser um suporte para o desenvolvimento das pessoas.

Assim, acreditamos que quando a família faz a opção por esta ou aquela escola, está na verdade decidindo como quer que seus filhos sejam educados.

## 2.2 Relevância de ter estudado em escola confessional

Até o momento, nossa pesquisa mostrou como os alunos egressos apresentaram suas memórias acerca do período em que estudaram no ENSR. Para que isso fosse possível, organizamos nosso questionário em dois momentos: o primeiro, além da identificação, trás perguntas referentes ao período em que os ex-alunos estudaram na escola; o segundo momento, leva-os a refletir sobre a atualidade, sobre o papel da formação que tiveram naquele período em relação ao adulto em que se tornaram.

Sendo assim, a segunda parte de nosso questionário, enfatiza as reflexões sobre a relevância de ter estudado em uma escola confessional. A pergunta que deu origem a este estudo foi “Você considera que foi relevante para sua vida ter estudado em uma escola confessional? Por quê?”. Dentre as respostas obtidas, tivemos:

Sim, porque lá não tinha bagunça e a gente aprendia de verdade (A6).

Não. Para mim parecia uma escola comum (D 2).

Sim, porque minha mãe fazia questão. Tinha que ser naquela escola. O motivo, só vejo hoje (D 3).

Muito. Porque aprendi, assim como em casa, a adorar a deus e tudo que ele criou (L2).

Sim, porque aprendi valores para a vida, que foram muito além da instrução formal (A1).

Estes depoimentos, mesmo que de opiniões distintas, nos revelam o entendimento de cada um deles sobre a relevância de ter sido aluno em uma instituição educacional de ordem confessional.

Na primeira resposta, o sujeito se reporta à disciplina, se refere a ela como importante para que haja aprendizado, enfatizando que naquela escola não tinha bagunça. O segundo não faz distinção entre a escola confessional e demais escolas.

Já na terceira resposta, o sujeito mostra que sua mãe fazia questão de que estudasse naquela escola, mas reconhece que só compreende os motivos nos dias de hoje. No entanto, nesta resposta, além de não esclarecer quais são esses

motivos, não conseguimos perceber se, o sujeito consegue discernir se foi positivo ou não ter estudado em uma escola confessional.

Guiados pelos estudos do sociólogo Émile Durkheim, Guimarães e Gomyde (2001) afirmam que:

A educação tem por objetivo suscitar e desenvolver na criança estados físicos e morais que são requeridos pela sociedade política no seu conjunto [...] A sociedade e cada meio social particular determinam o ideal que a educação realiza (DURKHEIM In GUIMARÃES E GOMYDE, 2011 p. 26 e 27).

As considerações supracitadas nos remetem à educação que os sujeitos da pesquisa enfatizam. Para a maioria dos ex-alunos, a educação recebida na infância, no ENSR, remete a organização, disciplina, e uma religiosidade que, para eles, contribuiu pra a formação deles.

No nosso entendimento, a disciplina na escola é um fator gerador do que Durkheim (1996) chama de coesão social, visto que ela ordena e organiza os ambientes, o pensamento e o aprendizado. Isso acontece também nas relações interpessoais estabelecidas entre os pares ou mesmo em relações de poder mais estreitas como as relações entre professor-aluno.

O conceito de Coesão Social é comumente aceite, em termos de dinâmica da vida social, designando a harmonia, a união das forças sociais e das instituições que as sustentam e que concorrem para um fim harmonioso e coerente de vida em comum. A Coesão Social implica, por isso, e necessariamente, um certo grau de solidariedade para a concretização da qual a integração social é o processo mais indicado. Opõe-se a uma sociedade coesa uma sociedade desorganizada, polarizada espacial e socialmente, que exclui pessoas, grupos ou mesmo territórios ( p. 5)

Questionados se eles percebiam alguma relevância em ter estudado em uma escola confessional, a questão da ordem estabelecida, da disciplina e organização da escola ficam explícitas. Os sujeitos se manifestam para esse entendimento da seguinte forma:

Sim, as crianças eram mais educadas... (M 1)

Sim, as crianças eram mais educadas e não brigavam. Era tudo com harmonia... (G 1)

Sim, porque sentia que as irmãs e professoras tentavam tampar a falta da minha mãe. (L 5)

Essas afirmações dos egressos do ENSR podem ser entendidas também à luz do pensamento de Heller (1998) quando o autor considera que ao longo da formação dos indivíduos na vida cotidiana, estruturam-se determinadas formas de pensamento, de sentimento e de ação típicas dessa esfera da vida social e necessárias para a própria reprodução da existência do indivíduo.

A estruturação do pensamento e a consciência que se tem é de que podemos utilizar de aprendizados anteriores para atuar de forma satisfatória na vida atual, pois estes nos revelam que o cotidiano se faz à luz do passado, da reprodução, melhorada ou não, de ações anteriormente vividas e percebidas como relevantes.

Desta forma, as análises das respostas dadas aos questionários, demonstram que os sujeitos da pesquisa consideram que vem construindo os itinerários da vida cotidiana deles pautadas nos conhecimentos adquiridos no período da infância. Assim sendo, consideram que as ações pedagógicas do ENSR ainda se fazem presentes em suas memórias e, desta forma, acrescenta na formação dos mesmos.

Ainda sobre a relevância de estudar em uma escola confessional, obtivemos as respostas:

Sim, nunca esquecemos os princípios básicos de uma boa educação (M 2).

Sim, acrescentou na minha formação (F 1).

Em se tratando de refletir sobre a educação oferecida pelo ENSR, e, após analisar as respostas a respeito da escolha por esta instituição, retomamos conceitos de educação apresentados no capítulo 1 desta pesquisa. Nesse sentido, há que considerar no arcabouço teórico de que nos valem neste estudo, o conceito, ou os conceitos que corroboram das opiniões dos sujeitos da pesquisa empírica.

Nesse sentido, cabe-nos retomar o conceito de educação apresentado no capítulo anterior, em que segundo Amora (2009, p. 241) “educação é o conjunto de normas pedagógicas tendentes ao desenvolvimento geral do corpo e do espírito; ação de educar; cortesia; polidez”. Este conceito, conforme já o dissemos, traz aspectos da educação oferecida em escolas confessionais e, vão ao encontro da educação descrita pelos sujeitos entrevistados.

Subsidiados por este conceito, podemos entender que uma proposta pedagógica pautada em ações de caráter religioso traz como princípio, não apenas a religião, mas aquilo que chamamos de valores morais e éticos. Tais questões foram enfatizadas pelos sujeitos em várias das respostas obtidas nesta pesquisa.

Assim, de forma sucinta, Queiroz (2008, p. 205) define religião como sendo um “sistema de crenças, práticas e, muitas vezes, preceitos éticos relativos a um princípio superior, a coisas sagradas e sobrenaturais. Esse sistema une numa única comunidade moral todos aqueles que o adotam”.

As considerações de Queiroz (2008) sobre religião, aliadas à postura pedagógica do ENSR no período em que estamos pesquisando, mostram que a presença de atividades religiosas foram observadas como positivas pelos sujeitos entrevistados.

Os sujeitos nos revelam que nesta instituição eles aprenderam vários conteúdos, dentre eles os religiosos, valorativos e reconheciam em sua família a satisfação pelos resultados alcançados. Assim, a questão dos valores que aprenderam naquele período também é uma questão recorrente em suas respostas:

Muito. Porque aprendi, assim como em casa, a adorar a Deus e tudo que ele criou (L 2).

Sim, porque aprendi valores para a vida, que foram muito além da instrução formal (A 1).

Sim, talvez. Não sei dizer (S 6).

Muito. Porque via a felicidade dos meus pais pelo progresso que eu e meu irmão tínhamos lá na escola, notas boas, aprendendo bastante e relacionando bem com os colegas (S 4).

Muito. Porque desde criança aprende a adorar a deus e tudo que ele criou. (R 3)

Sim. Devido aos princípios e por dar continuação ao que foi ensinado em casa. (L 4)

Sim, talvez. Não sei dizer. (W 1)

Martins (1998) afirma que é no fragmento de tempo do processo repetitivo produzido pelo desenvolvimento capitalista, o tempo da rotina, da repetição e do cotidiano, que as contradições fazem saltar fora o momento da criação e de anúncio da História – o tempo do possível. E que, justamente por se manifestar na própria vida cotidiana, parece impossível. Esse anúncio revela ao homem comum, na vida

cotidiana, que é na prática que se instalam as condições de transformação do impossível em possível.

A partir das análises dos questionários, podemos perceber que o olhar dos alunos egressos para as ações educativas do ENSR vão ao encontro daquilo que percebemos como fundamental para as escolas confessionais<sup>9</sup>. Sendo assim, emerge de nossas interpretações uma relação percebida nas falas dos sujeitos da pesquisa: uma forte relação entre família, escola e religião.

### **2.3 Quando escola, família e religião falam a mesma língua**

Durante a realização das nossas entrevistas, notamos que houve uma constante referência à família. Desta forma, vemos se repetir questões como “minha mãe achava melhor”; ou mesmo, “porque via a felicidade dos meus pais”; dentre outras referências que enfatizam a família de diferentes formas.

As constantes considerações acerca da instituição familiar e a presença desta nas questões relativas à educação, naquele período, nos levaram a perceber que no ENSR as ações educativas eram pautadas na relação: educação, família e religião.

Assim sendo, optamos por buscar alguns conceitos de família na intenção de compreender esta relação percebida durante nossa pesquisa empírica.

Sobre este assunto, Ecco (2013), afirma que:

Para Narvaz e Koller (2006), a família não é algo biológico, algo natural ou dado, mas produto de formas históricas de organização entre os humanos. As exigências pelas necessidades materiais de sobrevivência e de reprodução da espécie, os humanos inventaram diferentes formas de relação com a natureza e entre si. Estas diferentes formas de organização familiar foram, portanto, inventadas ao longo da história. Uma destas formas de organização de maior impacto cultural no ocidente, centrada na figura masculina, foi a família patriarcal (ECCO, 2013, p. 114).

Essas observações nos mostram que a família é uma forma de organização social que surgiu em decorrência das necessidades de reprodução da espécie humana. Nas considerações do autor, notamos que no ocidente houve uma

---

<sup>9</sup> Cabe-nos esclarecer, que durante nossa pesquisa tivemos acesso a diversos documentos relativos ao período que buscávamos. No entanto, não foram encontrados os Projetos Políticos Pedagógicos do período pesquisado, por meio do qual poderíamos apresentar os objetivos e metas da escola.

predominância da família patriarcal. A relevância figura feminina, neste contexto, é reprodutiva e a monogamia aparece com o fim específico de garantir filhos consanguíneos, o que facilita a organização da herança e da condução do poder familiar.

Família é o sistema originário de outros sistemas. É o primeiro contato social do ser humano, no qual o indivíduo mantém suas primeiras trocas de experiência.

É por intermédio da família que o sujeito dá início à socialização, às primeiras emoções, noções de afetividade, os valores e também nela que conhece as primeiras regras e limites do convívio social.

Segundo Minuchin (1990, p.16), a família é uma unidade social que enfrenta uma série de tarefas de desenvolvimento.

É a mais antiga forma organizada de conviver em sociedade, é uma estrutura na qual os membros se interagem criando padrões que regulam o comportamento entre si.

As famílias já foram vistas como um sistema universalizado, com padrão único a ser seguido, no entanto hoje com mudanças ocorridas no contexto social as famílias tradicionais foram dando lugar a novas formas e novas configurações.

Essa instituição vem sofrendo constantes transformações no que diz respeito a sua estrutura, assumindo assim características que fazem com que existam diferentes tipos de família, conforme será apresentado a seguir.

### **2.3.1 Tipos de família**

A família como estrutura organizada, encontra-se em constante transformação, variando de acordo com as condições históricas e mudanças sociais. É possível encontrar na sociedade atual vários tipos de família, com diferentes organizações internas. Carvalho e Barroca (1988), destacam alguns modelos de famílias que fazem parte das mais diversas sociedades, como: famílias alternativas, conjugais, matriarcal, patriarcal, natural e outras.

Turkenicz (apud Portella; Franceschini, 2011) cita ainda, outros tipos de estrutura familiar. São elas: famílias extensas, adotivas, adotivas temporárias, casais



homossexuais (com ou sem filhos), famílias reconstruídas (depois do divórcio)<sup>10</sup>. Notamos, a partir das considerações deste autor, que as famílias apresentam diversas composições e características, não se trata de um modelo único e sofre transformações ao longo dos tempos seguindo as transformações econômicas e sociais.

Embora a família patriarcal tenha permanecido por maior período de tempo dominando como maioria dos tipos familiares, Castells (2000, p. 167) revela a crise do patriarcado expressa pelo “enfraquecimento de um modelo de família baseado no estável exercício da autoridade/domínio do homem adulto, seu chefe, sobre a família inteira”. O autor observa além, quando enfatiza que essa crise é fomentada pela interação entre o capitalismo informatizado e movimentos sociais que visam a crescente conquista da identidade feminista e sexual, nos modos pelos quais as pessoas optam por conviver em grupos e criar/educar suas crianças.

Eco (1993) contribui afirmando que o que difere o patriarcado da família moderna é a solidariedade entre seus membros. Os pais cuidam das crianças e de seus próprios pais já idosos e serão, por sua vez, cuidados pelos filhos.

Sobre este assunto, Dowbor (2005, p. 293) afirma que:

A solidariedade é marcada pela panela, pelo fato de um grupo sobreviver em torno do mesmo fogão de cozinha. Não é à toa que ‘lar’ tem a mesma raiz que ‘lareira’, como é o caso também, por exemplo, de foyer e feu, em francês. Como a criança não tem autonomia para sobreviver, tampouco o idoso, a sobrevivência das sucessivas gerações, no passado, dependia vitalmente da solidariedade familiar, e depende ainda em grande parte nas sociedades modernas.

Conforme este autor, a família ampla que misturava avôs, tios, primos, irmãos, praticamente desapareceu no mundo real, só persistindo em algumas regiões rurais. O capitalismo moderno inventou a família economicamente rentável, inserida no consumismo, composta de mãe, pai e no mínimo um casal de filhos. Segundo Dowbor (2005), mesmo com essas mudanças, permanece a idealização do modelo de família patriarcal.

---

<sup>10</sup> Para maiores informações sobre esses tipos de família, pesquisar : CARVALHO, André; BARROCA, Alberto. Família. De acordo com a Constituição de 1988. Belo Horizonte: Editora Lê. 1988; TURKENICK, Abraham. Famílias Ocidentais no Século XX. In: PORTELLA, Ortiz Fabiana; FRANCESCHINI, Ingrid Schroder (Orgs.). Família e Aprendizagem: uma relação necessária. Rio de Janeiro: Wak, 2011, p. 11-36.

Embora a dissolução das famílias frequentemente se dê em função dos divórcios no modelo patriarcal, são, todavia recompostas. Essa pluralidade familiar está ligada à queda das relações de autoridade entre os membros e o aumento das relações de igualdade. No entanto, se a família não funciona mais conforme uma distribuição necessária de papéis marcados pela tradição patriarcal existe a tendência latente da desinstitucionalização da família, seu desaparecimento, sua revitalização e fragmentação.

Singly (2007), reagindo sobre o conceito genérico de família nuclear, aponta que há diferentes matizes de família que foi sendo redesenhada ao longo da história. Para o autor, focalizar as formas, as estruturas familiares ocultam muito as funções e o modo de funcionamento da família.

Afirmar que a família nuclear, quer dizer, uma família composta de um homem, uma mulher e seus filhos e que vivem na mesma moradia, sempre existiu não significa, entretanto, dizer que esta família sempre preenche funções idênticas, ou que a regulação das relações entre os sexos e as gerações seja a mesma. A família nuclear dos anos 1950, na França, não pode ser comparada aos simples domicílios dos séculos XVI ou XVII (SINGLY, 2007, p. 31).

Para Costa (2004), a família nuclear, enquanto réplica das relações entre classes sociais, mesmo matizada e redesenhada ao longo do tempo nos países do Ocidente, nunca deixou de estar atrelada ao destino político de suas regiões. Tal articulação ocorre de duas maneiras historicamente inéditas: por um lado, o corpo, o sexo e os sentimentos conjugais passaram a ser usados como instrumentos de dominação política e sinais de diferenciação de classe. De outro modo, a ética que ordena o convívio social no modelo patriarcal modelou o convívio familiar, reproduzindo no interior das famílias os conflitos e os antagonismos inerentes à classe social vigente.

Para Szymanski (1995, p. 24), as interpretações das inter-relações entre as pessoas passaram a ser feitas no contexto do modelo da família nuclear. Quando a família se afastava da estrutura desse modelo, era chamada de 'desestruturada' ou 'incompleta' e consideravam-se os problemas emocionais que poderiam advir de tal desestrutura ou incompletude. Assim, para a autora, "o foco estava na estrutura da família e não na qualidade das inter-relações".

Nesse sentido, notamos que a imagem, ou o formato de família apresentada pelos sujeitos da pesquisa seguem os ideais do modelo nuclear patriarcal.

Para Singly (2007), uma dualidade caracteriza o comportamento das pessoas da família contemporânea ou pós-moderna. Ela é ao mesmo tempo relacional e individualista.

Segundo este autor:

Os homens e as mulheres, os adultos e as crianças organizam a sua vida privada no quadro desta dualidade: uma reivindicação de independência coletiva e individual e uma dependência enorme na esfera pública (SINGLY, 2007, p. 30).

De acordo com Simionato e Oliveira (2009), a distinção atual das famílias contemporâneas está na ênfase que eles dão aos processos de individualização, transformando-se em um espaço privado a serviço dos indivíduos. Essa família é regida ainda mais pela lógica do afeto, isto é, as relações estão cada vez mais pautadas na afetividade.

Kehl (2003) acrescenta que a sociedade contemporânea só legitima as uniões dos casais que são firmadas a partir da busca pelo amor e satisfação sexual. Podemos supor que os vínculos familiares pautados na afetividade são firmados em busca de satisfações pessoais, nas quais as pessoas se unem com a condição de se amarem, bem como os filhos devem ser prioridade para os pais. As uniões duram enquanto durar o amor individual, enquanto os afetos entre pais e filhos devem ser eternizados.

Os sujeitos participantes desta pesquisa, em diversas situações, enfatizam a participação da família em sua vida escolar e cotidiana. Ora a família aparece como apoio afetivo, ora como provedora de recursos necessários, ora como apoio à escola.

Sobre este assunto, visualizamos que a resposta para a questão: Você considera que algum ou alguns temas religiosos vistos na infância durante as aulas foram relevantes para formação da pessoa que você é hoje?. Assim, consideramos a ênfase dada à questão familiar em algumas respostas:

Creio que a manutenção da família, o perdão, a força interna para seguir com nossos projetos de vida. Lá eu era sempre muito incentivada (L 5).

Acredito que a junção família e educandário fizeram a diferença em minha vida e me ajuda na criação das minhas filhas (M 2).

Hoje percebo que tudo girava em torno da família, da união delas (L 5). Valorização da família, determinação, disciplina com minha filha, deixar a vida dos outros pra cada um cuidar (A 6).

Outra questão em que as respostas enfatizaram a questão familiar, a importância desta tanto pra a formação quanto como foco das ações educativas do ENSR, a pergunta: O que ficou de mais importante desta época da sua vida escolar?. Obtivemos respostas as seguintes respotas:

Dar valor as pessoas, principalmente as que nos amam. (L 5)

Acredito que a junção família e Educandário fizeram a diferença em minha vida e me ajuda na criação das minhas filhas. (M 2)

Respeito as desigualdades; a importância de formar uma família e cuidar dela. (M 2)

A importância da família. O combate às drogas, a ética. Tudo isso eu vi, mas hoje as drogas estão acabando com o mundo, assim como a falta de estrutura e união das famílias. (L 2)

O carinho recebido pelas irmãs e por professores e a proximidade com minha família. (S 4)

As respostas supracitadas mostram que havia uma relação entre a família e o ENSR. Assim, acreditamos que estas respostas mostram ainda que as atividades desenvolvidas pela escola também enfatizavam a importância da manutenção da família e os valores recebidos em ambas as instituições (família e escola).

Pereira (1995), numa análise da perspectiva de novos modelos familiares, reafirma a visão otimista apresentada pelo informante da pesquisa acima, ao relatar que as mudanças nas famílias não devem ser encaradas como tendências negativas, pois a aparente desestruturação da família é mais um dos aspectos de sua reestruturação. Apesar de caracterizar-se por um processo contraditório, a família, ao mesmo tempo em que promove um sentimento de insegurança, sua aparente desorganização cria a possibilidade de emancipação de segmentos marginalizados ao longo da história.

Fato é que a família continua existindo e sua suposta dissolução não parece se conjugar com a sua falência, mas sim com o surgimento de novos modelos, baseados em relações de gênero um pouco mais igualitárias. Esta reflexão nos leva a questionar se a hipótese de uma suposta crise da família ou sua

dissolução não se refere à ruptura de um modelo dominante, que por muitas décadas ocupou o imaginário social como a única forma saudável de estruturar a família.

O próprio censo demográfico no Brasil, segundo Kehl (2003. p. 164), quando se refere à família brasileira, considera que esta apresenta-se de forma diferente a cada censo realizado. Segundo a autora “a cada novo censo demográfico realizado no Brasil, renova-se a evidência de que a família não é mais a mesma”.

Desta forma, é oportuno ressaltar que para estabelecer uma comparação torna-se necessário retomar a avaliação da história da família, que nos mostra a inexistência de um único modelo nos mais diversos períodos históricos e sociais.

Diante disso, percebemos as evidências das transformações que ocorreram nas famílias, e a liberdade das pessoas de escolher seus arranjos familiares da melhor forma que lhe convém, de acordo com sua cultura e valorização social. Entretanto, seja qual for o modelo de estrutura familiar, ela necessita ser compreendida como base primordial na formação de valores do ser humano, servindo de apoio e sustentação.

### **2.3.2 Função social da família**

A família tem como principal função proteger, assegurar o bem estar e conforto aos seus membros, bem como educar orientando na inserção do indivíduo no contexto social em que ele vive. Tem como objetivo a proteção psicossocial de seus integrantes e a acomodação de uma cultura e sua transmissão. É um sistema dentro de outros sistemas e é o núcleo de socialização, possui funções afetivas e sociais, é responsável pelo desenvolvimento físico e psíquico dos indivíduos.

É a família a responsável pela transmissão de valores morais e éticos, pela formação de hábitos, costumes e cultura, prepara seus membros para que alcancem autonomia e identidade, podendo assim viver de forma plena na sociedade que está inserido.

A família não é somente o berço da cultura e a base da sociedade futura, mas é também o centro da vida social [...] A educação bem sucedida da criança na família é que vai servir de apoio à sua criatividade e ao seu comportamento produtivo quando for adulto [...] A família tem sido, é e será a influência mais poderosa para o desenvolvimento da personalidade e do caráter das pessoas (GOKHALE, 1980, p.30).

A família, então, como primeiro contato social do sujeito estará na base da formação de suas crenças, desempenhando papel decisivo na educação formal e informal de suas crianças. É sem dúvida responsável pela verdadeira formação da cidadania. É nela que ocorrem os primeiros aprendizados dos hábitos e costumes da cultura, dando início a uma construção sólida do processo de autonomia da pessoa ou não.

Desta forma, considerando-se a importância da família na formação cultural do ser, notamos que as ações educativas do ENSR, sob a perspectiva dos sujeitos da pesquisa, contribuíram nesta formação.

Os sujeitos entrevistados compreendem que houve, naquele período, a participação da família na escola e vice versa:

Valorização da família, determinação, disciplina com minha filha, deixar a vida dos outros pra cada um cuidar (A 6).

Que nos temos que estudar, valorizar a família, respeitar as pessoas independente de qualquer coisa (A 6).

Não. Essa formação religiosa vem mesmo é de casa, dos exemplos dos familiares (D 2).

Sim e tinha muito incentivo e apoio (D 3).

As respostas mostram que os sujeitos percebem que havia, por parte da escola e da família, uma preocupação comum na formação cultural e social voltadas para a questão disciplinar, do respeito às pessoas e da formação religiosa. Entendemos que, tanto para as famílias, quanto para a escola, a religião apresentava-se como parte integrante e fundamental nesse processo de formação social para valores morais e éticos.

Moscovici (2003) afirma que o senso comum se mostra como uma forma de conhecimento efetivamente prático, elaborado a partir das ações do cotidiano. Com esse caráter, a sua imagem como modelo de pensamento carece de padronização, porém não é desestruturada. A estrutura sobre a qual se ergue o pensamento comum se caracteriza como estrutura informal, isto é, uma espécie desestruturada semiológica e flexível, determinada pelo caráter espontâneo e prático por parte dos indivíduos no uso dos atos de fala e ações sociais no dia a dia.

Segundo tal perspectiva, o senso comum é um tipo de pensamento em que as pessoas comuns procuram articular o conhecimento à sua vida, sem pretensão de transcendência e sem necessitar de regras e convenções para pensar.

Seria um pensamento livre, embora fortemente influenciado pela tradição e pelos estereótipos de linguagem. Segundo Moscovici e Hewstone (1988), o caráter informal do senso comum produz um modelo de conhecimento simples e popular, resultante da veiculação de informações elementares veiculadas nos meios de comunicação sociais, conjuntamente com os valores sociais da vida cotidiana.

No caso das pessoas entrevistadas nesta investigação, elas sintetizam e expressam o processo de aquisição e de transmissão do conhecimento recebido no ENSR necessário à sobrevivência delas e de suas famílias.

Neste sentido é válido afirmar que a linguagem permeia nossa vida de forma abrangente e se falando de memória, ela não fica afastada do centro da discussão. Ao contrário, ela faz parte do centro da discussão, pois, através dela, que esses estudos podem ser realizados, sistematizados, registrados e repassados.

Halbawchs (2006) analisa com propriedade a memória coletiva, analisa ademais que a experiência da releitura pode ser tomada também como um tipo de memória dividida em outras duas, a saber: a memória que surge a partir de uma já existente, através da releitura de um livro, por exemplo, feito na infância e na vida adulta.

Se tivermos a oportunidade de reler um livro que na infância nos causou sensações positivas diante da riqueza dos detalhes, das descrições ricas e adubadas com a fértil imaginação infantil, tivemos algumas imagens geradas pela imaginação e gravadas na memória, trazidas à tona pelas lembranças. Quando da oportunidade da releitura na fase adulta, pode acontecer de não termos as mesmas sensações. Pode acontecer de não termos os mesmos encantamentos vividos na infância e percebermos as descrições menos ricas ou mesmo menos encantadoras que antes. Caso isso aconteça, as lembranças que a memória guarda não serão afirmadas e sim minimizadas, dada a elas um *status* de quase indiferença.

Na vida de algumas pessoas acontecem fatos marcantes desde muito cedo. A eles podem ser atribuídos uma carga valorativa que às vezes não possa ser preenchida de outra forma. Cabe à família tentar suprir essa necessidade a fim de não deixar o sujeito sucumbir ao acontecido. Por esse motivo é que a família é comumente chamada de alicerce, base, sustentação das pessoas. A escola pode tentar cumprir esse papel também, mas sua eficácia será menos. Isso fica claro na declaração dos sujeitos que se segue:

Com meu pai, pois perdi minha mãe quando eu tinha 05 anos (L 5).

Sim e meu pai ia em tudo (L 5).

A princípio tristeza, principalmente nas comemorações do dia das mães, mas nas demais atividades eu gostava porque me ocupava. Me sentia bem (L 5).

Hoje percebo que tudo girava em torno da família, da união delas. (L 5)

Querem-se lembrar o que aconteceu nos primeiros tempos da infância, podemos confundir com o que ouvimos dizer de outros ou o que vivemos efetivamente ou através de leitura, com as próprias lembranças. Daí o caráter não só pessoal, mas familiar, grupal, social, da memória.

Mas se tivermos a oportunidade de relermos um livro que já foi lido na fase adulta, as impressões podem ser reafirmadas. Pode nos parecer novo ou remanejado de maneira oposta. Com a releitura, detalhes que escaparam antes, podem ser percebidos agora, assim como ideias, comportamentos, motivos de agir dos personagens e atitudes tomadas serão reafirmadas e revitalizadas, fazendo com a memória se revitalize e se encorpe no sentido de agregar sentido de valor, de turbinar as lembranças a fim de gerar atitudes e comportamentos atuais inteirados das novas experiências que, em curto prazo, foram adquiridas e com a releitura, realçadas.

A experiência da releitura é apenas um exemplo, entre muitos, da dificuldade, senão da impossibilidade, de reviver o passado tal qual vivido.

Essa compreensão também se faz presente nas respostas dos sujeitos:

Sim, porque sentia que as irmãs e professoras tentavam tampar a falta da minha mãe (L 5).

Creio que a manutenção da família, o perdão, a força interna para seguir com nossos projetos de vida. Lá eu era sempre muito incentivada (L 5).

A família e seu real valor (L 5).

O que ficou de mais importante desta época da sua vida escolar? Dar valor as pessoas, principalmente as que nos amam (L 5).

As percepções variam de acordo com a intensidade das relações afetivas, educacionais e religiosas, especialmente as intervenções que se fazem presentes no cotidiano dos sujeitos, sejam na escola ou em casa, nas relações sociais e pessoais que vamos estabelecendo ao longo da vida.



Seja como for que a memória se expresse, conforme nos explica Bosi (1994), os especialistas são unânimes em afirmar que ela é o fundamento do desempenho cognitivo do homem. Ela exige, para seu melhor desempenho, um alto dispêndio de energia mental, e se adultera com a passagem do tempo. Seu mecanismo age como uma espécie de colagem de fragmentos mnemônicos e de conhecimentos, que dá vida a ideias originais.

Neste sentido, torna necessário remeter à família e sua forma de atuação moderna, um tanto de responsabilidade, ou seria competência, para o teor do conteúdo guardado na memória e sua significação na vida adulta.

Nossa memória apresenta níveis diferentes de conservação temporal dos dados adquiridos. Alguns deles se esvaem com a passagem dos anos, outros se tornam mais difíceis de detectar, enquanto determinadas informações ficam meio apagadas e são arduamente reconstituídas.

Guardar boas, razoáveis ou boas lembranças de momentos vividos em idade escolar na Educação Infantil ou no Ensino Fundamental terão relação direta com a vida, as relações e a forma de criação dos filhos pela família, seja ela patriarcal, moderna, alternativa.

Desta forma, consideramos fundamental, registrar nossas percepções acerca da relevância da integração entre família e escola sob a perspectiva da escola confessional, uma vez que isso foi uma das ênfases percebidas nas repostas dos sujeitos da pesquisa. Assim, trataremos no próximo item, questões teóricas que subsidiam esta integração entre a família e a escola a fim de compreender quais são os benefícios para as crianças.

## **2.4 Integração entre a Família e a Escola**

É na família que são construídos os primeiros conceitos de moral e ética, e cabe aos pais e responsáveis repassar princípios básicos de educação para os filhos, para que esses possam socializar e serem inseridos na sociedade. A família é a base que prepara crianças e jovens para a vida social e a maior influência que um cidadão possui no desenvolvimento da personalidade e do caráter.

Sobre este assunto, Dessen e Polonia (2007) afirmam que:

Como primeira mediadora entre o homem e a cultura, a família constitui a unidade dinâmica das relações de cunho afetivo, social e cognitivo que estão imersas nas condições materiais, históricas e culturais de um dado

grupo social. Ela é a matriz da aprendizagem humana, com significados e práticas culturais próprias que geram modelos de relação interpessoal e de construção individual e coletiva. Os acontecimentos e as experiências familiares propiciam a formação de repertórios comportamentais, de ações e resoluções de problemas com significados universais (cuidados com a infância) e particulares (percepção da escola para uma determinada família). Essas vivências integram a experiência coletiva e individual que organiza, interfere e a torna uma unidade dinâmica, estruturando as formas de subjetivação e interação social. E é por meio das interações familiares que se concretizam as transformações nas sociedades que, por sua vez, influenciarão as relações familiares futuras, caracterizando-se por um processo de influências bidirecionais, entre os membros familiares e os diferentes ambientes que compõem os sistemas sociais, dentre eles a escola, constituem fator preponderante para o desenvolvimento da pessoa (DESSEN e POLONIA, 2007 p. 22).

Assim sendo, como primeira mediadora e matriz da aprendizagem humana, a família é responsável pelos primeiros cuidados de que a criança necessita para a inserção social.

Em seguida, imersa nesta ideia de construção social de que a criança necessita para formar-se, a escola constitui-se fator importante, porém, conforme as considerações das autoras é apenas um dos ambientes que compõem os sistemas sociais.

Junto com a família existe a escola que vem para dar continuidade a esse processo de formação, com a função de transmitir saberes e contribuir na formação de valores. Ao entrar para vida escolar, crianças e adolescentes manterão contato com valores e princípios no qual a maioria é diferente daqueles da sua família. A partir do momento que a criança vai para escola a família deixa de ser a única instituição na qual ela estará inserida, nascendo daí uma necessidade de pais e escola se conhecer para formar valores e saberes de forma integral no sujeito. Para essa integração se concretizar com sucesso é necessário que haja uma boa relação entre ambas às instituições educativas.

Assim sendo, conforme Dessen e Polonia (2007):

A escola emerge, portanto, como uma instituição fundamental para o indivíduo e sua constituição, assim como para a evolução da sociedade e da humanidade (Davies & cols., 1997; Rego, 2003). Como um microssistema da sociedade, ela não apenas reflete as transformações atuais como também tem que lidar com as diferentes demandas do mundo globalizado. Uma de suas tarefas mais importantes, embora difícil de ser implementada, é preparar tanto alunos como professores e pais para viverem e superarem as dificuldades em um mundo de mudanças rápidas e de conflitos interpessoais, contribuindo para o processo de desenvolvimento do indivíduo (DESSEN e POLONIA, 2007 p. 25).

Para Szymansky (1995, p. 73), “o segredo de uma boa relação é saber ouvir, respeitar as culturas e trabalhar junto”. Sendo assim para que haja uma agradável interação entre essas duas instituições, família e escola, ambas devem atuar de forma que respeitem-se e busquem um trabalho coletivo partindo das mesmas perspectivas de valores.

Desta forma, notamos que segundo as concepções dos sujeitos da pesquisa, esta interação respeitosa era percebida por eles no período pesquisado. Assim, embora respondendo às questões de forma simples, com respostas objetivas, os alunos egressos mostram que reconhecem a importância desta interação entre família e escola e ainda esclarecem que esta interação era algo que fazia parte das discussões que ocorriam na sala de aula.

Acredito que a junção família e Educandário fizeram a diferença em minha vida e me ajuda na criação das minhas filhas. (M 2)

Respeito às desigualdades; a importância de formar uma família e cuidar dela. (M 2)

Os meus pais sempre incentivavam. (F 1)

É necessário compreender que a família e a escola têm papéis importantes na educação do sujeito. A escola precisa conhecer o funcionamento da família e esta deve se inteirar e participar da vida escolar de seus filhos. Para isso é importante que se compreenda na verdade, que a responsabilidade de educar não é exclusivamente da família e nem apenas da escola. É preciso considerar que cada uma das instituições tem o seu papel educativo, porém carecem de se associarem numa só diretriz, unindo esforços para a formação plena do sujeito.

Zagury (2002, p. 85) completa afirmando que:

A escola faz um tipo de trabalho, a família outro. Ambas se completam de forma maravilhosa e incrível para o bem estar e a formação integral de nossas crianças. Mas nem uma nem outra pode suprir todas as necessidades infantis e juvenis sem ser em conjunto.

Percebemos que nos dias atuais, com as mudanças de formas na organização familiar, muitos pais acabam transferindo para as escolas a responsabilidade de cumprir seu papel formador. As escolas além de ter como função ensinar os conteúdos sistematizados, estão sendo responsabilizadas de

desenvolver valores morais, éticos, padrões de comportamento, boas maneiras e até hábitos de higiene que tradicionalmente eram considerados função da família.

Zagury (2002) ainda completa que:

[...] escola é um local onde o filho encontrará reforço para as ideias e valores que foram desenvolvidos em casa (...) família e escola devem criar um clima de respeito mútuo, favorecendo sentimentos de confiança, competência, tendo claramente delimitados os ambientes de atuação de cada um (ZAGURY, 2002, p.87) .

Abordando a relação entre a permanência do ideal e a vivência do real em relação às concepções e configurações da família na atualidade, Carvalho (1995) entende que as expectativas em relação à família estão, no imaginário coletivo do Ocidente, ainda impregnadas de idealizações, das quais as chamadas famílias nucleares e patriarcais continuam sendo o modelo idealizado e esperado pela sociedade.

Assim, percebemos que tais concepções também fazem parte das observações feitas pelos sujeitos de nossa pesquisa, uma vez que em suas respostas trazem a valorização da família como âncora dos ensinamentos recebidos do ENSR:

Creio que sim. Pela educação, valores, valorização da família e da presença de deus na nossa vida (G 1).

Valorização da família era tema quase que diário. Não tem como não lembrar e fazer bom proveito, principalmente agora com a minha própria família (G 1).

Eu tinha um contato bem estreito com minha família e com o pessoal da escola. Valorizar as pessoas que a gente percebe que nos querem bem, que nos amam (G1).

Ficam na memória as coisas boas e as ruins também. No caso de lá ficaram as boas e foram muitas. Sou disciplinada e muito ligada à família, acredito no casamento e em tudo que é de Deus. (L 2)

Contribui bastante pra minha fé e para manutenção da minha família. (L 2)

Assim, segundo Carvalho (1995, p. 15) “a família vive num dado contexto que pode ser fortalecedor ou esfacelador de suas possibilidades e potencialidades”. Ainda, de acordo com Dowbor (2005, p. 295), “a tendência mais recente é exatamente a desarticulação da própria família nuclear”.

Carvalho (1995) afirma que é preciso olhar a família no seu movimento. Este movimento de organização-reorganização torna visível a conversão de arranjos

familiares entre si, bem como reforça a necessidade de se superar o preconceito sobre as formas familiares diferenciadas, começando pelos próprios membros que se deparam com o paradoxo, entre o real imaginado e o ideal vivenciado.

Nas últimas décadas, quando a família ficou no limbo, era quase um consenso que Estado ou mercado poderiam substituir a família no seu papel formador. A escola, os clubes esportivos, os acampamentos possibilitaram a emergência de sujeitos como 'a tia ou tio' como fontes precípua de formação, e não mais os pais (CARVALHO, 1995, p. 18).

Questões de extrema relevância para manutenção da sociedade são abordadas pelos sujeitos como ética e drogas, mas o eixo central do indivíduo é a família. Sua associação com a escola mostra sua eficiência pela formação que consegue atingir de seus membros mesmo ante as adversidades que o mundo moderno oferece. O reconhecimento dessa função essencial da família nos mostra que o caminho sempre será esse, com atropelos e dificuldades, mas com o sequente resultado e o não tão provável reconhecimento.

A importância da família. O combate às drogas, a ética. Tudo isso eu vi, mas hoje as drogas estão acabando com o mundo, assim como a falta de estrutura e união das famílias. (L 2)

Creio que sim, porque a família ensina muito e a escola completa esse aprendizado. Como foi feito de uma forma boa, me considero uma pessoa íntegra e devo isso a educação que tive em casa e na escola. (S 4)

Ponderando sobre a relação entre um ideal de família unida, nos moldes patriarcal, e a realidade de fragmentação por que passam as famílias na atualidade, pesquisas atuais sobre a família, entre elas as realizadas por Martin (1995), Macedo (1994) e Helman (2009) mostram que a família continua sendo um lugar privilegiado de proteção e de pertencimento, um campo relacional importante na reorganização existencial do indivíduo. Daí a importância da família para a sociedade ocidental enquanto instância de articulação entre o individual e o social, o público e o privado como modelo de vida social.

A família, hoje, se coloca como aquela organização que ao mesmo tempo em que sofre, espelha o ímpeto das transformações sociais em curso na cultura atual e constitui o *lócus* de redimensionamento individual nas suas interações com o contexto mais complexo de interação com o todo da sociedade.

Os membros das famílias podem, como vimos anteriormente, variar bastante. A presença de indivíduos ainda criança, jovens, adultos, idosos nos coloca em posição de cuidado mútuo, acompanhamento e defesa. A forma como esses membros vão perceber as situações passadas, presentes e futuras são determinantes para as compreensões coletivas.

Bosi (1994), em suas análises sobre memória, esclarece de que forma a memória dos velhos é de uma forma especial, diferenciada. A autora apresenta a função social das lembranças dos velhos e também da enorme carga de responsabilidade dessas pessoas que, na verdade, guardam na memória acontecimentos sociais, pessoais, culturais e decisivos para estudos científicos, como no caso de sua publicação, e tão intimamente valorativos.

É desta forma analisada a memória dos velhos, por que são pessoas que já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características peculiares. Já viveram quadros de referência familiar e culturais igualmente reconhecíveis.

Sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem que ainda esta absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que a uma pessoa de idade (BOSI, 1994, p.60).

As considerações desta autora sobre a relação entre a atualidade e a memória, da capacidade humana de buscar na memória aquilo que foi absorvido, foram fundamentais para que pudéssemos perceber que as ações educativas do ENSR foram, no período analisado, fundamentadas na valorização da família. Assim, em muitas respostas obtidas há a constante referência:

Sim, a valorização da família, o respeito a todos e a igualdade diante de Deus (S 4).

O carinho recebido pelas irmãs e por professores e a proximidade com minha família (S 4).

A importância da família. O valor do amor de deus pra nós. O valor do ser humano (S 4).

A importância da família. O valor do ser humano. O valor do amor de Deus pra nós (R 3).

De acordo com Bosi (1994) as imagens que se formam na nossa mente quando lembramos algo já vivido pode ser acrescentada na vida adulta por uma riqueza de detalhes que pode lhe dar uma importância ainda maior do que antes atribuída ou vice versa. Assim, os sujeitos de nossa pesquisa, vão elencando suas

lembranças trazidas da memória ainda considerada recente de forma a montar um emaranhado de sensações e recordações que passam a fazer mais sentido agora, na vida adulta.

Diante dessas observações, é importante ressaltar que nas memórias da infância dos sujeitos da pesquisa as ações educativas do ENSR foram importantes não apenas para a construção dos valores morais enfatizados pela confessionalidade da escola, mas colaboraram para que a relação entre família e escola fosse fortalecida. Desta forma, os sujeitos esclarecem que tais questões influenciaram, ou mesmo, que foram fundamentais para a construção do adulto (ou dos adultos) em que se tornaram.

Tais questões nos levou a compreensão de que há uma relação entre ter estudado do ENSR e os modos de ver a vida dos sujeitos de nossa pesquisa.

## **2.5 Relações, construções, conteúdos e modos de ver a vida**

A memória, conforme foi visto no decorrer deste capítulo, é a faculdade psíquica por meio da qual se consegue reter e (re) lembrar o passado. Mas em se tratando de faculdade psíquica não se pode concretizar o que nela consta sem haver o registro do que a memória traz em seu conteúdo.

Registrar significa inscrever, anotar, guardar na memória (humana ou virtual). É neste contexto que o registro visa contribuir para a manutenção dos dados que temos sobre acontecimentos do passado que podem exercer influência na vida atual e na vida de tantas outras pessoas que virão a existir no mundo e que irão se valer de conhecimentos do passado.

Para esta pesquisa, a importância do registro se torna decisiva e simplificada, pois as informações colhidas na escola dependeram unicamente dos registros feitos pelos professores e funcionários que por ali estiveram no período compreendido entre os anos de 1985 e 1990. É interessante observar que com o registro a informação permanece e sem ele, boa delas simplesmente deixam de existir.

Exemplo disto é o que foi possível observar no nível de levantamento de conteúdos religiosos registrados nos diários de classe desta época. Diversos conteúdos foram registrados e uma pequena quantia deles foi lembrada pelos

alunos egressos. Assim sendo, questionados sobre quais eram os conteúdos trabalhados, boa parte das respostas foram negativas:

Você se lembra dos temas abordados durante as aulas? Não (F1).

Não claramente, mas se falava da vida de Jesus (D 2).

Não lembro (M1).

Não exatamente (A1).

As respostas desses sujeitos mostram que os conteúdos, ou foram esquecidos em função o caráter cotidiano dos conteúdos curriculares comuns (aqueles que fazem parte da grade curricular de qualquer escola); e mostra que na memória do ex-aluno D2, ficou marcada a questão de fazer parte dos conteúdos o estudo da vida de Jesus. Isso mostra que os conteúdos de caráter religioso ficaram na memória deste aluno.

Questionados se havia alguma relação entre ter estudado no ENSR e a forma como veem a vida hoje, algumas respostas obtidas foram:

Acho que a disciplina, a discrição e a determinação que eu tenho é de lá das irmãs e da minha família (A 6).

Sim. Percebo que temos que dar oportunidade a todos (o que não acontecia na minha época) (D2).

Vejo a vida com olhos bem críticos. O apoio da família é fundamental. Precisa determinar mesmo, deixar as crianças escolherem não é certo, porque ainda não tem experiência de vida para decisões acertada. Criar com amor e disciplina para ser adulto responsável (D 3).

Creio que a manutenção da família, o perdão, a força interna para seguir com nossos projetos de vida. Lá eu era sempre muito incentivada (L 5).

As respostas obtidas durante nossa pesquisa nos remetem à questão do trabalho desenvolvido na busca pelas memórias do período de infância escolar dos sujeitos entrevistados. Assim, ressaltamos a importância das considerações de Delgado (2003) sobre as narrativas e o esforço da memória na busca dos fragmentos:

As narrativas, tal qual os lugares da memória, são instrumentos importantes de preservação e transmissão das heranças identitárias e das tradições. Narrativas sob a forma de registros orais ou escritos são caracterizadas pelo movimento peculiar à arte de contar, de traduzir em palavras as reminiscências da memória e a consciência da memória no tempo. São importantes como estilo de transmissão, de geração para geração, das experiências mais simples da vida cotidiana e dos grandes eventos que marcaram da História da humanidade. São suportes das identidades



coletivas e do reconhecimento do homem como ser no mundo (DELGADO, 2003, p. 21 e 22).

Quando este autor se refere à narrativa, leva a crer que é o registro que forma essa narrativa, dando concretude, podendo ser rica em detalhes, em poética e mais especificamente ao registro escrito do que vivemos ao longo da vida. É como fazer físico, concreto algo que é apenas imaginário.

Durante nossa pesquisa, percebemos que cada sujeito entrevistado foi interpretando os fatos ocorridos no coletivo de uma forma diferente dos demais, por ter a certeza que o meio e as experiências anteriormente vividas por cada pessoa são relevantes no processo memorativo. Para Lopes (2009):

Cada lembrança é única. Porque somos únicos e singulares a cada momento. A memória é flexível, ajustável às nossas concepções, conservando o passado de forma que é mais apropriada ao sujeito (LOPES, 2009, p.97).

Assim sendo, cabe-nos ponderar que cada sujeito, a seu tempo e à importância dada aos fatos vividos, apresenta sua interpretação, suas considerações sobre os momentos vivenciados no ENSR. Consideramos que as respostas trazem dados que mostram que para boa parte dos sujeitos consideram que ter estudado nesta escola influenciou na maneira como cada um vive a vida na vida adulta.

Ainda sobre a influência da escola na forma como veem a vida nos dias atuais, outras respostas foram:

Creio que sim. Pela educação, valores, valorização da família e da presença de deus na nossa vida (G 1).

Ficam na memória as coisas boas e as ruins também. No caso de lá ficaram as boas e foram muitas. Sou disciplinada e muito ligada a família, acredito no casamento e em tudo que é de Deus (L 2).

Sem dúvida. Como mencionei, lá eu aprendi valores para a vida, que foram muito além da instrução formal (A 1).

Com certeza (S 6).

Creio que sim, porque a família ensina muito e a escola completa esse aprendizado. Como foi feito de uma forma boa, me considero uma pessoa íntegra e devo isso a educação que tive em casa e na escola (S 4).

Sim. (R 3)

Em vários aspectos sim, principalmente na visão humana do próximo (L 4).

Com certeza (W 1).

Acreditamos que nenhum dos sujeitos da pesquisa tenha tido a iniciativa de guardar os registros pessoais dessa época, a menos que fossem solicitados. Desta forma, as respostas obtidas são fruto exclusivamente da memória dos mesmos. Comumente esse registro formal fica a cargo da secretaria e coordenação pedagógica como forma documental e comprobatória do serviço prestado e de sua autenticidade.

Em nosso questionário, vimos a necessidade de perguntar se os conteúdos religiosos estudados na escola foram levantes para a construção do adulto em que se tornaram os sujeitos entrevistados. Percebemos esta necessidade em função da especificidade confessional da escola e, após analisar os documentos da mesma. Conforme mencionamos anteriormente, na análise dos diários de classe, notamos a presença de conteúdos de caráter religioso.

Na análise dos diários de classe do período pesquisado observamos que os conteúdos de caráter religioso apresentavam como fundamentos a vida de Jesus na terra, trazendo os exemplos para uma vida dedicada à família e ao próximo, à dedicação de Maria à família e ao filho, várias parábolas e outros conteúdos também valorativos.

Segundo Abbagano (2007), religião é um termo que possui diversas origens.

O conceito de R. compreende ambos os aspectos. Etimologicamente, essa palavra significa provavelmente "obrigação", mas, segundo Cícero, derivaria de *relegere*: "Aqueles que cumpriam cuidadosamente todos os atos do culto divino e, por assim dizer, os reliam atentamente foram chamados de religiosos — de *relegere* —, assim como elegantes vem de *elegere*, diligentes de *cliligere* e inteligentes de *intelligere*-, de fato, em todas essas palavras nota-se o mesmo valor de *legere*, que está presente em R." (De ncit. c/eor., II, 28. ""2). Para Lactâncio (Inst. Div., IV, 28) e S. Agostinho (Retract., I, 13), porém, essa palavra deriva de *religare*, e a propósito Lactâncio cita a expressão de Lucrecio "soltar a alma dos laços da R." (De rei: nat., I, 930) (ABBAGANO, 2007, p. 858).

Guerriero (2012), ao analisar a perspectiva de religião de Durkheim, mostra que para este sociólogo a religião não vem para explicar o sobrenatural. Antes de tudo, as concepções religiosas têm por objetivo exprimir e explicar, não o que existe de excepcional e de anormal nas coisas, mas ao contrário, o que elas têm de regular, de cotidiano. Vem para garantir o funcionamento da vida cotidiana.

De acordo com este autor:

Durkheim constrói seu conceito de religião apoiado na concepção de distinção entre as representações coletivas de sagrado e de profano. Nesse

sentido, posicionava-se contrariamente à visão corrente na época, protagonizada pelo antropólogo inglês Edward Tylor, que dizia ser a religião a crença em seres sobrenaturais (cf. TYLOR, 1976). Durkheim enfatizava os aspectos cognitivos das representações sociais e os emocionais em detrimento de tipos específicos de crença sobrenatural (GUERRIERO, 2012, p. 12).

Desta forma, cabe-nos observar que nossas pesquisas mostraram que os conteúdos desenvolvidos na escola confessional visam à manutenção do cotidiano dos indivíduos enquanto elementos de uma sociedade.

Assim, após analisar os diários de classe do ENSR, notamos que em todos os diários há registro de conteúdos, como: Criação – Presença de Deus; Significado e símbolos da páscoa; Ressurreição do Senhor; Façamos o homem Nossa imagem e semelhança; Adão e Eva desobedecem a Deus; Maria, mãe de Jesus; O cego e mudo; Deus é nosso pai; o surdo e o mudo; O bom pastor; a pesca milagrosa. O amor de Deus ao próximo; A casa dos filhos de Deus; A mesa da Casa de Deus; O livro da palavra de Deus; Multiplicação dos pães; Pedro; Papai, mamãe e eu; Somos todos irmãos; Convivência infantil sobre a Campanha da Fraternidade; Campanha do menor abandonado; A última ceia; morte de Jesus na cruz.

Esses conteúdos, segundo uma das gestoras entrevistada<sup>11</sup>, visam, de forma direta e indireta, estabelecer nas crianças, fortes e duradouras relações familiares, afetivas e sociais. Buscam manter coesa a família e “despertar comportamentos solidários, de preocupação com as demais pessoas que formam a sociedade em que vivemos e claro, a crença em Deus, em Maria, Jesus Cristo e na igreja”.

Em se tratando da escola confessional, a forma de proceder na aula e a escolha do conteúdo a ser trabalhado podem ser entendidas como ritual pedagógico com intenção de perpetuar um aprendizado que seja útil para os indivíduos em algum momento da vida ou em vários deles.

Guerriero (2012) esclarece que, para Durkheim, religião e sociedade não se desassociam. É a mesma coisa e compartilham do mesmo conteúdo. Nesse sentido, a escola confessional abre um caminho para a tentativa de manutenção da sociedade coesa por meio da valorização da família como bem maior em consonância com a participação nos ritos que o catolicismo possui, mesmo sendo a

---

<sup>11</sup> Entrevista semiestruturada realizada pela pesquisadora em 30/03/2015.

escola consciente da participação facultativa dos alunos nas aulas e na participação de atividades especificamente católicas.

Quando os alunos egressos responderam à questão sobre os conteúdos estudados e de que forma eles são relevantes para a vida adulta, alguns afirmaram que se lembram e que são úteis.

Valorização da família era tema quase que diário. Não tem como não lembrar e fazer bom proveito, principalmente agora com a minha própria família (G1).

Valorização da família, determinação, disciplina com minha filha, deixar a vida dos outros pra cada um cuidar (A6).

Alguns como: família, amizade, solidariedade (L2).

Manutenção da família, solidariedade, bíblia (A1).

Outra questão importante, enfatizada por Guerriero (2012) acerca dos estudos de Durkheim sobre religião, se trata das formas de culto. Para o sociólogo, existem os cultos negativos e positivos. Os negativos são os ritos que evitam a profanação, evitam que o crente haja errado, fora dos preceitos religiosos. A prescrição tem a função de evitar o erro por parte dos indivíduos. A proibição, o “não” é que evita o erro, a ação contrária à doutrina local.

Já os ritos positivos são os que reforçam a existência, permanência e ação do sagrado no meio social. Desempenha a função de aproximar as coisas sagradas para garantir a reprodução e a sobrevivência material da sociedade. A forma que o rito positivo se apresenta é o sacrifício, a oferenda. A imitação do sagrado reforça o padrão moral e o sacraliza ainda mais. Apresentam-se em formato de festas religiosas das mais variadas crenças por todo o mundo.

Sobre este assunto, uma outra pergunta em nosso questionário, era se durante o período em que estudaram na escola, esse egressos se lembravam de terem participado de algum evento religioso. Algumas das respostas obtidas foram:

Sim, mês de Maria, festa junina, natal (G1).

Como disse, eu participava da coroação de Nossa Senhora. Vestíamos de anjos e íamos para a igreja fazê-la em uma das missas da noite. Eu achava aquilo o máximo e penso que minha caminhada mariana começou naquele tempo (A1).

Todos os alunos participavam. Uns com mais empolgação, outros menos, mas todos participavam (L2).

Nunca fui de me expor, mas participava mais discretamente dos teatros, das músicas (A6).

Sim...coroação de Maria...evento que marcava as crianças...lindo lindo (M1).

Sim, mês de maio – mês de Maria. Só não gostava de rezar o terço, achava muito chato porque demorava muito e é tudo igual, eu pensava (D3).

As respostas desses sujeitos mostram que as atividades referentes à religião católica eram comuns no período em que estudavam no ENSR. Observamos nas descrições supracitadas, que os egressos gostavam de participar dessas atividades. Assim, consideramos que as atividades religiosas das quais esses alunos participavam fazem parte do que Durkheim (1996) chama de ritos positivos, uma vez que buscava aproximar essas crianças das coisas sagradas, construindo um perfil moral e social nessas crianças.

Nesse sentido, podemos dizer que a formação oferecida pelo ENSR a seus alunos seja de um rito positivo por buscar reforçar as ações adequadas por meio do exemplo, das leituras, das ações, dos conteúdos desenvolvidos em sala de aula. No caso das festas, são feitas através, principalmente das comemorações da Páscoa, do mês de Maria e do Natal.

Também gostava de participar, vestida de anjo, da coroação de Nossa Senhora no mês de maio (D2).

Sim, algumas missas na capela, não eram obrigatórias (W1).

Sim, participei da primeira comunhão (F1).

Nestas afirmações, que ainda se referem à participação em atividades de caráter religioso, os sujeitos evidenciam que havia a participação em eventos religiosos, ou seja, ritos que a escola desenvolvia e que ficam na memória dos alunos até os dias atuais. De acordo com a gestora entrevistada, naquele período, a participação dos alunos em atividades religiosas tinha um objetivo pedagógico assim como religioso. No entanto, o sujeito W1 afirma que não era obrigatória a participação, o que reforça o comportamento da instituição de respeito à vontade do aluno e da família conforme a lei apresentada no capítulo I deste estudo.

Já o F1 nos mostra que a escola também se valia dos conteúdos educativos desenvolvidos nas aulas para cumprir com um dos sacramentos do catolicismo que é a participação da eucaristia, preparação esta que se dava na própria escola.

Desta forma, podemos afirmar que a escola cumpre com seu papel de formadora de opinião aos indivíduos e que perpetuam os ditos do catolicismo quanto oportuno. Assim, vão de encontro das análises de Durkheim (1996) porque trabalham para a manutenção da coesão social e da manutenção da religião e da sociedade, vistas como um só organismo. As famílias por sua vez, mesmo com as atuações formações pós-modernas, encontram na escola um suporte na tarefa de educar e encaminhar seus filhos para uma vivência em sociedade que seja satisfatória em relação aos seus anseios educativos, religiosos, morais e econômicos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, apresentamos como tema o papel de uma escola confessional, o ENSR, sob a perspectiva de alunos egressos que concluíram seus estudos na escola no ano de 1990.

Desta forma, ao iniciamos a investigação, acreditávamos que havia a possibilidade desses alunos remeterem aos ensinamentos religiosos como motivação principal para sua inserção e busca de maior integração nas relações familiares e na comunidade. Assim, a realização da pesquisa bibliográfica e análise documental, fomentou-nos o interesse em investigar quais eram os conteúdos religiosos ali trabalhados no período pesquisado; bem como sua relação com outras dimensões da cultura e da sociedade na busca da compreensão dos fatores relevantes que poderiam contribuir para a manutenção da norma social, visto que, acreditamos que ela vem sendo ameaçada pelas transformações que os valores sofrem no mundo moderno.

O problema de pesquisa foi entender quais aspectos da oferta religiosa feita através da instituição de ensino são percebidos na relação com a família e a comunidade pelos alunos egressos do ano de 1990. Sendo assim, acreditamos que nossa pesquisa conseguiu responder ao questionamento levantado.

O domínio de conteúdos religiosos poderia agir de forma eficaz para as ações que seriam desenvolvidas pelas pessoas durante toda a vida como elementos de coesão e manutenção da sociedade.

A partir desta pesquisa, vimos que a escola confessional se reporta à religião como eixo norteador das ações e do ideário moral e ético enquanto a cultura local e as intenções das famílias confirmam, nesse formato de modalidade de ensino, uma fonte confiável de compreensões valorativas que contribuem decisivamente para a formação vista como ideal para os indivíduos. Desta forma, destacamos por meio da apresentação de leis, que há uma diferenciação entre o trabalho desenvolvido na escola confessional e os objetivos do estudo da disciplina de Ensino Religioso nas escolas regulares.

O trabalho desenvolvido na escola confessional que serviu de campo para esta pesquisa tem uma carga ideológica religiosa específica. Notamos que, mesmo se tratando de uma escola católica, a disciplina de “Ensino Religioso” ali

ministrada, assim como nas demais escolas é de participação facultativa aos alunos. Vimos ainda que os conteúdos desenvolvidos não têm a intenção e evangelizar nem de converter nenhum aluno à religião professada pela escola.

Por outro lado, o trabalho desenvolvido é pautado no controle e na disciplina, subsidiados pela intenção de compartilhar valores éticos e morais que venham a contribuir para a formação do sujeito e para sua permanência harmônica nas várias dimensões da sociedade que venha a se relacionar.

O ENSR é, conforme dados levantados, uma instituição de ensino regular confessional que se fundamenta num aparato legal regido pelas normas ditadas pela Constituição Federal, por leis estaduais e seguem as orientações da Secretaria de Estado da Educação de Goiás no que se refere aos processos de autorização de funcionamento, registros da secretaria e ao que diz respeito à operacionalização da educação formal. É uma instituição de ensino que conta com a presença, desde sua fundação e chegada ao município de Inhumas, de religiosas da ordem das Dominicanas do Santo Rosário, conhecidas por “Irmãs”.

Desta forma, nossa pesquisa de campo, mais especificamente a aplicação de questionários com alunos egressos, possibilitou-nos conhecer e pontuar um dos motivos pelos quais as famílias optam por matricular suas crianças em escolas confessionais. O primeiro deles, segundo os depoimentos dos sujeitos participantes desta pesquisa, as famílias buscam orientação religiosa e moral para seus filhos. Mesmo sendo estas famílias passíveis de orientações internas distintas e com mudanças fundantes em seus formatos modernos, a busca continua sendo por uma formação moral e valorativa.

O segundo motivo que observamos por meio dos relatos dos sujeitos, diz respeito aos ensinamentos e manutenção da disciplina escolar e pessoal das crianças. Educadores renomados, como Paulo Freire, afirmam que as crianças vivem constantemente em busca de um ponto de referência disciplinar, de limites disciplinares que contribuam para seu desenvolvimento em sentido amplo. Assim, em nossa pesquisa, vários relatos dos sujeitos nos remetem à questão da manutenção desta disciplina nos processos escolares vividos por eles e na disciplinada conduta em seu cotidiano na vida adulta.

Verificamos a trajetória da instalação do ENSR a partir da chegada, no ano de 1960, das Irmãs Dominicanas do Santo Rosário foi propulsora de desenvolvimento educacional confiável no recém-fundado município, haja vista que



sua instalação teve a intenção primeira de oferecer ensino de qualidade aos filhos dos políticos e das famílias financeiramente melhor posicionadas, ou seja, a elite local.

Os sujeitos participantes desta pesquisa foram selecionados após consulta nos arquivos da secretaria da escola por terem sido matriculados logo após a saída da pesquisadora desta instituição onde foi aluna por 06 anos. Desta forma, optamos por pesquisar um período em que não tínhamos nenhum tipo de vínculo com os alunos, não sendo possível atribuir nenhum juízo de valor nem mesmo de afetividade com os entrevistados. Uma outra questão que levamos em consideração foi que os sujeitos entrevistados, permaneceram na escola por pelo menos 04 anos, período considerado suficiente para perceber e se inteirar dos conteúdos e ações religiosas lá desenvolvidas. Foram localizados por meio de referências locais, da lembrança de Irmãs mais antigas do ENSR, por meios midiáticos como e-mail e redes sociais. Em muito contribuíram para as análises desenvolvidas a partir de suas respostas aos questionamentos elaborados.

Percebemos que, ao formularem suas respostas, os sujeitos precisaram recorrer às suas memórias de infância, em suas lembranças cotidianas e afetivas da época. Nesse processo notamos que suas emoções, alegrias, tristezas, relações aluno-aluno, aluno-professor, aluno-religiosas, família-escola, foram decisivas e marcantes em dimensões diferentes da memória e das atitudes cotidianas de agora.

Os pontos de maior relevância para os sujeitos repousam na presença da família nas atividades escolares de forma direta e indireta, através de apoio e subsídios necessários: acompanhamento, incentivo, orientação, apoio e outros.

Em nossas análises, notamos que as memórias escolares dos sujeitos entrevistados repousam também na formação religiosa, na crença cristã, na participação em ritos específicos do catolicismo conforme relatado pelos sujeitos (missas, orações, rezar o terço, fazer coroação de Maria, preparação para eucaristia e outros). Repousa ainda na aceitação da necessidade dos limites disciplinares que foram aprendidos e que agora na vida adulta servem como apoio na criação dos filhos, escolhas e realizações profissionais, manutenção da harmonia da família agora constituída, nos laços de amizade ali firmados.

Os conteúdos vivenciados no ENSR foram lembrados e classificados, pela maioria dos sujeitos, como relevantes para a formação dos adultos que são hoje. Percebemos que os conteúdos como a vida de Jesus na terra, as parábolas,

os ritos pascais, natalinos, supervalorização da importância da família, amor ao próximo e solidariedade foram mais lembrados e até comentados com uma impressão de satisfação por terem tido a oportunidade de ali permanecer por alguns anos.

Quanto aos recursos materiais e metodológicos utilizados foram menos memorizados, ficando apenas a bíblia, o livro didático e atividades escritas. Desta forma, percebemos que o relevante mesmo, para esses sujeitos, foi o conteúdo, a memória que se tem dele e não a parte física que exige uma disciplina metódica, embora a disciplina tenha sido exaltada como positiva.

Percebemos, todavia, que os desdobramentos dessa análise se dão na aceitação velada dos benefícios trazidos pela educação oferecida nos moldes da escola confessional em termos de formação religiosa e valorativa, apoio da família seja ela de qual tipo for, necessidade de disciplina para a vida em sociedade. Ser um adulto consciente do seu papel social, político e religioso pode não ser objetivo apenas das famílias e da escola confessional. Pode ser objetivo particular, mas apenas percebido ou mesmo conscientizando posteriormente com a ajuda ou mesmo suporte da memória, da lembrança e da saudade de uma vivência deixada no passado, eternizada na mente humana.

Nesse sentido, acreditamos que esta pesquisa contribuiu pra que se descortinassem informações sobre uma escola confessional instalada no município de Inhumas, o ENSR.

Assim, acreditamos que não se esgotam as possibilidades de pesquisa a respeito da ação das práticas pedagógicas das escolas confessionais no tempo, uma vez que nosso estudo priorizou um determinado tempo e um determinado lugar.

## REFERÊNCIAS

ABBAGANO, Nicola. Dicionário de filosofia. Trad. Alfredo Bosi. 1º ed; São Paulo: Martins fontes. 2007. Disponível em: <file:///C:/Users/Paulo/Downloads/Dicion%C3%A1rio%20de%20Filosofia%20-%20Nicola%20Abbagnano.pdf> Acesso em: 25/10/2015.

AMORA, Antônio Soares. *Minidicionário Soares Amora da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 2009.

ANDRADE, Maria da Conceição Lima de. O poder estruturante da educação. *Revista Educação*, Ano I, Edição nº 5, Especial Bourdieu Pensa A Educação. São Paulo: Editora Segmento. Agosto/2011. P.85-9.

ANDRIOLI, Antônio Inácio. *A crítica da hermenêutica e a hermenêutica da crítica*. Revista Espaço Acadêmico. Ano III, Nº24, Maio/2003.

BARROS, Aidil de Jesus Paes de; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. *Projeto de pesquisa: propostas metodológicas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BENJAMIN, W. *Reflexões: a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Duas Cidades, 2009.

BERGER, P. L. & LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1976.

BERGER, Peter Ludwing. Religião e Construção do mundo. In: *O dossel sagrado: elementos pra uma teoria sociológica da religião*. BENEDETTI, Luiz Roberto. Org. Tradução de José Carlos Barcellos. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985, p. 15-113.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: Lembranças dos velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. *O Tempo Vivo da Memória: Ensaio de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Coleção primeiros passos: 203).

BRASIL, Constituição Federal. 35 ed. Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados. 2012. Disponível em:  
[file:///C:/Users/cliente/Downloads/constituicao\\_federal\\_35ed.pdf](file:///C:/Users/cliente/Downloads/constituicao_federal_35ed.pdf) Acesso em:  
 25/09/2015.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais, ética / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997. 146p.

CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. O lugar da família na política social. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. (org.). *A família contemporânea em debate*. São Paulo: EDUC, 1995, p. 15 – 22.

CARVALHO, André; BARROCA, Alberto. Família. De acordo com a Constituição de 1988. Belo Horizonte: Editora Lê. 1988.

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000, V II.

CEVASCO, Maria Elisa. *Dez Lições sobre Estudos Culturais*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 2004.

CRUZ, Therezinha M. L. *Didática de Ensino Religioso: nas estradas da vida*. São Paulo: FTD, 1997.

CRUZ, Therezinha M. L.; ESTAL, Maria Alice M. Del. *Religião na Escola: um assunto importante*. São Paulo: FTD, 1997.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. VI Encontro Nacional de História Oral (ABHO) – Conferência de Abertura. HISTÓRIA ORAL, 6, 2003, p. 9-25. Disponível em:  
[https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/819734/mod\\_resource/content/1/DELGADO%2C%20Lucilia%20%E2%80%93%20Hist%C3%B3ria%20oral%20e%20narrativa.pdf](https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/819734/mod_resource/content/1/DELGADO%2C%20Lucilia%20%E2%80%93%20Hist%C3%B3ria%20oral%20e%20narrativa.pdf)  
 Acesso em: 22/09/2015.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. *A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano*. Universidade de Brasília, Distrito Federal, Brasil. Paidéia, 2007, 17(36), 21-32. Disponível em:  
<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a03.pdf> Acesso em: 25/10/2015.

DOWBOR, Ladislau. A economia da família. In. *Família: redes, laços e políticas públicas*. (Orgs.). ACOSTA, R. Ana; VITALE, F. A. Maria. 2ª Ed. São Paulo: Cortez – PUC-SP, 2005, p. 293-316.

DURKHEIM, Émile. Educação e Sociologia. Edições 70; Coleção Biblioteca 70; 2007.

DURKHEIM, Émile. Da divisão do trabalho Social. 4 ed. São Paulo: Martins fontes, 2010.

DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ECO. Umberto. *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ECCO, Clóvis. *Religião e soropositivos para o HIV/AIDS: preconceitos sobre doença e sexualidade*. Doutorado em Ciências da Religião. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia: PUC Goiás, 2013. Disponível em: [http://tede.biblioteca.ucg.br/tde\\_arquivos/22/TDE-2014-05-16T103021Z-1603/Publico/CLOVIS%20ECCO.pdf](http://tede.biblioteca.ucg.br/tde_arquivos/22/TDE-2014-05-16T103021Z-1603/Publico/CLOVIS%20ECCO.pdf) Acesso em: 15/11/2015.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. 35. ed. Petrópolis; Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

GABRIEL, Fábio Antônio. *Como tudo começou*. Entrevista com José Carlos da Silva. *Filosofia, ciência e vida*. Ano VII, n 76, Nov 2012, p.5-13.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, RJ: Livros Técnicos e Científicos Editoras S.A., 1989.

GOERGEN, Pedro. *Educação E Valores No Mundo Contemporâneo*. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 26, n. 92, p. 983-1011, Especial - Out. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v26n92/v26n92a13.pdf> Acesso em: 15/12/2015.

GILES, Thomas Ransom. *História da educação*. São Paulo: EPU, 1987.

GONÇALVES, Ana Maria. *EDUCAÇÃO CATÓLICA EM GOIÁS: as Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Santíssimo Rosário de Monteils*. *Póiesis Pedagógica*, Catalão-GO, v.12, n.2, p. 45-60, jul/dez. 2014. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/poiesis/article/viewFile/33664/17803> Acesso em: 16/10/2015.

GOKHALE, S. D. A família desaparecerá? In Revista Debates Sociais nº 30, ano XVI. Rio de Janeiro, CBSSIS, 1980.

GUERRIERO, Silas. *A atualidade da teoria da religião de Durkheim e sua aplicabilidade no estudo das novas espiritualidades*. Estudos de Religião, v. 26, n. 42 Edição Especial • 11-26 • 2012 • ISSN Impresso: 0103-801X – Eletrônico: 2176-1078. Disponível em: <file:///C:/Users/EDGAR/Downloads/3409-10097-2-PB.pdf>  
Acesso em: 20/11/2015.

GUIMARÃES, Arthur; GOMYDE, Heloísa. *Émile Durkheim. Pensadores da Educação*. Nova Escola, Ano XXV, Nº . Julho. 2011. p. 26 e 27.

HAMZE, Amélia. Os Temas Transversais na Escola Básica. Disponível em: <http://educador.brasilecola.uol.com.br/gestao-educacional/os-temas-transversais-na-escola-basica.htm%20visitado%20em%2001/11/2014> Aceso em 06/05/2015.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HELLER, A. *Sociologia de la vida cotidiana*. Barcelona: Península, 1998, 4. ed.

HELMAN, Cecil G. *Cultura, Saúde&Doença*. Tradução de Ane Rose Bolner. 5ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

HOSSLER, João Henrique. *O desenvolvimento do psiquismo na vida cotidiana: aproximações entre a psicologia de Alexis N. Leontiev e a teoria da vida cotidiana de Agnes Heller*. Cad. CEDES. Vol. 24, N. 62, Campinas, 2004. disponível no site: [www.scielo.br](http://www.scielo.br)  
<http://noticias.terra.com.br/educacao/rs-demissao-de-professor-expoe-limite-entre-ensino-e-doutrina-religiosa,1cb9a724f2b0f310VgnVCM5000009ccceb0aRCRD>,  
Acessado em 14/07/2014.

<http://www.revistas.uniube.br/index.php/rpd/article/download/77/377>. RPD – Revista Profissão Docente, Uberaba, v.3, n.9, p. 47- 52, set/dez. 2003 – ISSN 1519-0919. Acessado em 11/07/2014.

IZQUIERDO, Iván. *Questões sobre Memória*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

KEHL, Maria Rita. Em defesa da família tentacular. In: GROENINGA, Giselle C. e PEREIRA, Rodrigo da C. *Direito de Famílias e Psicanálise: Rumo a uma Nova Epistemologia*. Rio de Janeiro: Imago, 2003. p. 163 – 176.

KLEIN, Roseli B. Escola Confessional: Uma Discussão Sobre A Manutenção Da Disciplina (1917- 1945). Disponível em: [http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer\\_histedbr/jornada/jornada10/files/lokSQxkF.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada10/files/lokSQxkF.pdf) Acesso em: 12/09/2014.

KUSSLER, Leonardo Marques. *As diferentes tomadas de conceito de memória em Paul Ricoeur*. X Salão de Produção Científica PUCRS, 2009.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: Um conceito antropológico*. 14ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LEAL, Luana Aparecida Matos. *Memória, Rememoração e Lembrança em Maurice Halbwachs*. Disponível em: <http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao18/artigos/045.pdf> Acesso em: 22/12/2015.

LEFEBVRE, Henri. *Critique de la vie quotidienne*. Paris: L'ArcheÉditeur, 1958, Vol. I. 2a ed.

LEFEBVRE, Henri. *La survie du capitalisme: La re-production des rapports de production*. Paris: Anthropos, 1973.

LEMOS, Carolina Teles. *Religião e tessitura da vida cotidiana*. Goiânia: Ed. Da PUC – Goiás, 2012.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ Marli. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986. ( Cap. 2 e 3 – p. 11 a 44).

MACEDO, R. M. S.; MACEDO, Rosa Maria Stefanini de. *Família: pesquisa e intervenção – Coletânea1*, São Paulo: Press Grafic, 1994. V. 2.

MADEIRA, Maria Joaquina Ruas. *Coesão Social e Acção Social*. Lisboa, Dezembro de 1996. Colecção: Repensar a Acção Social, Nº 1. ISBN 972 - 95777 - 1 - 4. Disponível em: <http://www.seg-social.pt/documents/10152/18931/Coesaosocialaccasocial/f96c2efc-7ada-4766-a195-18e74b27c780/f96c2efc-7ada-4766-a195-18e74b27c780> Aceso em: 08/11/2015.

MINUCHIN, Salvador. *Famílias: Funcionamento & Tratamento*. Trad. Jurema Alcides Cunha, M. a., L. D. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

MARCONDES, Lea Rocha Lima; MENSLIN, Douglas Jeferson; RIBEIRO, Edilson; JUNQUEIRA, Sérgio Azevedo. *Educação Confessional no Brasil uma perspectiva*



ética. Educere; Anais do evento; 2007. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2007/anaisEvento/arquivos/CI-061-11.pdf> Acesso em: 01/10/2015.

MARTIN, Claude. Os limites da proteção da família. *Revista de ciências Sociais*, Coimbra: nº 42, maio, 1995.

MARTINO, Luís Mauro. *Religião e senso comum: um diálogo com Gramsci*. Disponível no site: [www.pucsp.br/nures/revista1/luis.pdf](http://www.pucsp.br/nures/revista1/luis.pdf) visitado em 9 de Junho de 2008.

MARTINS, José de Souza. *Caminhada no chão da noite*. São Paulo: Hucitec, 1989.

MARTINS, José de Souza. *O senso comum e a vida cotidiana*. Tempo Social; Rev. Sociologia. USP, S. Paulo, 1998. Disponível no site: [fflch.usp.br/sociologia/temposocial\\_2/pdf/vol10n1/0%senso.pdf](http://fflch.usp.br/sociologia/temposocial_2/pdf/vol10n1/0%senso.pdf)

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. "Escola confessional" (verbete). *Dicionário Interativo da Educação Brasileira - Educa Brasil*. São Paulo: Midiamix Editora, 2002, <http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=243>, visitado em 14/7/2013.

MINUCHIN, Salvador. *Famílias: Funcionamento & Tratamento*. Trad. Jurema Alcides Cunha. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

MODESTO, Ana Lúcia. *Religião, escola e os problemas da sociedade contemporânea*. In DAYRELL, Juarez. (Org.) *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996. p. 77 – 84.

MOREIRA, Cleumar de Oliveira; MORREIRA, Gleidson de Oliveira. *História, Vida e memória do Legislativo Inhumense*. Goiânia: Kelps, 1998.

MOREIRA, Cleumar de Oliveira/ NASCIMENTO, Otaviano Ribeiro/ ABDALLA, Maria de Lourdes Salomão. *Inhumas – Identidade e Progresso*. Goiânia, Kelps, 2008.

MOSCOVICI, S. & HEWSTONE, M. De la ciência al sentido comum. In: Moscovici, S. (org.) *Psicologia social II*. Barcelona: Paidós, 1988.

MOSCOVICI, S. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.  
PAIS, José Machado. Nas rotas do cotidiano: paradigmas sociológicos na análise da vida cotidiana. In: *Vida cotidiana: enigmas e revelações*. São Paulo: Cortez, 2003.

PARKER, Cristián. *Religião Popular e modernização capitalista: outra lógica na América Latina*. Trad. Attílio Bruneta. Petrópolis: Vozes, 1996.



PARRAT-DAYAN, S. Como enfrentar a indisciplina na escola. São Paulo: Contexto, 2008.

PEREIRA, P.A. Desafios Contemporâneos para a Sociedade e a Família. In: *Revista Serviço Social e Sociedade*. nº 48, ano XVI. São Paulo. Cortez, 1995.

QUEIROZ, Tânia Dias. *Dicionário prático de Pedagogia*. São Paulo: Rideel, 2008.

REEBER, Michel. *Religião: termos, conceitos e idéias*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

REIMER, Haroldo. *Da crítica à autoridade por trás do texto à intentio auctoris*. s.l.; s.n.; s.d.

REIMER, Ivoni Richter. *Trabalhos acadêmicos: modelos, normas e conteúdos*. São Leopoldo: Oikos, 2012.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução: Alain François. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

ROSA, Luís Carlos Dalla. *Educar para a sabedoria do amor: a alteridade como paradigma educativo*. São Paulo: Paulinas, 2012.

SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1996. – (Coleção primeiros passos; 110)

SARTI, Cynthia A. A família como ordem moral. In: *Cadernos de Pesquisa*, N. 91, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1994.

SCHUNEMANN, Haller Elinar Stach. *A Educação Confessional Fundamentalista no Brasil Atual: Uma análise do sistema escolar da IASD (Igreja Adventista do Sétimo Dia)*. In Rever. *Revista de Estudos da Religião*. Setembro de 2009, p. 71-97. ISSN 1677-1222

SIMIONATO, Marlene A. W e OLIVEIRA, Raquel Gusmão. *Funções e Transformações da família ao longo da história* (2009). Disponível em: <http://www.abpp.com.br/abppprnorte/pdf/a07Simionato03.pdf>. Acesso em: 21 de junho de 2012.

SINGLY, François. de. *Sociologia da Família Contemporânea*. Tradução de Clarice Ehlers Peixoto. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2007.

SOUZA, Lizete Quelha de. *Pensamento de Foucault e memória social: entre diferentes modos de subjetivação e possíveis resistências*. 2012. 179f. ; 30 cm  
Orientador: Francisco Ramos de Farias. Tese (Doutorado em Memória Social) -  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SZYMANSKI, Heloisa. Teorias e “Teorias” de famílias. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. (org.). *A família contemporânea em debate*. São Paulo: EDUC, 1995, p. 23 – 27.

TURKENICK, Abraham. Famílias Ocidentais no Século XX. In: PORTELLA, Ortiz Fabiana; FRANCESCHINI, Ingrid Schroder (Orgs.). *Família e Aprendizagem: uma relação necessária*. Rio de Janeiro: Wak, 2011, p. 11-36.

ZAGURY, Tânia. *Escola sem conflito: parceria com os pais*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

## APÊNDICE

### Apêndice 01: QUESTIONÁRIO

Idade: \_\_\_\_\_ Estado civil: \_\_\_\_\_

Sexo: Masculino ( ) - feminino ( )

Filhos: \_\_\_\_\_

Profissão: \_\_\_\_\_

Grau de escolaridade: \_\_\_\_\_

Reside na cidade de: \_\_\_\_\_

### # Enquanto estudava no Educandário Nossa Senhora do Rosário

- Com quem você morava? \_\_\_\_\_

- Você estudou nesta escola por quantos anos? \_\_\_\_\_

- Você gostava da escola? Por quê? \_\_\_\_\_

- Você frequentava alguma religião? Qual? \_\_\_\_\_

- Quando esteve na escola se lembra de participar de algum evento religioso interno? Se sim, com foi?

\_\_\_\_\_

- A sua família e/ou responsável era ciente da sua participação nas atividades religiosas que a escola desenvolvia? \_\_\_\_\_

- Como descreve as lembranças que você tem dessa época? \_\_\_\_\_

- Você teve aulas de Religião ou Educação Religiosa? \_\_\_\_\_

- Qual era o material utilizado nas aulas? \_\_\_\_\_

- Você se lembra dos temas abordados durante as aulas? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

- Havia alguma forma de fixação desses temas? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

### # Atualmente

- Você considera que foi relevante para sua vida ter estudado em uma escola confessional? Por quê?

\_\_\_\_\_

- Você se considera uma pessoa religiosa? \_\_\_\_\_

- Existe alguma relação em ter estudado no Educandário e a forma como vê a vida hoje? \_\_\_\_\_
- Você considera que algum ou alguns temas religiosos vistos na infância durante as aulas foram relevantes para formação da pessoa que você é hoje?  
\_\_\_\_\_
- Qual ou quais desses temas é o mais lembrando por você? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
- O que ficou de mais importante desta época da sua vida escolar? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
- Qual seria ou quais seriam os temas que deveriam ser abordados hoje pela escola, que continuam em pleno funcionamento, para auxiliar na formação dos jovens que estão lá? \_\_\_\_\_
- Você acredita que a escola confessional é uma boa opção para a Educação nos dias atuais? \_\_\_\_\_
- A escola confessional é uma opção que possa ser sua para a formação das crianças da sua família? Por quê? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
- O que você mudaria na sua vivência enquanto aluno daquela instituição?  
\_\_\_\_\_
- Existe algo que você esperava da escola e não alcançou no sentido da formação religiosa? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Obrigada!

## ANEXO 1

Fachada antiga do Educandário Nossa Senhora do Rosário



**ANEXO 2****Emblema da Escola**



## ANEXO 3

### Fachada atual da escola

